



Um motivo pra Sorrir

UM ROMANCE DE BRUNA LONGOBUCCO



Um motivo pra sorrir

Bruna Longobucco

Agradecimentos

Primeiramente a Deus pela magia da escrita.

Aos leitores:

Porque sem eles nenhuma página ganha vida.

Aos amores:

Meus pais, pela infância e juventude maravilhosa;

Meus avós, pelo exemplo de força e caráter;

Meus irmãos, pela nossa história em comum;

Minha tia, pela presença e carinho;

A todos os meus amigos, sempre queridos.

Ao meu marido e meus filhos,

pela inspiração,

por tolerarem minhas horas de ausência para escrever,

por tudo que são e significam para mim.

A todos que me deram sua contribuição preciosa, como a Carla Santos, que além de ser minha leitora beta, revisou mais este original, possibilitando que ele saísse do monitor e ganhasse vida impressa.

Agradeço ao amigo Hélio Magalhães,

administrador, pequeno produtor rural em Bom Sucesso, MG,

e apreciador da boa cachaça mineira,

por ler e fundamentar o alambique de meu romance.

*Amor quando olho em seus olhos e alcanço o céu em pensamentos
Amor quando supero o comum e o razoável
Amor quando sou tantos sentimentos
E invade as horas uma saudade insuportável de você
Amor quando brilha a lua num pequeno gesto
E o céu sorri estrelas
De um brilho raro e nada modesto
Amor se nos tocamos
Se somos brisa e ansiedade
vento e tempestade
Amor é um beijo roubado
Um ciúme inventado
um ritmo descompassado
Meu jeito mais louco e ousado
Amor supera explicação
E mesmo sendo imprudente
AMOR é adorável e surpreendente.*

UM MOTIVO PARA SORRIR

Sinopse:

Um romance explosivo está prestes a acontecer!

Aos dezoito anos, Bianca é uma moça apegada a vida na cidade, que se muda para o interior de Minas Gerais contra a vontade, pois não tem outra opção senão acompanhar seus pais, de quem ainda depende. É uma jovem que vive conflitos familiares, de personalidade complexa, língua afiada e gênio forte, mas, acima de tudo, é linda e irresistível.

Aos vinte e cinco anos, Leandro foge de compromissos românticos. Abandonou a faculdade de Administração, em Belo Horizonte, para assumir a propriedade rural que herdou do avô. Uma fazenda cuja fonte de renda está centrada na produção de cachaça e café, dois produtos fortes no estado em que vive. Apesar de sua ótima condição financeira é um rapaz sério, trabalhador e simples, que guarda uma paixão: ter um haras. Um sonho que acalenta desde menino.

Ao auxiliar o pai de Bianca a iniciar sua criação de cavalos, conhece a jovem intempestiva por quem sente uma atração imediata. Ele literalmente desaba sobre ela. E nasce aí um relacionamento tumultuado, cheio de desafios, armadilhas e acontecimentos marcantes.

Bianca será submetida a muitas provas para entender que, apesar de tudo, sempre existe um motivo pra sorrir.

“Também já tive um gênio tão difícil, um coração pior. E mais razão, talvez, pra revidar palavra por palavra, ofensa por ofensa. Vejo agora, porém, que nossas lanças são de palha. Nossa força é fraqueza, nossa fraqueza, sem remédio. E quanto mais queremos ser, menos nós somos.” (*A megera domada*, William Shakespeare.)

“Ela era o fogo que o queimava. O olhar que o atiçava. A resposta que o desafiava e a vontade que o enlouquecia. Ele sempre fugiu de tudo o que ela representava, mas não adiantou, porque não havia definição nenhuma que o fizesse correr quando ela se aproximava.”

Prólogo

“A adversidade é o primeiro caminho para a verdade.”

(Lord Byron)

Interior de Minas Gerais, 2004

Ela

Bianca observou suas lágrimas tocarem a superfície do lago. Se ela vivenciava um turbilhão internamente, as pequenas gotas que ali caíam representavam quase nada. Fixou seu reflexo, as águas turvas e enlameadas sombreavam seu corpo. Olhou para o lado e analisou a estrada de terra desanimada. Reparou que a vegetação começava a se agitar. Na certa, viria outro temporal. Pedrinhas minúsculas rolavam, enquanto a terra vermelha da estrada se levantava. Detestava aquele vento que só faltava carregar seus cabelos. Sentiu o gosto da poeira na boca e revoltou-se novamente contra a atitude dos pais.

Nunca aceitaria aquela mudança para o interior, nunca! Não era justo. Os pais decidiram brincar de fazendeiros e obrigaram-na a acompanhá-los para morar naquele fim de mundo sem que pudesse fazer nada para evitar. Não tinha a menor ideia do que seria agora, longe da cidade, das baladas, gostava mesmo era de multidões, do ambiente dos shoppings, do asfalto. Detestava insetos, terra vermelha, lama, o cheiro do esterco dos animais. E mesmo assim estava condenada a viver ali, num sítiozinho idiota no interior de Minas, num lugar onde não conhecia ninguém e onde nada a agradava.

Acomodou-se na grama e abraçou os joelhos sentindo-se perdida e profundamente infeliz... Pela primeira vez sentia-se sem saída.

Ele

Naquela manhã, enquanto observava o horizonte, Leandro respirou aliviado. Acabava de chegar da fazenda vizinha. Conversou seriamente com Fabiana, a moça com quem saiu nos últimos finais de semana. Antes eram só amigos. Gostava muito de Mirtes, a mãe dela, um doce de pessoa. Uma mulher que adorava cavalos e tinha sido campeã de corridas no passado. Sabia que ela deixou a vida de amazonas depois que se casou. Quando foi ao haras do marido dela escolher seu primeiro garanhão, Mirtes fez questão de orientá-lo. A filha dela, no entanto, interpretou mal a amizade que ele queria travar com a mãe e foi se insinuando, insinuando, até que ele caiu em tentação. Trocaram uns beijos, ela era bonita, agradável, tinha um corpaço, mas então percebeu que ela queria bem mais do que apenas beijos e seu alerta soou. Não teve coragem de se envolver intimamente. Ela foi se tornando cada vez mais presente e insistente. Então, depois de uma noite maldormida, decidiu cortar o mal pela raiz e disse que não estava pronto para assumir um relacionamento com ninguém.

Aprendeu com o avô, que no interior, diferente do que acontece na capital, as famílias levavam qualquer envolvimento a sério. Sério demais. E se ele tinha uma certeza na vida é que não queria se casar. Não mesmo!

Para complicar, o pai dela era o prefeito da cidade. Um homem corrupto, arrogante, e que certamente faria um escândalo na região caso ele aprontasse com a sua

filha caçula.

A verdade é que o casamento dos pais nunca foi feliz e não queria passar por aquele tipo de angústia. Via a mãe sempre infeliz, tomando ansiolíticos e se lamentando. Os pais tinham um saldo negativo de amor e positivo de brigas, desentendimentos e até traição.

Cavalgou sentindo o vento contra o rosto. Amava o vento e o cheiro de mato. Então, freou seu cavalo marrom, o Stallone. Garboso, apesar do tom de mel escuro, ele tinha uma faixa de pelos brancos acima dos quatro cascos, como se usasse meias e a crina franjada também branca, o que era um charme. Leandro fez um carinho no animal e do alto da elegante montaria admirou a extensa plantação de café. Os pés estavam carregadinhos e a próxima colheita se aproximava.

Vendia grãos selecionados, de primeira qualidade e aroma incomparável. O avô, Sr. Altair, fez do café e da cachaça mais do que uma forma de ganhar dinheiro, ele os transformou em tradição.

Não havia quem não elogiasse os produtos da Fazenda do Laço. Foi justamente movido pela dedicação e energia do avô que deixou muita coisa para estar ali. Afastou-se da família e abandonou a faculdade. Desde pequeno passava quase todos os finais de semana e férias com o avô. Foi assim que aprendeu a amar a fazenda e a vida no interior. Agora que ele partiu tinha uma missão a cumprir. E quem sabe um dia conseguiria ainda realizar sua grande paixão: ter um haras.

Capítulo Um

Maria afastou-se do marido e foi procurar pela filha. Bianca era esquentada demais. Tinha um gênio forte e não estava nada feliz com a mudança. Caminhou pensativa. Gostava da paisagem do sítio. As pastagens eram, em sua maioria, um tapete verde, mas havia trechos de mata fechada e outros de montanhas.

Percorria uma alameda que ia da casa até a porteira de entrada do terreno, circundada por árvores altivas e flores diversas. A estradinha de terra vermelha em uma das margens abrigava um lago.

Mas se ao seu redor havia quietude e beleza, aconchego e natureza, o coração se agitava pela filha mais velha. Ao mesmo tempo se irritava com ela. Finalmente a avistou mais à frente, sentada de frente para o lago.

Nunca imaginou que ela fosse reagir com tamanha agressividade à decisão de morar no interior. Em nada lembrava seu gênio ou o do marido e sabia bem o motivo... Um nó se formou na garganta, algo misto de culpa e remorso, mas de nada adiantaria recordar o passado, embora não pudesse apagá-lo.

“Essa dor, essa interrogação que eu não posso expressar é o preço que a gente paga quando silencia a verdade”, pensou.

Triste, sentou-se ao lado da adolescente. Queria tocar seus cabelos, mas não conseguiu. Cada vez que ia fazer um carinho na filha ela impedia. No fundo se culpava, pois não conseguia ser amorosa com ela. Nunca conseguiu. Entre ela e a filha havia um poço de mágoas guardadas há anos. Bianca não tinha culpa, ainda assim, não podia evitar o ressentimento e aquela inaceitação.

Esquiva, a moça olhou para o chão e bufou.

— Não fica assim, tanta raiva vai te fazer mal.

— Por que, mãe?! Por que fizeram isso comigo?

— Não é sempre uma questão de você. Quando me pergunta por que fizemos isso *com você* parece até que foi uma decisão tomada em prol da Bianca. Não foi. Tem idade suficiente pra entender o que se passou, tente ser mais compreensiva, solidária. Seu pai está estressado, com a saúde abalada, não percebe que estamos tentando reconstruir nossas vidas?

— Pera aí, mãe, dá um tempo! Meu pai sempre foi uma pessoa ausente. Nunca viajamos juntos, não saíamos, não fizemos programas normais como as outras famílias. Aliás, nunca fomos uma família normal. De repente, vocês decidem brincar de casinha na roça?! Faça o favor, isso é mudar de vida radicalmente! Acha justo comigo?

— Nunca é tarde para um recomeço.

— Detesto esse blá-blá-blá filosófico e não sei por que motivo as pessoas insistem em repetir essas frases imbecis. “nunca é tarde”, “a esperança é a última que morre”, “vai dar tudo certo” e por aí vai... quer saber? Toda essa falação não passa de um jeito patético de enganar os outros, de colocar a dor em stand-by. E nem me fale de ditos populares

como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, não fura coisa nenhuma, *no way!* É uma enrolação só, adia a realidade e mais nada. No máximo, umedece, encarde, cria musgo, saco! Acontece que eu cresci. Tenho noção das coisas. Desde quando sou obrigada a aceitar o que não escolhi?

— Desde que depende de seus pais.

— Isso não justifica nada. É só mais um motivo para se importarem com o que sinto. Não pedi pra nascer. E não tenho culpa se não me ensinaram a me virar sozinha. Agora ia valer muito eu ter um *trampo*.

— Mas não tem, certo?! Bianca, tente ver o nosso lado também. Estamos buscando mais qualidade de vida. A condição que temos hoje nos permite viver melhor e com mais tranquilidade. Não pode ser tão incompreensiva. É muita amargura para tão pouca idade.

— Será por quê?! — Maria desviou o olhar, preferiu ignorar. — Acontece que se sou assim não posso garantir que o mérito é só meu. Sou *made in you, ok?* — E continuou: — Será que não pensaram nas consequências de seus atos ao me forçar a uma vida que não quero? Fui obrigada a deixar minha cidade, meus amigos. O que estou vivendo é uma tortura. Não suporto a ideia de morar neste *caipmundo* subdesenvolvido. Nem a TV pega direito nesta roça.

— Isso não é problema. Seu pai já agendou a instalação da parabólica.

— Grande coisa! — Encarou a mãe chorosa, enxugando o rosto com as palmas da mão.

— Sei que não está sendo fácil, mas a cada dia tem se mostrado mais intransigente, mais intolerante. Reconheço que seu pai falhou, esteve ausente, mas apesar disso você sempre teve tudo o que quis, não te negamos nada e foi justamente isso que a tornou tão voluntariosa.

— Valeu! Mais um adjetivo pra minha coleção — afirmou, arqueando as sobrancelhas em tom de ironia.

— Está na hora de crescer. Precisa entender que o mundo não gira ao redor das suas vontades.

— É mesmo, mamãe?! E será que alguém realmente enxerga o mundo além de suas vontades? Nãooooo, eu respondo. Porque quando enxerga vira santo. E você e o papai são dois egoístas.

— Está enganada. Um dia vai me agradecer por esta mudança. E nem todo mundo precisa ser santo para ser humano, solidário. De qualquer forma, não me cabe aqui julgar santidade. O que peço é que seja mais compreensiva. Erramos muito, mas isso não nos impede de tentar acertar. Faça um esforço para se adaptar a sua nova condição. Veja sua irmã. A Bruna tem se saído muito bem e é mais nova do que você. Afinal, tem dezesseis anos, plena adolescência. Pra ela é mais difícil, porque além de deixar a cidade e os amigos teve que se adaptar a uma nova rotina, um novo colégio, uma visão completamente diferente da que teve até agora.

— Ah, tinha que falar na filhinha querida, é claro! Sempre tão boazinha, tão doce... Uma dissimulada, isso sim! A songamonga podia ter ficado com a titia e

continuado os estudos em Belo Horizonte, mas não, preferiu acompanhar o papai e a mamãe sujeitando-se a estudar na roça no meio dessa caipirada intragável e purgante! Já eu nem tive opção.

— Conhece nossas razões. Negamos porque não fez por merecer. Quase morreu num acidente porque sua amiga dirigia bêbada. Duas semanas depois tivemos que tirá-la da delegacia porque se enfiou numa *rave* onde todos se drogavam. Sem falar que prestou serviços comunitários aos dezessete anos porque pichou uma igreja e uma escola infantil com uma turminha nada legal. Não consegue conviver em paz com ninguém. Seus tios ficaram com medo de te hospedar. Nem quero pensar nos problemas que iria causar se ficasse sozinha lá. Confiança, Bianca, a gente conquista.

— Acabou o sermão?

— Não vou mais discutir e me desgastar. É apenas uma mudança provisória em sua vida. Como eu disse, depende de nós, por isso não tem escolha. Já concluiu o ensino médio, está com dezoito anos. Coloque sua cabeça no lugar. Trace metas para o futuro. No final do semestre irá prestar vestibular e se passar a gente conversa. Se quiser ir para uma república irá, se quiser dividir um apartamento com suas amigas vamos te proporcionar essa chance, desde, é claro, que passe a demonstrar responsabilidade e equilíbrio emocional.

— Vivendo aqui?! — Bianca olhou com desdém uma vaca que bebia água perto delas. — Se liga, mãe! Odeio vacas, odeio mato, detesto caipiras e odeio vocês! Eu quero ir embora! Embora, ouviu?

— Pois estude bastante e faça por merecer. Tempo não te falta. E enquanto estiver aqui tente usar menos maquiagem e mais filtro solar. — Maria observou as faces alvas vermelhas de tanto sol. Uma sombra escura desenhava os olhos já fundos devido às olheiras, havia lápis preto manchando o rosto e as unhas exibiam um azul medonho, gritante.

— Não pode me obrigar a estudar. E meu *look* é um problema meu.

— Não posso te obrigar a estudar mesmo. Mas enquanto nós te sustentarmos delimitamos as regras e você obedece.

Enfurecida, olhos transbordantes, a adolescente se levantou e chutou a grama.

— Eu quero voltar pra Beagá!

— Chega, Bianca! Não adianta se comportar como se tivesse cinco anos. Só vai voltar se seu comportamento mudar e provar que merece, entendeu?

Maria também se levantou. Caminharam juntas embora mais afastadas do que nunca. Ao alcançarem a varanda de casa, Bianca se sentiu ainda pior vendo o pai e a irmã em tamanha harmonia. Era inevitável o ciúme. Impossível não se irritar com a irmã sempre tão meiga, tão diferente.

Passou por eles velozmente e bateu a porta da sala. Seguiu para o próprio quarto e fez questão de se trancar ali. Só sentia vontade de chorar sem parar e agredir as pessoas. Ninguém a entendia. Ninguém e, às vezes, tinha a impressão de que seria assim por toda a vida.

Paulo lamentou o estado da filha. Fazia com que se lembrasse de sua juventude, o mesmo espírito rebelde, a mesma impulsividade, pensava estar sempre com a razão, até aprender que não sabia nada.

Muitas vezes sentiu remorso por ter maltratado tanto o pai e a mãe. Foi um jovem ambicioso, queria sempre mais. Revidava qualquer gesto de carinho com revolta.

Mas a vida se encarregou de ensinar a lição e, mesmo a trancos e barrancos, amadureceu. Ainda rapaz, sofreu um grande choque com a morte brusca dos pais em um acidente de automóvel. Sendo filho único, não pôde contar com ninguém e só então se deu conta de tudo o que perdeu.

A situação financeira precária lhe deu forças para lutar. Sua herança foi a modesta casa onde morava; para mantê-la, precisou trabalhar. Teve um difícil começo, mas chegou longe como profissional, pelo menos, mais do que acreditava ser capaz. Começou como um simples auxiliar de escritório, em alguns anos, após passar por vários cargos e setores, tornou-se proprietário de um restaurante.

E novamente errou... O trabalho sugou o que tinha de melhor como ser humano. Dedicou-se tanto que acabou passando dos limites. Perdeu os melhores anos das filhas. Qualquer assunto de negócio exigia sua total atenção. Entre viagens e compromissos, não viu o tempo passar. Chegou a tal nível de estresse que, há pouco menos de um ano, sofreu um infarto e só a possibilidade da morte o fez parar.

A recuperação foi lenta e o médico foi claro: ou diminuía o ritmo de trabalho e maneirava um pouco ou não iria longe. Por alguns dias refletiu. Ficou deprimido. Sem o apoio e carinho da esposa não teria suportado.

Deixou a direção dos negócios na mão do cunhado, seu gerente há dois anos. Era sério, competente, sabia que não iria decepcioná-lo. O fato é que partiu para uma nova vida. Morar no campo foi algo que sempre desejou. Um sonho distante que por ironia do destino se tornou realidade. Somente quando viu sua vida ameaçada, soube que era hora de mudar. Colher os frutos que plantou. Não mais escravo do dinheiro. E mesmo que fosse tarde, queria resgatar um pouco do que perdeu, orientar as filhas, passar alguns valores, ser o marido que a mulher merecia, enfim, viver no sentido pleno da palavra pela primeira vez. Talvez, fosse sua última oportunidade.

A noite trouxe a chuva e Bianca preferiu não sair do quarto. Se já detestava aquele lugar com sol, com chuva então nem se fala.

Sentou-se em frente ao espelho e lamentou a imagem deplorável. O rosto estava inchado de tanto chorar e a expressão abatida apagava o brilho dos olhos azuis. Olhos que, segundo a mãe, herdara da avó paterna. Seus pais e a irmã tinham olhos escuros. O pai tinha cabelos pretos e a mãe e a irmã cabelos lisos e cor de mel. Os dela eram ondulados e ruivos, contrastando com a pele alva. Incrível, a não ser pela estatura mediana, em nada se parecia com a família. Desde pequena questionava as diferenças. Pelo visto, seriam cada vez maiores.

Capítulo Dois

O amanhecer levou embora o friozinho típico da noite e trouxe um sol radiante. Maria percorreu a varanda e aspirou o ar fresco da manhã como se fosse uma bênção. Desde que esteve no sítio pela primeira vez soube que aquele seria o lugar onde queria passar o resto de seus dias.

Não que fosse uma grande propriedade, um terreno a perder de vista, só tinha 50 hectares, mas era muito especial. Algo que podiam manter. Algo que podiam usufruir.

Paulo conservou o mesmo caseiro do antigo proprietário. Criavam algumas cabeças de gado e uma boa área era destinada à horticultura. Além disso, havia diversos animais, desde cavalos até porcos, galinhas, cabras, enfim, todos instalados com uma infraestrutura adequada e que pretendiam implementar ainda mais.

A casa onde moravam não era propriamente grande, porém, com algumas reformas tornou-se confortável e acolhedora. Rústica, mas charmosa. Era toda revestida de tijolinhos. As janelas e o telhado em estilo colonial e a varanda em madeira envernizada. Na parte de trás improvisaram uma pequena lavanderia onde Maria fez questão de adaptar todas as praticidades que possuía na cidade.

Samambaias ornavam a varanda de fora a fora e, duas redes, uma em cada extremidade, proporcionavam uma atmosfera de aconchego. Uma pequena mesa preta em ferro trabalhado e quatro cadeiras preenchiam o ambiente e uma charmosa escada lateral conduzia ao sortido pomar.

Perdida em reflexões, não viu o marido se aproximar. Cabisbaixo, sentou-se à sua frente.

— Nós vamos conseguir, querida. A Bianca vai acabar entendendo.

— Não acredito, está se mostrando mais arrogante e egoísta do que nunca. Lembra a última faxineira que passou lá em casa? Quando saiu, olhou pra mim e me disse: “Boa sorte com a fera, vai precisar”. E ela se referia à nossa filha. E teve o *chef* do restaurante que veio nos dizer que nossa filha mais velha era uma megera, lembra disso?

— Ficou bravo porque Bianca mandou o garçom devolver o prato três vezes. E quando ele pediu para falar com ela, ela afirmou que a comida dele tinha gosto de sabão.

— É justamente essa falta de sutileza que me assusta, Paulo. Bianca pisa nas pessoas.

— Talvez seja franca demais, Maria. Não vamos ser injustos, outros clientes reclamaram do ex-*chef*. Tanto que ele pediu demissão. Se quer minha opinião, eu falhei como pai. Sei que ela não é feliz.

— Você errou quando se afastou de nós por causa de trabalho, mas eu também errei. Mesmo amando minhas filhas como amo e não querendo impor nenhuma diferença entre as duas, acho que, inconscientemente, eu... bem, você sabe...

— Não, Maria. Não se culpe. A Bianca sempre teve um gênio difícil. Foi uma criança complicada e se tornou uma adolescente rebelde. Apesar de não ser seu verdadeiro

pai, me identifico muito com ela.

— Você é o pai dela!

— Eu sei. Não me entenda mal. É que mesmo não sendo o pai biológico, sinto que se parece comigo... sua personalidade, quero dizer.

Maria não pôde evitar a familiar sensação de angústia.

— Se ela já se sente tão distante de nós sem conhecer a verdade, imagina se descobre.

— Nem brinca. Ela não pode saber. Eu a registrei, a criei como se fosse minha e tudo deve permanecer como está.

— É como se o passado fosse uma sombra em nossas vidas. É duro ter que conviver com esse segredo dia após dia. Eu tinha o dever de ter contado tudo. Fui covarde... Tenho me martirizado durante anos. Principalmente quando ela questiona as diferenças físicas. Como pode se parecer tanto com aquele cafajeste? Às vezes, penso que é castigo.

— Para com isso. Ele está morto e o que foi como pessoa já não importa mais.

Da varanda Bianca avistou os pais abraçados e, mais uma vez, experimentou o velho sentimento de rejeição.

Resolveu se afastar.

Enquanto caminhava enfiou o tênis branco no esterco e xingou um monte. Infeliz, tentou limpar o calçado na grama. Daí se sentou e então chorou compulsivamente, assim como havia feito nos últimos dias. Estava irritada, zangada e o pior é que tentou falar com as primas pelo celular e até com algumas amigas, mas todas se esquivaram de abrigá-la por um tempo ou mesmo só alguns dias em Belo Horizonte.

A verdade é que as mães não a queriam por perto. Ela era considerada a típica garota problema. Olhou o tênis com os olhos vermelhos e inchados. Estava perdido. Levantou-se e seguiu a esmo.

Aproximou-se do estábulo e se debruçou no muro baixo que o cercava. Viu alguns bezerrinhos mamando. Não gostava do cheiro, mas precisava admitir, até que eram bonitinhos. Admirou o pelo sedoso e os olhos grandes e brilhantes, quase todos eram malhados e a encararam com curiosidade. Se não estivesse tão pra baixo até teria se divertido.

Andou mais um pouco e foi até as baias dos cavalos, torcendo o nariz. Mesmo sem querer admitir gostava deles. Eram animais altivos, inteligentes e donos de uma beleza soberana.

Então, ouviu uma voz vinda do celeiro e a curiosidade fez com que fosse até a porta espiar. Estava justamente entrando no galpão, quando colidiu com um enorme pastor alemão e se não se apoiasse na parede teria levado um tombo e tanto. Aliviada por escapar do incidente encarava as próprias mãos sujas sem saber o que fazer. De repente, uma sombra a cobriu. Na realidade, alguém desabou sobre ela. Quando percebeu, estava no

chão. Levou alguns segundos para entender que fora soterrada por um homem. Sob o tecido de uma camisa suada e poeirenta, gritou histericamente e um rapaz, tão surpreso quanto ela, mais do que depressa se levantou.

— Nossa, desculpa aí, moça, eu não te vi! — explicou ele rapidamente estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. Era alto, jovem, forte e mais bonito do que ela gostaria de admitir. Bianca ignorou o gesto e se levantou sozinha, limpando as mãos na calça.

— Deu pra perceber. Carinha mais sem noção! Por acaso, não olha por onde anda?!

— O cachorro do Osório fugiu e eu estava atrás dele. Acabei me enrolando na corda que está presa à coleira.

— Ai que ódio, ainda por cima me sujei toda e a culpa é sua! — Ela analisou a calça *leg* preta enlameada. A *baby look* lilás não estava em melhores condições.

— Não foi de propósito, já disse. — Leandro percebeu que a garota estava quase chorando. Aquele não era mesmo o seu dia de sorte... — Sinceramente, não fiz por mal, moça. Não precisa ficar desse jeito.

— E daí que não foi por querer? O fato é que estou imunda! Quase tão imunda quanto você — respondeu irritada, enquanto o analisava criticamente. Era alto, forte, moreno claro e tinha lindos olhos pretos. Os cabelos lisos, num tom que parecia de castanho-escuro, estavam agora brancos de poeira ou alguma espécie de farinha, ela não sabia o que era aquele pó esbranquiçado no chão. Ele vestia um jeans velho rasgado e sujo de esterco. A camisa bege de malha não se encontrava em melhores condições.

Os dois se encararam numa postura clara de desafio.

— Por acaso é a única roupa que tem? — perguntou esquentado com o olhar de desprezo que ela lhe lançou.

Bianca sorriu ironicamente, arqueando a sobrancelha direita e respondeu maldosa, os olhos azuis e lindos chamuscantes:

— Aff, caipira! Não me confunda com você!

— Pelo jeito, tem mesmo a língua afiada.

— Para um empregadinho, você é muito folgado.

— E você é arrogante e mal-educada!

— Meu pai é mesmo um trouxa. Eu jamais aceitaria alguém tão topetudo para trabalhar comigo.

— Hum... Se é filha do Paulo, não se parece nada com ele. Seu pai é gentil e educado.

— Pois vou fazer questão de narrar nosso encontro. Grosso!

— Aproveita e pede pra ele uma coleira. Solta por aí pode acabar avançando nos outros.

— Caipira idiota! Não perde por esperar! — Ela se afastou chispando fogo. Quem

aquele *rural boy* de quinta pensava que era? Sentiu vontade de esganá-lo com as próprias mãos. Deixe estar, logo daria o troco.

Uma hora se passou desde o incidente com o cachorro. Furiosa, Bianca só conseguiu se acalmar após o banho. Não conseguia esquecer a cena no estábulo e um sorriso maldoso desenhou-se em seus lábios.

— Como era mesmo o nome do rapaz?

Bom, mais tarde daria um jeito de descobrir. Não costumava deixar nada barato. Ele veria bem do que era capaz...

Bianca não viu mais aquele rapaz por dois dias. Na manhã do terceiro, enquanto lia debaixo de uma mangueira no pomar, o viu passar puxando um cavalo pelo cabresto e não perdeu a oportunidade.

— Que cena mais tocante, um irracional puxando o outro!

Leandro a encarou surpreso e mal pôde acreditar que o atacava novamente e sem motivos.

— É sempre assim tão simpática?

— Só com quem merece.

— Precisa arrumar alguma coisa pra fazer. Por que não aprende a limpar o curral? Pelo visto, o livro não está nada interessante.

A adolescente largou a encadernação de couro, onde lia uma reunião de poesias de Álvares de Azevedo^[1], a *Lira dos vinte anos*, o que prendia sua atenção antes de o jovem lhe interromper era a poesia “Lembranças de morrer”, que lia e relia sem se cansar, repassando o verso que mais a tocou:

“Foi poeta — sonhou — e amou na vida.”

Levantando-se, venceu a distância que os separava em poucos segundos. O fixou furiosa.

— Peãozinho insuportável! Como se atreve a falar comigo de igual pra igual?

— E por acaso se julga melhor do que eu só porque sou um peão?

— Ah, vê se te enxerga, né?

— Enxergo sim. Enxergo que você deve ter um problema muito sério pra ser tão preconceituosa e agressiva. Honestamente, tenho mais o que fazer.

Sem evitar um sorriso irônico, Leandro montou o lindo cavalo marrom de crina branca franjada e partiu a galope. Enquanto o observava se afastar, o sangue dela ferveu nas veias. Agressiva? Como o infeliz tinha coragem de falar com ela naquele tom? Recolheu o livro do chão e voltou para casa.

Por todo o dia, pensou em mil maneiras de dar o troco, no entanto, não sabia o que fazer. Estava subindo a escada da varanda quando a irmã veio procurá-la.

— Quer jogar buraco?

— Não me enche, Bruna!

— Nossa, o que eu fiz agora?

— Estou de TPM e é um péssimo momento pra me perguntar qualquer coisa, mas já que perguntou, vê se te liga, maninha! Será que não percebe que o simples fato de existir com esse seu jeitinho de menina meiga já é motivo suficiente pra estragar o meu dia?

Presenciando mais uma cena entre tantas, a mãe perdeu a paciência.

— Basta, Bianca! Ninguém tem culpa da sua amargura. Estou no meu limite com você.

— Ai que medo!

Diante do tom insolente, Maria revidou a resposta com um tapa. Com o rosto queimando de raiva, Bianca sentiu ainda mais raiva da irmã. Dirigindo-se à caçula disse antes de empurrá-la:

— Está satisfeita? Carinho dela não recebo nunca, mas se a questão é me agredir, aí se vai toda a pose de boa samaritana da nossa mãe. Ou devo dizer: da sua mãezinha?

— Mas eu... — Antes que Bruna respondesse, Bianca deu-lhe as costas e correu para o quarto.

— Puxa, mãe! Não devia ter feito isso, só piora as coisas e nos afasta ainda mais.

— Eu sei, não pude me conter. Sua irmã anda insuportável.

— Que seja. Violência não responde e nem ensina nada de bom.

Envergonhada, Maria se retirou.

Capítulo Três

Bianca sentia-se no escuro, completamente atormentada. Após a última discussão com a mãe praticamente não saiu do quarto por dois dias. Chorou a ausência de uma tarja preta por ali. Um ansiolítico já seria bom, mas o pai escondeu os remédios que o psiquiatra receitou quando ela tomou uma superdose meses atrás. Chorou, roeu unha, pensou em mil formas de se torturar e as horas se arrastaram junto com seus sentimentos confusos até que entediada resolveu sair.

Quando se entediava gostava de andar na rua, olhar os carros, ir a um shopping e ver as vitrines. Ali não tinha nada disso.

A solidão andava doendo e já não suportava a própria companhia. Prendeu os cabelos num rabo de cavalo, borrifou o *Beautiful*, o único perfume que usava. Optou por uma calça jeans justa e uma blusinha em meia malha rosa com renda branca no decote em V, botas de trilha marrom. Seu único adorno, uma naja de ouro enrolada no anelar. A serpente tinha os olhos de um topázio tão azul que lembrava os dela. Encomendou a joia ao pai de uma colega que tinha uma joalheria em Belo Horizonte. Quando viu o desenho se apaixonou e não se separou dela. A amiga dizia sempre que os anéis de cobra é que escolhem suas donas e não o contrário. Gostava disso. De ter sido escolhida. Passou o delineador, uma sombra fumê e saiu do quarto se jogando na rede da varanda ao som de *Breakaway*, de Kelly Clarkson, no fone do *pen drive*. Era uma música que amava. Não queria, mas acabou não resistindo. Depois de cinco minutos de rede foi até o estábulo mais uma vez. Tirou os fones de ouvido.

Quando a viu, Leandro, que escovava um dos cavalos, resmungou impaciente:

— Essa não...

— Hum... Algum problema em me ver?

Não houve resposta.

— Oi!!!!!! — ela insistiu. — Estou falando com você! — Silêncio novamente. Dando de ombros, ela começou a cantarolar um alto e irritante: — *Lá-lá-lá...* — Ela não parava e aquilo foi entrando na cabeça de Leandro, até que ele chegou ao limite.

— Chega! — gritou. — Ei, pode, por favor, parar com isso? — apelou Leandro após alguns minutos. — Não dá pra aguentar.

Satisfeita, Bianca inclinou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Incrível. Você tem o dom de azedar o meu dia! — ele afirmou zangado.

Não satisfeita, ela pulou o muro baixo que os separava e se aproximou disposta a levar a provocação adiante.

— Pra você ver. Sempre consigo o que quero!

— Ah, é? Pois eu no seu lugar me deixaria em paz. Não tenho paciência para patricinhas mimadas que não têm o que fazer.

— Nossa, estou me sentindo ameaçada! — Uniu os lábios e franziu a testa encenando uma expressão temerosa.

Leandro colocou a raspadeira num cocho. Depois caminhou até ela. Frente a frente disse bem sério:

— Olha só, moça! Por enquanto estou deixando passar os desaforos, mas é só em consideração ao seu pai. Se continuar me atormentando, coisinha irritante, vai se dar mal.

— Uiiiiii!!! Não tenho medo de você!

— Peste! Desaparece da minha frente!

Bianca sorriu com ironia e comentou:

— Nossa, como você é gentil, educado! — Leandro mordeu os lábios pra tentar se controlar. — Pra se comportar assim deve ter um problema muito grave.

Algo no olhar do rapaz a tirou do sério. Furiosa, não pensou duas vezes antes de se jogar em cima dele e empurrá-lo num monte de estrume. O ataque foi inesperado. Ao se desequilibrar, ele segurou em seus braços e ambos caíram.

Bianca o fixou incrédula ao se ver em meio àquela sujeira e começou a socá-lo. Apesar da raiva, ele não quis revidar a agressão e imobilizou suas mãos tentando contê-la para que não o machucasse mais. De repente, ela parou de xingar e o encarou em silêncio. Algo novo aconteceu. Porque a verdade é que os corpos perigosamente se encostando naquela briga boba, de repente acordaram. Resultado? Combustão imediata! Foi como se vissem pela primeira vez.

Leandro ficou perturbado e sentiu seu coração acelerado e o convite silencioso dos seios arfantes que roçavam seu peito. Sem querer e sem entender mergulhou nos olhos de um azul intenso e inalou a suave fragrância floral que ela exalava. Só então notou que havia se aproximado ainda mais e estavam com as bocas perigosamente próximas. A pele se arrepiou. Desejo? Ele só podia estar maluco!

Um alerta soou em sua mente e, sem entender aquela louca atração, a empurrou para o lado e se levantou procurando se recompor. Porém, avisou:

— Nunca mais encoste a mão em mim de novo, ouviu?

Tremendo de indignação, ela também se levantou.

— Fica longe de mim, seu matuto!

Atônito, Leandro a observou enquanto se afastava. Passou a mão pelos cabelos tentando entender o que estava acontecendo. Sentiu o braço arder. Estava arranhado. As unhas dela arrancaram sangue em sua pele. Perplexo, concluiu que nunca vivenciou uma atitude tão absurda.

Menininha arrogante. Tão arrogante quanto... Pensou no pai. Otávio agia sem levar em consideração o certo ou errado.

Recostou-se ao muro do estábulo e as lembranças vieram em disparada. Seu avô possuía uma das grandes fazendas da região, com quinhentos hectares.

Desde criança passava as férias escolares com ele e ainda bem cedo se apaixonou

pela vida rural. Quando o avô se foi, dois anos atrás, herdou o terreno, ele deixou para a mãe somente os 50% da herança a que ela tinha direito como herdeira legítima e para ele os outros 50% que envolviam a fazenda. Porém, o pai não aceitou que mudasse para o interior e assumisse aquele tipo de vida. Houve muita discussão e chantagem emocional.

Mesmo pressionado, Leandro fez sua opção e abandonou a faculdade. Bateu de frente com a família, o clima ficou insustentável e, após inúmeras discussões, decidiu sair de casa. Sabia que poderia levar os negócios da fazenda adiante, pois ela era autossuficiente. Além disso, tinha paixão pelos cavalos e desde menino sonhava em ter um haras.

Nas terras de seu avô, além das plantações de café e cana-de-açúcar, havia um alambique cuja cachaça artesanal se encontrava à venda nos melhores estabelecimentos de todo o estado. Bem administrada, a propriedade iria longe. Tinha muitos planos e expectativas e nenhuma dúvida de que poderia colocá-los em prática.

Um ano depois que assumiu a fazenda, Otávio o procurou e ordenou que repensasse sua decisão. Na época, respondeu:

— Não quero te magoar, pai, é só uma questão de escolha. Não consigo mais me adaptar àquela vida. Eu gosto do que faço, tente me entender. Gosto tanto que o vovô confiou em mim para cuidar de tudo o que ele mais amava.

— O pai de sua mãe era um homem ignorante, bronco... Onde já se viu querer para o neto um futuro desses?

— O vô não era nada ignorante e quando fez o testamento sabia que eu seria o único a levar seu projeto de vida adiante.

— Ah, meu filho, um dia vai se arrepender do tempo que perdeu aqui.

— Talvez sim, pai, talvez não. De qualquer forma a vida nos dá a mesma probabilidade de erros e acertos.

Passou-se um ano desde essa última briga. E sempre que ia visitar os pais na capital era a mesma cobrança, a mesma pressão. Pra piorar, o casamento dos pais era um verdadeiro ringue de luta. Apesar de amá-los estava cansado daquele convívio extenuante, das imposições de Otávio, motivo pelo qual suas idas eram cada vez mais espaçadas.

O fato é que abraçou de corpo e alma os ideais do avô e não se arrependia. Pelo contrário, estava muito satisfeito com os resultados de seu trabalho. O que ele planejou para ter um haras no futuro aos poucos se concretizava, já havia alguns animais de valor e mantinha negócios com quase todos os fazendeiros da região. Não se importava de literalmente botar a mão na massa. Seguia sempre o conselho do avô. “Meu neto, se quer mesmo formar um haras, não se importe de ganhar dinheiro, seja ranqueando um cavalo ou vendendo a cobertura de um garanhão, dinheiro é dinheiro. Saiba valorizá-lo para não o perder. Porque as situações se invertem nesta vida e sem mais nem menos o rico fica pobre e o pobre enriquece”. Por isso, sentia-se realizado e passar um pouco do que aprendeu. Foi assim que a pedido de Osório, amigo e administrador da fazenda onde se encontrava, veio auxiliar Paulo com a criação de cavalos que pretendia iniciar. Cobrava muito pouco pela diária. Mas ganhava muito em lidar com aqueles animais.

De repente, aquela menina petulante saía do nada e vinha enfiar o dedo em sua cara dizendo coisas que em seus vinte e cinco anos de idade nunca escutou de ninguém. Chateado, passou a mão na cabeça bagunçando os cabelos castanhos e voltou ao trabalho. Mais tarde teria uma conversa séria com Osório.

Bianca suspirou aliviada. Conseguiu chegar ao quarto sem que os pais a vissem. Afinal, como explicaria a roupa imunda?

Rapidamente se trocou e colocou a calça e a blusa na máquina de lavar. Depois se olhou no espelho. A maquiagem estava borrada. Horrível. E pra piorar os cabelos desalinhados. Teria ido longe demais? Analisou a situação. Nunca agrediu ninguém daquela forma... sua mãe estava certa, se não procurasse conter seus impulsos, acabaria numa camisa de força.

No entanto, não havia como negar que aquele peão metido a tirava do sério. Ao contrário dos outros que conheceu era arrogante, diferente até no modo de falar.

O sábado amanheceu nublado. Bianca amaldiçoou o clima instável pela milésima vez. Fez e refez a maquiagem até desistir. Maquiar ali nem adiantava. Limpou o rosto bufando. Vacas e bezerros pouco se importavam com o *look* dela. E perdeu a graça surpreender os pais com cores exóticas. Decidiu passar um hidratante e uma base leve com filtro solar. Novamente olhou da janela de seu quarto. O céu parecia indeciso entre chover ou não. Ali era assim. Ora uma chuva torrencial, ora um calor insuportável. Mas tudo bem, era mais um motivo pra ficar em casa. Não queria atolar os pés na lama e encontrar aquele abusado só servia para deixá-la ainda mais nervosa. Precisava procurar o que fazer e se afastar de problemas.

Capítulo Quatro

O tempo seguia alheio a suas dúvidas e quando Bianca se deu conta já entravam no mês de março. Em todas aquelas semanas dedicou-se à leitura de alguns mangás^[2], gostava de esboçar uns desenhos no estilo e até escrevia uns minicontos. Ler era uma das poucas distrações que tinha depois que saiu da cidade. Contudo, apesar de tentar se policiar, seus sentimentos estavam confusos, tumultuados. Um mar revolto invadia sua mente.

Numa conversa que ouviu por acaso entre a mãe e a irmã descobriu que o nome do peãozinho metido era Leandro.

Pensou em envolver o pai, mas era uma questão pessoal e gostava de resolver seus problemas sozinha. Acabou optando por se afastar depois daquela cena lamentável no estábulo. No entanto, mesmo contra a vontade, lembrava-se dele frequentemente. Entendeu que precisava sair de casa, andar um pouco, respirar novos ares.

Ao passar pela copa, os pais e a irmã tomavam café. Não falou um bom-dia e nem se deu ao trabalho de responder quando eles disseram.

Caminhou por uma hora e alcançou a entrada do terreno a mais ou menos uns dois quilômetros da casa. Sentou-se no pasto segurando um graveto. Tirou do bolso da calça jeans justa um *Trident* de menta e colocou na boca. Estava com uma camiseta branca que delineava seus seios, botas de camurça e o anel da cobra.

Passou um braço ao redor das pernas em forma de proteção. Com o outro riscava a poeira da estrada de terra.

A porteira se abriu e qual não foi sua surpresa ao se deparar com Leandro. Por alguns segundos sustentou-lhe o olhar sem nada dizer e, ele, também calado, seguiu numa postura de total indiferença. Estava com calça de sarja preta desbotada, uma camisa vermelha de malha bem surrada e uma bota cinza de camurça de cano curto furada.

Bianca hesitou, contudo, não conseguiu segurar a língua:

— Só pode ser perseguição.

O rapaz parou em meio à estrada e se voltou para ela.

— Eu estava justamente me perguntando quando mostraria as garras!

— Pois é, eu bem que tentei, mas é inevitável... a gente se esbarra mesmo sem querer.

— Aliás, estranhei o fato de você não ter contado ao papai sobre aquela ceninha lamentável que fez no curral. Eu estava esperando que ele viesse me tomar alguma satisfação.

— Prefiro resolver meus problemas sozinha. Ainda mais se tratando de um ninguém como você. Muito insignificante para gastar minha saliva.

— É mesmo? Não parece, já que vive insistindo em falar comigo e me atacar.

— Você se julga o máximo, né?

— Certamente melhor do que uma menininha mimada e insuportável que não sabe absolutamente coisa nenhuma da vida.

— E o que sabe de mim? Eu te digo: N-A-D-A, nada!

— O que sei é que parece uma criança birrenta.

— Carinha mais sem noção... — murmurou e logo falou em alto e bom som. — Pro seu governo tenho dezoito anos.

— Não perguntei. Mas se quer saber, estou surpreso, achei que ainda usava bico e chupeta.

— Caipira arrogante!

— Olha, olha, cuidado com a língua! Se provar do próprio veneno vai ser fatal — advertiu.

— Nossa, que engraçado!

— Quer saber, tenho mais o que fazer da vida.

Bianca se ergueu num impulso e correu até ele. Bloqueando-lhe a passagem, tomou-lhe o chapéu bruscamente e o jogou longe. Rindo, ordenou:

— Vai buscar agora!

Ele a observou perplexo. Ainda não podia acreditar no que ela fez.

— Ai, ai... É bem capaz! Vê se te enxerga, menina... Não mandei que fizesse isso, agora quem vai buscar é você!

— E quem vai me obrigar, posso saber?

— Eu! — Leandro então a puxou pelo braço e praticamente a arrastou até o chapéu, forçando-a pegá-lo.

— Me solta, seu bruto! — disse ela, relutando contra ele. Finalmente o empurrou, mas ele se aproximou novamente e daquela vez a segurou de frente para ele, os corpos bem próximos, fixou o decote da camiseta que exibia os seios bem feitos e volumosos. Tentou desviar o olhar. Ela tinha os cabelos cor de fogo, a pele clara, delicada e olhos tão azuis que podiam enfeitiçar um homem.

— Você brinca demais com os outros. Está na hora de aprender uma lição. Não sou um dos seus amiguinhos e não admito certas brincadeiras. Vamos, me devolve o chapéu!

— Nem morta! Se não me soltar, eu...

— Você o quê?

— Vou gritar e tão alto que eles vão acreditar em qualquer coisa que eu disser.

— Vá em frente! — Quando viu que ela enchia os pulmões, a puxou para ele de uma só vez e cobriu sua boca num beijo agressivo.

Bianca mal pôde acreditar no que estava acontecendo. Mas em vez de morder aquela boca atrevida e invasiva sentiu algo que mais parecia uma corrente elétrica

percorrendo seu corpo, assim como aconteceu no chão do estábulo. E em vez de empurrá-lo, enlaçou seu pescoço com as mãos e retribuiu o beijo com vontade. Logo o coração dela era um descompasso só. E o sangue corria mais depressa nas veias. Sentia algo novo ali e quando as línguas se enroscaram, perdeu o fôlego de vez. Atração, pensou. Estava atraída por ele... Antes que pudesse organizar os pensamentos e reagir, Leandro a soltou bruscamente, ela se desequilibrou e caiu sentada.

— Aprende a não mexer comigo ou vai se dar mal.

Apesar de não demonstrar, o contato o deixou tão perturbado quanto ela e, naquele momento, teve a certeza de que estava brincando com fogo. Procurou manter-se indiferente ao efeito do beijo e não olhou para trás.

Ao chegar às baías ainda estava tenso, não sabia o que se passava em seu íntimo. A única certeza era a de ter passado dos limites e deixado pelo chão um bom chapéu. E o pior é que sentia ainda o gosto da boca dela. Gosto de menta. Sua mão queimava só de lembrar como era sentir o corpo dela nos braços. O que estava acontecendo com ele?

Bianca viu Leandro se afastar inerte. Ao se erguer, continuava perplexa. Ela estava com cara de paisagem. Sou uma imbecil, pensou. Rapidamente se abaixou e pegou o chapéu levando-o com ela.

Os dias seguintes se arrastaram e a moça não conseguiu esquecer o que aconteceu, aquele beijo louco, a reação de seu corpo, a respiração ofegante dele contra seu rosto e, quanto mais pensava, mais se desesperava.

Nem sabia dizer quantas vezes acordou no meio da noite e pegou aquele chapéu, tinha ainda o cheiro dele. Um cheiro que mesclava lavanda, mato e couro.

Sempre se achou fria nessas questões, gostava de se sentir por cima, de dar a última palavra. Nunca levou um fora, mas também nunca quis ninguém de verdade.

Sem convite aquele sujeitinho insuportável e abusado ocupava seus pensamentos a ponto de fazer com que perdesse o sono. E pior, era só um peãozinho, um contratado da fazenda que ela tanto detestava...

Não, não podia deixar que algo assim acontecesse, tinha que evitar, só não sabia como.

Maria percebia a filha cada vez mais arredia. Bianca andava aérea. Estranha. E não podia ser somente a mudança. Ansiosa, foi procurar pelo marido. Precisavam conversar. Talvez ele tivesse alguma luz para lhe dar.

Bianca descansava num banco de madeira em meio ao jardim, diante da casa, quando Bruna chegou e se sentou ao seu lado. Dali podiam avistar Leandro que montava a mais recente aquisição de seu pai, uma égua mangalarga baia, num dos cercados em meio às pastagens. O pelo reluzia sob a luz do sol. E ela tinha uma mancha preta na cara, o que lhe dava um charme todo especial. Procurou desviar o olhar para que a irmã não percebesse o que chamava sua atenção.

— Mana!

— O que quer?

— Nada, Bia. Só um pouco de companhia. — E desviando o olhar, comentou: — Nossa, ele é gato, né?

— Quem?!

— O Leandro, o rapaz dos cavalos. Ontem conversei com ele. É moreno e tem os olhos pretos mais bonitos que eu já vi... sem contar o corpo, de tirar o fôlego.

Uma onda de fogo atravessou os olhos azuis.

— Ah, só faltava essa! Mas que atrevida! Agora, por acaso, vai dar em cima dos peões da fazenda?

— Eu, hein, surtou?! Só falei que ele é bonito.

— E daí que é bonito? É só um peãozinho sujo e ignorante. Afaste-se dele ou vou contar para o papai.

— Mas Bianca, eu...

— Eu nada. Você ouviu o que eu disse. — Ela levantou cuspidando fogo e se afastou da irmã rapidamente. Confusa, Bruna limitou-se a balançar a cabeça.

Apesar do esforço que fez para se afastar nos últimos dias, Bianca novamente se pegou indo até Leandro. Ele também não sabia como lidar com a situação. Ao vê-la se aproximar, sentiu vontade de fugir antes de fazer outra besteira.

Afastou-se com pressa, mas ela se adiantou e ficou na frente dele.

— Espera!

— O que foi agora? — perguntou, mas desviou dela e continuou andando.

— Calma, só quero conversar. Vai me obrigar a andar quantos quilômetros atrás de você?

Ele parou e voltou-se para ela. Arqueando as sobrancelhas fez uma expressão de zombaria ao fitá-la. Os olhos pretos mergulharam perigosamente na intensidade dos azuis.

— Quer conversar comigo? Só pode estar brincando...

— Não estou.

— Não? Até hoje só ouvi de você provocações e ofensas e agora quer conversar?

— Por que tem de ser sempre tão irritante?

— Não comece, menina!

— Bianca!

— O quê?!

— Meu nome é Bianca. Detesto ser chamada de menina.

— Então esse é o nome da *princesa*?! — Fez uma fingida reverência.

— Assim não dá!

— Não dá mesmo! Se me dá licença, ao contrário da mocinha aí preciso trabalhar.

Ela se voltou em outra direção. Após alguns passos, parou, deu meia volta e o alcançou em poucos segundos.

— A propósito, eu só queria entender por que me beijou se me detesta tanto.

— Fiz sem pensar, precisava manter essa sua boca ocupada. — A encarou por alguns instantes e entrou rapidamente no celeiro. Bianca o seguiu. Quando ele se virou, confuso, ela afirmou:

— Mentira. Queria me provar. Só não tem coragem de assumir.

Leandro riu cinicamente.

— Ah tá! Se eu quisesse te provar, menina, iria muito além de um beijo.

Ela odiou o sorrisinho irritante nos lábios dele. Então, sem pensar, se jogou nos braços dele e colou a boca na dele. Sua reação foi tão rápida que Leandro ficou estático por alguns segundos. Então ela passou a mão em seus cabelos e ele estreitou o contato, retribuindo o beijo de forma ousada. Quando tocou os seios delicados, ela se apartou e sustentou seu olhar com ousadia.

— Já chega! Acho que tenho minha resposta.

Ela se foi, mas ele ficou parado ali por um longo tempo. Caiu em uma armadilha do próprio corpo traiçoeiro!

Bianca assustou-se com a própria atitude. Estava consciente de que as coisas fugiram do controle em relação a Leandro.

Deixou de lado os estudos, os livros e a questão da mudança. Vivia perdida em uma paixão absurda e tentando inutilmente frear seus impulsos. Não raro passava horas a observá-lo e cada vez que ouvia seu nome, o coração disparava de uma forma que chegava a sentir medo que os outros notassem. Pensar no beijo, nas mãos e nos olhos dele parecia ter se tornado uma obsessão.

Ela, um bicho de cidade, apaixonada por um peãozinho qualquer? Era só o que faltava!

As noites se tornaram mais longas e o amanhecer trazia alívio, pois sempre podia se aproximar de Leandro sob um pretexto qualquer.

Então, depois de um tempo, o que começou como provocação transformou-se em algo que não podia definir, não sabia explicar e não conseguia evitar.

Capítulo Cinco

Ainda agora estou sentindo seus lábios

É um segredo que não ousou contar

Certas coisas,

a gente simplesmente sente

Como um toque

Que só se vive no olhar

Leandro tentava resistir inutilmente. Bianca tornou-se um problema em sua vida. Queria se esquivar e se irritar com sua presença, mas parecia que seu corpo não pensava assim. Aquela doida vinha atormentando seus dias e noites e pensava seriamente em conversar com Osório e abandonar as atividades com os cavalos.

Trocava de roupa no galpão dos peões quando, interrompendo seus pensamentos, ela entrou e passou o ferrolho na porta. Pego de surpresa, ele abotoou a calça jeans rapidamente. Por um segundo questionou se não estava tendo visões.

— Me diga que você não fez isso!

— Claro que fiz. Por que está me evitando?

— Essa agora... eu não tenho porque te evitar.

— Conta outra! Sabe muito bem que está fugindo de mim.

Leandro a fixou atentamente. Passeou os olhos pela calça jeans justa que ela vestia e a blusa verde-musgo de malha. Calçava uma bota de cano curto camurça, enquanto o anel de cobra reluzia em seu anelar. Na orelha exibia duas argolas nada pequenas. Ela sentiu a análise e jogou os cabelos cor de fogo para trás.

— Tudo bem, se quer mesmo uma resposta, lá vai: você representa confusão e não quero um problema em minha vida.

— Como se atreve?! O único problema aqui é você.

— Não comece, menina. Tenho que ir embora. Depois, não vai pegar bem se alguém nos encontrar trancados aqui.

— Tem medo da opinião dos outros ou do que o meu pai iria pensar?

— Não tenho medo de nada. É que no interior as coisas são diferentes. Pelo visto, você não tem a menor noção de onde está.

— Nem quero ter. Não estou no século XIX. — Bianca não pôde evitar um riso sarcástico. — Você é careta demais pro meu gosto.

— É uma questão de respeito. E não faça essa cara cínica! Entenda de uma vez por todas: estou cansado dessa situação, não quero me deparar com você a cada metro do meu caminho!

— Só faço o que tem feito comigo! Só isso. — Caminhou rapidamente até a porta e ao abri-la saiu como quem não tem nada a temer, diante do olhar confuso e boquiaberto do caseiro.

Ao entrar em casa, a jovem passou indiferente pela família, que se encontrava na sala de estar. Como de hábito, seguiu para o quarto. Estava tão distante que nem ouviu a mãe chamar:

— Bianca! Você não está me ouvindo? Estou começando a ficar preocupada com sua distração. Aonde anda com a cabeça?!

— Ih, mãe, agora quer vigiar meus pensamentos também?!

— De uns tempos pra cá não sei mais como lidar com você.

Maria sentou-se ao seu lado e, delicadamente, perguntou:

— O que está acontecendo?

— Nada.

— Como nada? Primeiro se revoltou com a mudança e agora nem toca no assunto? Não está estudando para o vestibular, mal nos dirige a palavra e trata sua irmã com um desprezo que...

— Chega, mãe! Não aguento mais essa ladainha.

— Ladainha?! Quando prestou os exames no fim do ano e não passou disse que não queria fazer cursinho e prometeu estudar, mas até agora não se mexeu. Não vejo interesse algum. Quer jogar fora o seu futuro?

— É claro que eu não vou fazer cursinho neste fim de mundo, era só o que me faltava!

— Por que não? A cidade tem um bom pré-vestibular. Além do mais, quem faz a escola é o aluno. Se a Bruna pode estudar aqui, você também pode!

— Aí é que se engana, não posso porque não sou a Bruna. Dá pra me deixar sozinha?

— Claro, é só assim que se sente bem. — Maria saiu do quarto arrasada. Por mais que se perguntasse o que fazer, não encontrava uma solução.

Bianca fixou o espelho com ódio de Bruna. Não aguentava mais ser comparada e perder na comparação.

A madrugada avançava e não conseguia dormir. Bianca se revirou na cama por horas e horas. Só apagou ao amanhecer. Acordou por volta de dez da manhã e foi direto para a televisão. Estava com olheiras enormes e precisava ocupar a cabeça antes que surtasse de vez. Acabou sintonizando num programa onde uma dupla sertaneja cantava seu último sucesso: *Vai dar namoro*, de Bruno e Marrone. Nunca gostou de nada do tipo, mas agora, de alguma forma, seus sentimentos se identificavam com aquele estilo.

Da varanda, Osório chamou o patrão. Tanto Maria quanto Paulo se apressaram em atendê-lo. Saíram ao mesmo tempo de casa, um pela frente e o outro pela lateral.

— Ô, patrão, vim lhe *contá* que os *home terminaro* a cerca nova que encomendou. Agora, bicho nenhum vai *fugi*!

— É uma boa notícia. E você acertou com eles?

— Já, foi tudo como o *cumbinado*.

— Ótimo.

— Só mais uma coisa. É que vai *tê* uma festança danada no sábado. É o aniversário da cidade. Como *ocês dissero* que *gostaria de conhecê o pessoar* da região, esta seria uma boa oportunidade.

Maria se animou com a ideia.

— Muito obrigada por nos informar, Osório. Vamos sim, não é, Paulo?

— Pode ser... talvez as meninas queiram ir.

Osório foi cuidar de suas atividades dando um rápido *inté* aos dois.

— Quando for buscar a Bruna no colégio fale com ela a respeito. Eu falo com a Bianca.

— Vou indo. Ela sai ao meio-dia e faltam quinze minutos.

— Tudo bem — respondeu, dando um beijo rápido no marido.

Bianca assistia a um filme quando Maria se aproximou.

— Filha, tenho uma ótima notícia. O Osório veio nos dizer que sábado terá festa na cidade. É uma boa oportunidade para nos integrarmos mais ao pessoal da região.

— E eu com isso, mãe? Pelo amor de Deus, ainda tem coragem de chamar aquela vila de cidade?

— Rurália de Minas é um lugar charmoso e acolhedor.

— Pobre, você quer dizer. Uma microcidade sem graça, chata, praticamente da idade das pedras, mas sem a presença e o charme dos Flintstones.

— Quanta humildade!

— Sou apenas realista e um tanto quanto óbvia.

— Realismo em excesso também faz mal. Sonhar é preciso, senão o mundo se torna pobre demais.

Bianca refletiu sobre as palavras da mãe, percebeu sua expressão abatida e resolveu dar uma trégua.

— Tá bom, tá bom! Eu vou, mas não pense que estou feliz. — Deixou a mãe na sala e trancou-se no quarto novamente.

Não procurou mais por Leandro. A semana transcorreu sem novidades e o sábado trouxe um clima agradável.

A cidade de Rurália, interior de Minas Gerais, estava toda enfeitada. A festa acontecia no ginásio poliesportivo e contaria com algumas atrações especiais, como o

show de uma dupla sertaneja que estava fazendo sucesso. Maria observava Bianca silenciosamente. Diferente da irmã que escolheu um vestido floral, ela escolheu uma blusa marrom estilo batinha, com um cordão no decote para amarração, boca da manga três quartos em elástico, elástico também na barra e um short jeans que deixava as belas pernas à mostra. Vestiu uma meia preta até o joelho e uma botinha de camurça no mesmo tom da blusa. Usava uma coleira preta com uma pedra azul no centro. Escovou os cabelos anelados, que agora caíam jeitosos nos ombros, num penteado de lado. Os brincos eram duas bolinhas de ouro. Ela maquiou-se forma mais suave: passou uma leve sombra e um batom num tom nude.

Ruiva, alta, clara, com os olhos de um azul intenso, Bianca estava linda. Nada escapava ao olhar crítico e mordaz da filha, mas apesar do gênio terrível, precisava reconhecer, ela era linda e chamava a atenção. Sentaram-se em uma mesa próxima ao espaço reservado para o show. Bianca estava terrivelmente entediada e, quando Bruna a chamou pra dar uma volta, não pensou duas vezes.

Mais à frente, Bruna encontrou algumas colegas do colégio e, envolveu-se de tal forma na conversa que não viu a irmã se afastar.

A adolescente saiu do ginásio, andou até a pracinha da cidade e se jogou em um banco observando as estrelas. Estava tão distraída que não viu um homem se aproximar e só se deu conta quando ele se acomodou ao seu lado.

Apesar do temor tentou manter-se calma. Pretendia se levantar, mas ele a impediu, segurando com violência um de seus braços... Pelo cheiro desagradável que exalava, reparou que estava bêbado e entrou em pânico.

— Me solta, seu atrevido!

— O que uma moça bonita como você faz sentada aqui sozinha?

— Não é da sua conta. — Tentou se soltar em vão, no entanto, o sujeito era mais forte e levava vantagem... Ele cobriu sua boca com uma das mãos.

— Quietinha ou vai ser pior.

Ela olhou para os lados, mas havia se afastado muito do ginásio e ali estava escuro e praticamente deserto. Começou a entrar em desespero e se arrependeu por ter se afastado dos pais. Respirou fundo tentando reunir forças. Por alguns minutos se debateu sem sucesso, ainda lutava para se livrar dele, quando alguém o tirou de cima dela. Qual não foi sua surpresa ao se deparar com Leandro...

— Calma, amigo, eu e a moça aqui, a gente só *tava* conversando...

— Vi bem o tipo de conversa. Acho bom sair de perto da minha namorada ou não respondo por mim!

O sujeito lançou um olhar repugnante para Bianca e se afastou.

Só então ela respirou aliviada e logo retrucou:

— Ei! Não sou sua namorada.

— Foi a desculpa que encontrei. Único jeito de ele te respeitar.

— Por que não chamou a polícia? — ela quis saber.

— Não ia adiantar.

— Como não? Não tem lei nesta terra de ninguém?

— É o irmão do prefeito. Não ia ficar preso nem doze horas. Tem no resguardo uma gente influente e vingativa.

— Não acredito nisso.

Bianca tentou controlar o próprio nervosismo e levou alguns instantes para se acalmar.

— Aquele louco estava me agarrando e não posso fazer nada porque é irmão do prefeito?

— Isso. Você está bem?

— Agora sim... Foi um milagre você aparecer... Ele é forte. Está bêbado, mas não consegui me livrar.

— Não deve ficar perambulando por aí sozinha. — O perfume dela o perturbava.

— Por acaso anda me vigiando?

— Quanta petulância! Não seja ridícula, eu jamais perderia meu tempo. Você deu foi sorte de eu passar pela praça justamente quando se afastou. Logo previ o que iria acontecer. Não tem juízo mesmo. Não percebeu que a cidade está vazia por causa da festa?

— Fiquei entediada com essa baranguice interiorana. E não seja convencido. Não preciso de ninguém pra me defender.

Leandro deu uma sonora gargalhada.

— Agora não, eu sei. Mas imagino o que teria acontecido se eu não estivesse passando por aqui... Quer saber?! Não precisa mesmo de ajuda, ao primeiro beijo que aquele coitado te desse cairia envenenado. — Ele riu gostosamente.

— Está se divertindo?

— Muito...

Bianca então colou o corpo ao dele.

— Me diz uma coisa, por que então meu veneno não surtiu efeito quando me beijou?

Leandro perdeu o tom sarcástico na mesma hora.

— Tá maluca?! Quem disse que aquilo foi um beijo?

— Se quiser posso refrescar sua memória... — O brilho da lua fez com que ela pudesse avaliar claramente sua expressão. Insinuando-se cada vez mais, o tocou no rosto, nos cabelos. Apesar de dividido, Leandro esquivou-se do contato bruscamente.

— Escuta só, menina, precisa entender que não sou seu brinquedinho. De jeito nenhum quero uma encrenca como você na minha vida. Primeiro me ofende e depois se oferece pra mim?

— Eu não me ofereci! — Na mesma hora, Bianca sentiu o rosto queimar de humilhação. — Está variando. Era só o que me faltava...

— É mesmo?! Pois saiba que não gosto de você, mal suporto sua presença e estou cansado da sua cara metida e mal-humorada.

Ele caminhou em direção ao ginásio. Furiosa, o seguiu. Na entrada, procurou se recompor, ajeitou a blusa amassada pela luta com o bêbado e voltou para perto dos pais.

— Onde estava, filha?

— Por aí... Que saco, mãe, você faz perguntas demais.

Paulo se irritou com Bianca.

— Isso é jeito de falar com sua mãe?

A adolescente queria dar uma resposta atrevida, mas viu Leandro passar abraçado a uma moça irritantemente bonita. Aquilo bastou para que seus olhos chispassem de raiva.

Só aí notou como ele estava diferente, bem-vestido, com uma camisa branca e detalhe da gola em marinho, calça jeans azul-escuro Cut Stone, e a bota country escovada café.

Os cabelos castanhos lisos brilhavam e quis enfiar o dedo neles e brincar com os fios. Só podia estar enlouquecendo.

Um sentimento de posse ocupou seus pensamentos e, amargurada, não prestou mais atenção em nada do que os pais diziam. Percebeu quando o casal se sentou em uma mesa mais ao fundo e não conseguiu desviar o olhar.

Detestava o ar de superioridade com que o *caipboy* a tratava e com a desculpa de procurar a irmã deixou a mesa novamente.

Sem conter um impulso caminhou até o casal e Leandro não entendeu sua aproximação. A roupa dela deixava as coxas à mostra. Era um modelo bem adolescente, mesmo assim ela estava totalmente provocante. Os cabelos ruivos, que brilhavam como chamas caindo no queixo voluntarioso, estavam mais comportados, escovados, emoldurando o rosto marcante e os olhos de um azul-piscina, grandes e provocantes. Se lá fora não pôde ver direito como estava vestida, agora, no interior do clube, seus olhos passeavam desde as botas delicadas até o volume dos seios fartos sob o decote. Ao se dar conta do modo como a analisava ficou constrangido.

— O que foi? Perdeu alguma coisa na minha mesa?

— Imagina! — E sem encarar a moça que o acompanhava tomou o copo que ele segurava nas mãos, bebeu um gole de cerveja e, impulsiva, derramou todo conteúdo em seus cabelos.

Leandro se levantou e a segurou pelos braços, seus olhos queriam fulminá-la.

— Ei! Não acredito que fez isso comigo!

Ambos se fixavam numa expressão clara de desafio.

— Fiz sim e faria de novo. Agora me solta! — ela exigiu.

— Não mesmo! — A vontade que ele sentia era de agredi-la. Pegou outro copo em cima da mesa com refrigerante e antes que ela pudesse fugir revidou o ataque mantendo uma expressão impassível.

— Covarde! — disse ela, passando a mão pelos cabelos encharcados. Pegou um guardanapo na mesa para tentar se secar. — Como você teve coragem de me molhar?

— Como?! A mesma coragem que você teve! Escuta aqui, Bianca, estou falando sério, já estou cansado...

Agora os dois se encaravam, encharcados. Então ela enfrentou os olhos pretos. E se arrependeu. Porque mesmo irritada o que ela queria era estar a sós com ele. E fez aquilo por ciúme. Deu na cara demais!

— Também estou cansada de você! — E se dirigiu à acompanhante dele que, em choque, não acreditava na cena que presenciava: — Cuidado, ele morde! — E chegou bem perto da jovem que o acompanhava e mostrou os dentes, simulando um latido. — Au!

Márcia a encarou assustada, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, alguém chamou:

— Bia!!! Mas o que está fazendo aqui?

Bianca reconheceu aquela voz antes mesmo de se virar. Levando as mãos ao cabelo úmido e melado tentou se recompor.

— Nando?! Não acredito! — Afastou-se da mesa sob o olhar embaçado de Leandro e abraçou efusiva o amigo que já não via há algum tempo.

— Meu Deus, me diz como você veio parar neste fim de mundo! — ela quis saber.

— Estou com um primo que tem um sítio por aqui. Nossa, o que aconteceu com você? Está toda molhada...

— Melada, você quer dizer. Foi... um pequeno acidente. — E se afastaram de braços dados, conversando animados como velhos amigos.

Leandro encarou a irmã sem saber o que dizer.

— Desculpa, Márcia.

— Meu irmão, me diga o que se passou entre você e aquela moça, porque até agora não acredito no que vi... Quem é o furacão de olhos azuis?

— Falou bem. É um furacão. Aquela garota desperta o que há de pior em mim.

— Isso eu pude notar, olha, em toda minha vida nunca presenciei uma cena como essa. Vocês quase se pegaram na minha frente.

— Ah, pois eu já estou cansado dos showzinhos dela e posso garantir que não foi exatamente um dos piores.

Márcia riu. Seu irmão estava cego ou o quê?

— Não entendeu?

— Entendi o quê, Márcia?

— Ela gosta de você, mano.

— Oi?! — Encarou a irmã com incredulidade. — Não sabe o que está falando, aquilo não gosta de ninguém, nem dela mesma.

— Também sou mulher, está claro que o que vi aqui foi uma cena de ciúme, na certa pensou que eu estava com você. Não sabe que somos irmãos, sabe?

— Não e não tem que saber. E não diga besteiras, ela faz isso só pra me provocar. E eu, eu não quero saber de mulher nenhuma. Os meus relacionamentos duram no máximo uma noite.

— E até quando acha que vai usar as pessoas sem se machucar?

— Não uso ninguém.

— Ah, não? Minha amiga Carla até hoje foge de namoros por sua causa.

— Problema dela. Forçou a barra pra ficar comigo e depois não aceitou que eu terminasse com ela.

— Você a magoou. Ela terminou com o César por sua causa. Acreditou que você gostava dela de verdade.

— Eu achei mesmo que gostava, mas acordei a tempo. Depois, não dei esperança de ficar com ela. Eu me senti atraído. E convivendo com ela vi que não era o que eu queria. O que vivemos foi bom, mas acabou. Durou muito mais que meus outros namoros, um mês. Ainda bem que acordei a tempo, porque ela chegou a falar em casamento comigo.

— E aí você fugiu! Foi feio o que fez. Terminou sem mais nem menos. Ela se sentiu um lixo.

— Sinto muito se era sua amiga. Mas ninguém pode esperar que a felicidade esteja em outra pessoa, agarrando-se num namoro ou num casamento frustrado.

— Mano, nem todo mundo é como o papai e a mamãe. Você usou minha amiga e a descartou sem um pinga de tato.

— Se a usei, ela me usou também. E chega disso ou vamos brigar.

Márcia desistiu. Não adiantava. O irmão tinha uma visão distorcida dos relacionamentos por causa do exemplo que teve em casa.

— E essa moça do refrigerante? Parece nova demais.

— Uma peste.

— Ah, Leandro, não subestime sua inteligência ou a minha, pelo modo como te olhou estava louca de ciúme. Ela está a fim de você e não precisei nem de dois minutos para perceber.

— Se o que diz é verdade, tenho mais um motivo para me afastar. — Então ela percebeu. Mesmo sem dar o braço a torcer, o irmão estava pisando em terreno minado. E pelo modo como reagiu parecia apaixonado. Será?! Resolveu testá-lo.

— Meu Deus, é pior do que eu pensava, você está apaixonado! Quem é ela, por

acaso é maior de idade?

— Apaixonado?! — ele gargalhou. — Agora você viajou.

— Viajei mesmo?

— Pare, mana, senão vamos acabar discutindo. Está completamente enganada. Entendeu tudo errado. Quer saber, vamos embora, amanhã temos que pegar a estrada bem cedo.

Mas antes que se levantassem, Fabiana chegou em companhia de Mirtes. Estava com um vestido curto e justo, cor bordô, de decote ousado e salto agulha. Ela o cumprimentou sorridente, exibindo um brinco de ouro, com duas gotas: uma em ouro branco; e outra menor, em amarelo, com brilhantes, e se convidou para sentar-se à mesa. A mãe também os cumprimentou, mas pediu licença para ir cumprimentar os amigos.

Fabiana então o encarou.

— Não sabia que sua irmã estava na cidade.

— Pois é, ela chegou hoje.

— Nossa, Márcia, se quiser sair comigo amanhã...

— Não, Fabiana — cortou Leandro impaciente. —, Márcia vai embora amanhã mesmo.

— Ah, entendi. Que pena.

E vendo a frieza como ele a tratou, deu uma desculpa qualquer e saiu da mesa prometendo que daria o troco. Primeiro ele a dispensava e agora a tratava como uma estranha? Era demais pra ela. Se já estava irritada, agora estava furiosa. Homem nenhum fazia aquilo com ela, nenhum. Quem ele pensava que era?! Leandro não perdia por esperar. Um brilho cruel tomou seus olhos. Nunca levou fora de ninguém, pelo contrário, foi ela que sempre escolheu e descartou quem não quis. Mas agora aquele fazendeirozinho metido a tinha desafiado.

Márcia viu a jovem se afastar e falou com o irmão:

— Nossa, você foi no mínimo grosso com a Fabiana.

— Falei com ela que não quero nada com ela e ela ainda não entendeu.

— Pelo visto, as mulheres querem te agarrar de qualquer jeito. — E riu.

— Não tem graça.

— Eu sei, mano. Mas toma cuidado com a Fabiana. Eu a conheço de longas datas. Ela é uma cobra. — Márcia sentiu um arrepio quando encarou a filha do prefeito, mas nada mais falou para o irmão.

Na segunda-feira, Bianca acordou com uma terrível dor de cabeça. Enquanto tomava o café da manhã, os pais saíram e aproveitou para ir atrás de Leandro. Não conseguia tirar aquela moça da cabeça. Precisava saber se tinham algum compromisso. O encontrou no celeiro polindo as ferramentas. Ao perceber sua presença, o rapaz fez uma expressão desgostosa demonstrando impaciência.

— Bianca, eu hoje tenho pouco tempo no sítio então, por favor, não crie confusões.

— Não vim criar confusão. Vim apenas fazer uma pergunta.

Ele colocou o rasqueador na prateleira e a encarou.

— Que pergunta?

— Aquela moça com quem estava na festa é sua namorada?

— Eita, eu não te devo satisfações da minha vida, devo?

— Por favor, se tem uma coisa que não suporto é responder uma pergunta com outra. Fala logo.

— Você é mesmo arrogante. Mas já que quer saber, não, ela não é. E nem pretendo namorar. Eu não quero compromissos. Eu fico com alguém e depois cada um na sua. Fujo de relacionamentos, entendeu?

— Entendi.

— E?

Os olhos dela passeavam confusos pelo chão.

— Daí que vim abrir o jogo com você! Não aguento mais viver desse jeito. Você representa tudo que mais detesto...

Então ele olhou para ela.

— Seja mais objetiva, por favor.

Ela vacilou, mas preferiu continuar:

— Mesmo assim está transformando minha vida num inferno.

Pela primeira vez desde que a conheceu, Leandro notou certa vulnerabilidade em seu olhar. Afastou-se das ferramentas e cruzou os braços ao encará-la.

— Ei, essa frase é minha. Quem vem atrás de mim e me atenta é você, o que está querendo dizer?

— Ah, fala sério! Não percebe?

— Não percebo o quê?

— É burro mesmo...

— Olha só, se quer me ofender vou deixar claro que...

— Cale a boca! — ela gritou, interrompendo o que ele falava. Venceu então o curto espaço que os distanciava e o segurou pelos braços, forçando-o a encará-la: — Não consigo te esquecer, não posso dormir, nem estudar. Não sei mais o que fazer — falou de uma vez.

Chocado, Leandro se desvencilhou do contato e lhe deu as costas.

— Acabei de falar que não quero relacionamentos. Vou fingir que não ouvi isso.

— Ouviu sim e não vou repetir. — Avançou até ele novamente e, deixando o

orgulho de lado, o atraiu para ela fazendo com que ficassem frente a frente. — Não pode ser tão cego.

Ele leu aflição em seu olhar. Ela estava sendo sincera. E o lábio superior tremia. Surpreendeu-se quando ela tocou seus cabelos com carinho e colou a boca na dele.

Leandro finalmente abandonou as defesas e a abraçou, deixando-se levar por alguns momentos. Sentiu que o corpo dela se encaixava perfeitamente em seus braços, a pele era tão macia, e o perfume dela aguçava ainda mais seus sentidos. Nossa, era muito difícil resistir. Intensificou o contato tocando suas faces, seu corpo, sentindo o cheiro delicioso dos cabelos cor de fogo recém-lavados. Quando se viu excitado, tocando seus seios por cima da blusa, aí se conscientizou do risco que corria e a empurrou. O sinal de alerta tocou alto.

— Seu bruto! — ela gritou assustada. Não sabia se o que pegava mais era a rejeição dele ou a forte atração que tinha o poder de tirá-la do chão.

— Não — justificou Leandro. —, não quero nada com você! Ficou maluca? Se quer brincar, procure alguém da sua idade. Não te quero perto de mim.

— Hein?!

— Não se faça de boba!

— Por que será que é tão difícil acreditar que está acontecendo algo entre nós? Não adianta fugir. — Apesar de demonstrar segurança, Bianca não pôde esconder o olhar magoado.

— O que está acontecendo é que quer me tirar do sério apenas por diversão. É mimada, arrogante. Acha que o mundo gira ao seu redor. Quando conheço pessoas assim, eu me afasto delas. Não sou seu brinquedo, sou independente, tenho minha vida e nada, nada do que fizer, vai mudar a opinião que tenho de você. Nem se fosse a última mulher do mundo teríamos um envolvimento. Não passa de uma menina fútil, acostumada a ter todas as vontades feitas. Pois bem, mocinha, sou algo que não pode ter. Não me importo com sua opinião ou com seus sentimentos. Agora, por favor, sai daqui e não me procure mais.

Bianca tentou conter as lágrimas, mas o leve tremor em seus lábios a denunciou. Apesar da vontade de se aproximar e tocá-la, Leandro entendeu que precisava colocar um ponto-final naquela história antes que aquela loucura fosse longe demais.

— Não acredito em você e não vou desistir. Fique certo de uma coisa, ainda vai correr atrás de mim e vou te dar o mesmo desprezo em troca. — Chorosa, se afastou o mais depressa possível. Vagou sem rumo durante um bom tempo. Só mais tarde conseguiu se acalmar.

Durante os dias que se seguiram, a moça procurou manter distância de Leandro, no entanto, o fato de não o ver não mudava o que sentia. Como sabia que o pai não lhe negaria nada teve uma ideia.

— Sabe, pai, já que vou viver aqui por algum tempo gostaria de aprender a montar.

— Você quer aprender a montar?

— Uai, qual o problema?

— Problema nenhum. Só surpresa. Claro, vou falar com o Osório.

— Eu andei observando aquele rapaz que cuida dos cavalos e ele monta muito bem. Acho que me sentiria melhor em sua companhia do que na do Osório. Além de ser mais velho, ele é muito ocupado.

— Não sei, filha, aquele rapaz não é empregado da fazenda.

— Como não?! Todos os dias ele vem aqui!

— Ele é amigo do Osório, eu o contratei apenas para iniciar minha criação de cavalos, porque ele entende muito do assunto. Vai ficar aqui só mais alguns dias, no máximo.

Bianca entrou em pânico. *Nunca mais iria vê-lo?! Insistiu novamente com o pai.*

— Ah, paizinho, mas enquanto ele está aqui o que custa me ensinar?

— Por que a insistência?

— Poxa, pai, será que não pode fazer nada por mim?! Se ele entende tanto assim de cavalos é só uma razão a mais para me ensinar.

— Tá bom, tá bom. Vamos ver. Vou conversar com o Leandro, mas vai depender de ele aceitar ou não.

Leandro quis recusar o pedido, porém, diante da gentileza de Paulo ao lhe pedir, não teve coragem e acabou aceitando. Desgostoso, pensou que Bianca sabia mesmo como manipular as pessoas.

Assim, passou a ensiná-la todas as manhãs, algumas vezes sob a supervisão do pai e estranhou o jeito meigo e reservado como a moça se comportava.

Após uma semana, Bianca já se sentia confortável em cima do cavalo, mas não se arriscava a sair sozinha. Certa manhã implorou a Leandro que a acompanhasse num passeio, pois estava cansada de andar sempre nas proximidades da casa. Após muita insistência, ele acabou concordando e aquilo se tornou um hábito. Dia sim, dia não, os dois cavalgavam juntos. Passaram a conversar como amigos e, mesmo a contragosto, ele passou a esperar por aqueles momentos, sempre, é claro, evitando ir além da amizade.

Capítulo Seis

Bianca sentiu o vento agitar seus cabelos enquanto galopava, mas não se importou. Aliás, essas coisas não a incomodavam mais. Desde que conheceu Leandro, não se importava com a poeira, o frio ou o calor. Ultimamente, não pensava em voltar pra Belo Horizonte ou morar em qualquer outro lugar e não podia acreditar que estivesse tão mudada.

Interrompendo suas reflexões, Leandro a chamou e avisou que os animais precisavam descansar um pouco. Deixaram os cavalos à sombra de um velho jatobá e caminharam até a nascente de água na divisa do terreno. O que começava num discreto filete após uns dez metros formava uma modesta piscina natural.

— Que lugar gostoso!

— É mesmo. Sempre gostei de passar por aqui...

— A água é tão limpa.

— Não só limpa como potável. O antigo proprietário do terreno mandou analisar... Acho que se a esposa dele não ficasse doente nunca teria vendido o sítio.

— Então podemos beber?

— Claro.

— E é fundo pra nadar?

— Não, mas nunca entrei.

— Sério?

— Claro, o terreno não é meu. Não gosto de invadir nada de ninguém. Mas o Osório me falou que os filhos do antigo proprietário viviam nadando aí.

— Hum... Vamos ver se é raso ou não, está mesmo um calor insuportável.

— Ficou doida? — E antes que ele pudesse impedi-la, ela tirou a blusa. — Pelo amor de Deus, o que está fazendo?

Ao ver seu olhar chocado, ela sorriu.

— Quero nadar. — Conservando só a lingerie preta no corpo lindo e atraente jogou-se na água.

Perplexo, Leandro sentou-se à margem. Bianca, às vezes, fazia coisas tão inesperadas que o deixava sem fala... então limitou-se a observá-la. Quando, enfim, saiu da água, ele desviou o olhar. Ela não se importou. Caminhou até ele e, ajoelhando-se à sua frente, o atraiu para si e colou a boca na dele demonstrando todo o desejo que sentia. Contudo, ao ver que Leandro não correspondia sua tentativa frustrada de sedução sentiu-se humilhada.

— Odeio você pelo que faz comigo!

— Não pode forçar um homem a tomar o que ele não quer, certo?

— Certo.

Furiosa com suas palavras e, envergonhada da própria atitude, o empurrou bruscamente. Após vestir a roupa com as mãos trêmulas montou no cavalo e foi-se embora, deixando ali um homem pensativo e confuso.

Instantes depois entrou em casa apressada. Precisava desesperadamente de um banho, como se a água pudesse apagar o que fez. Pela primeira vez lamentou o modo como vinha conduzindo a própria vida. *Aquele peãozinho idiota não gostava dela!* E mesmo assim se ofereceu. Se ofereceu sabendo que ele mal suportava sua presença... Nada do que fizesse mudaria seus sentimentos.

Nunca gostou de ninguém. Ficou com alguns garotos por ficar, apenas uns beijos inocentes e nada mais. Mas com Leandro era diferente, sentia vontade de estar ao seu lado o tempo todo e de se entregar sem reservas ao que sentia. Era um sentimento sem limites. E o que mais intrigava era o fato de pertencerem a mundos tão diferentes... Que ironia do destino, se envolver com uma cara que nem a enxergava! Não estava acostumada a ser rejeitada e lágrimas sentidas inundaram seus olhos.

Como os pais não notavam o que acontecia com a filha, pensavam estar tendo um grande progresso. Bianca parecia mais conformada e não os agredia como antes. O que não percebiam é que ela estava sofrendo. Sofrendo muito.

Na manhã seguinte, logo que acordou Bianca foi andar um pouco. Estava na hora de crescer e encarar a vida. Estava cansada de agir sempre tão impulsivamente, sentia-se mal em ser a pessoa que se tornou. Queria sorrir mais e sofrer menos. Parar de criar motivos para ser infeliz.

Voltou para casa disposta a conversar, talvez Paulo e Maria agora pudessem entender seus motivos em querer sair dali. Iria se abrir com eles e pedir ajuda. Quem sabe concordassem com uma viagem ou mesmo que ficasse com as primas por algum tempo. Assim tentaria se livrar daquela obsessão e poderia se dedicar aos estudos.

Contornava a casa, quando percebeu que os pais discutiam e a mãe chorava.

— Não, Maria. Foi um erro... se já mexeu com a cabeça da Bruna, imagina se a Bianca souber? Imagina se ela conta pra irmã?

— A Bruna nunca faria isso! Eu conheço nossa filha...

— Como pode ter certeza? É só uma adolescente e se solta a verdade numa briga? Não posso nem pensar na reação da Bianca se descobre desse jeito que eu não sou o pai biológico dela.

Bianca ficou tão transtornada que sentiu como se o mundo desabasse em sua cabeça. Avançou até os dois que, surpresos, perderam a fala.

— Eu sabia, sempre soube! Por isso sou tão diferente... Por que não me contaram? Eu só queria a verdade!

— Filha, calma, não é o que está pensando.

Bianca arqueou as sobrancelhas e fixou a mãe com rancor.

— Não?! Eu ouvi, eu ouvi! Odeio vocês, mentiram pra mim a vida toda.

Quando Paulo tentou se aproximar, ela correu. Afastou-se da casa sem saber o que fazer ou mesmo pra onde ir.

Desesperada, Maria abraçou o marido. Se conhecia bem a filha, nunca seria capaz de perdoá-los.

Bianca correu muito. Sentiu-se traída pelos pais. Estava com raiva de Paulo e Maria, raiva da irmã e de tudo o que sua vida estava se tornando. Chorava desesperadamente e, quanto mais chorava, maior era o seu desespero.

Foi entre soluços que alcançou a porteira. Não viu o cavaleiro que se aproximava.

Primeiro, Leandro pensou que era uma visão. Depois, suspirou com impaciência. Porém, chegando mais perto, ouviu o pranto sentido da adolescente. Preocupado, apeou do cavalo. Ao vê-lo se aproximar, ela o abraçou e ficou ali, sem se mexer, até que as lágrimas se esgotassem.

Sua vulnerabilidade mexeu com o jovem fazendeiro. Nunca a viu assim tão desprotegida... acariciou-lhe os cabelos suavemente e secou as faces delicadas com as mãos.

— O que aconteceu?

— Me tira daqui, por favor. Me leva pra qualquer lugar, antes que eu faça uma besteira.

— Por quê?

— Por favor. Não me pergunte nada agora.

— Calma, não chora mais. Tudo bem, vamos sair daqui.

Os dois montaram no cavalo e, após algum tempo, chegaram a uma bonita clareira. Leandro saltou da montaria e a ajudou a descer.

— Parece que conhece todos os lugares bonitos desta região.

— Nem todos, faço o que posso. Se está mais calma, me conta o que aconteceu.

— Você tem tempo pra ouvir a minha história?

— Todo o tempo do mundo.

Bianca contou tudo sobre sua vida, os atritos familiares, a diferença física que era nítida e as brechas emocionais. Contou que a mãe a tratava friamente e como o pai agiu todos aqueles anos, pondo sempre a família em segundo plano e como se revoltara com sua atitude. Concluiu contando o que ouviu.

— Você tem certeza?

— É claro, não inventaria algo assim, nunca... — E tornou a chorar. Após algum tempo, se acalmou novamente. — Sabe, eu estava disposta a me abrir com eles, dizer pela primeira vez como me sentia, parece até uma armadilha do destino. Pensei muito e decidi me afastar de... — Ela o fixou constrangida. — Quer dizer, deixa pra lá... não importa.

Mas Leandro entendeu.

— Decidiu se afastar de mim? — Como não houve resposta, ele segurou uma de suas mãos. — Responde.

— É, não posso mais ficar aqui. Não entendo o que aconteceu comigo. Sei que passei dos limites e...

— Que bom que entendeu, Bianca. Não posso negar que fico aliviado. Mas eu estou terminando meu serviço no sítio, não precisa se afastar da sua família por minha causa. Aposto que nem vai me ver mais.

Ela o encarou com incredulidade. Será que ele não tinha sensibilidade? Que ogro! Ouvir aquilo fez com que se sentisse ainda pior.

— Quer saber? — Enxugou os olhos com a mão. — Estou cheia de tudo, das mentiras que sempre ouvi, da mentira que é minha vida e também do seu desprezo. Sabe o que eu queria ouvir agora? Que você gosta de mim, que me quer como eu te quero e não consegue fazer mais nada direito por causa do que sente. Por que tem que ser assim? Nunca levei um fora. Nunca me interessei por ninguém e com você...

Leandro a interrompeu:

— Por favor, Bianca, não fale assim, eu...

— O quê? Nem precisa dizer, não suporta meninas fúteis e mimadas? Ah, você está certo, eu sou assim mesmo e tendo a criação que tive não poderia ser diferente. Sempre que eu chorava porque meu pai não podia viajar com a gente, ou simplesmente me levar ao colégio como acontecia com as outras crianças, eu podia escolher um brinquedo ou uma roupa pra compensar.

— Sinto muito, mas está sendo injusta comigo. Mesmo depois de tudo, das ofensas que me fez, tentei ser seu amigo.

— Amigo?! E quem disse que eu quero a sua amizade? — Antes que ela se humilhasse ainda mais se levantou e correu dali sem ter ideia de onde estava.

— Volte aqui, sua maluca! — gritou Leandro.

Mas ela não voltou. Enfiou-se em meio às árvores e só parou quando tropeçou em algumas raízes e caiu.

Leandro se aproximou apreensivo, mas Bianca se mexeu e ele respirou aliviado, pois temeu que tivesse se machucado de verdade.

— Você não tem juízo mesmo, está bem?

— Não e sim. — Ela o encarou zangada, enquanto retirava o mato e a terra da roupa.

Ele estendeu as mãos para ajudá-la a se erguer, no entanto ela ignorou a ajuda e se levantou sozinha.

— Sai de perto de mim!

— Que susto me deu! Como pode ser tão impulsiva? Se continuar agindo assim, uma hora vai se machucar de verdade.

— Fala sério! Guarde sua lição de moral pra você.

— Pelo jeito, já está ótima!

— Ai, como você é irritante... Não sei o que acontece, às vezes gostaria de te pegar pelos cabelos.

— Gostaria? Que eu saiba sempre faz o que quer. Já me agrediu, já pulou em cima de mim e até um banho de refrigerante eu tomei, sem contar nas suas tentativas de sedução que não foram poucas.

— Você mereceu e retribuiu, sempre me tira do sério. — Ela fez uma expressão sentida, mas acabou esboçando um sorriso.

— Espera aí, eu tiro você do sério? Não tem ideia do que faz com a cabeça de um homem!

— Sou tão má assim? — Leandro a fixou. Sua expressão denunciava angústia e os lindos olhos azuis estavam apagados.

— Não foi isso que quis dizer, talvez sejamos duas pestes.

Delicadamente, a moça tocou seus cabelos.

— Leandro, não sei como isso começou, nem entendo, mas preciso dizer que eu estou apaixonada por você.

Leandro fixou o chão mais agoniado ainda. Não esperava ouvir aquilo. Não com ela falando baixinho pela primeira vez. Pela primeira vez, a fera estava mansa. Pela primeira vez, ele se perguntava até quando seria capaz de resistir.

— Não! Não diga isso, menina.

— Talvez não sinta o mesmo por mim, mas se o que sinto não é paixão, então, estou doente. Por mais que não suporte minha presença, tudo que quero é estar ao seu lado. Eu sonho com você. Eu conto as horas para correr até as baías. Deus, eu nunca tive um relacionamento sério e me ofereci pra você. Tem ideia do que fez com o meu orgulho? Não dá mais. Preciso ir embora daqui. Este lugar mexeu com a minha cabeça. Não posso continuar como estou.

Mas ele não respondeu. Agora olhava firmemente nos olhos dela e via que estava sendo sincera. Não tinha máscara ali.

Ela o encarou. Ele parecia distante. Suspirou triste. Ele não gostava dela. Mas em vez de explodir e deixar sair a megera habitual, ela sentiu os olhos marejados. Arrasada, humilhada por ter se exposto tanto, virou de costas para ele e pediu:

— Chega! Me leva pro sítio.

Pelo leve tremor em seus ombros ele viu que ela chorava novamente. E experimentou uma aflição tão intensa quanto a que ela devia estar sentindo. Entendeu tudo. Estava perdido. Estava apaixonado. Isso era possível? Logo pela fera. Não adiantava mais relutar.

Ela era o fogo que o queimava. O olhar que o aticava. A resposta que o desafiava e a vontade que o enlouquecia. Ele sempre fugiu de tudo o que ela representava, mas não

adiantou, porque não havia definição nenhuma que o fizesse correr quando ela se aproximava.

Para os diabos com tudo aquilo!, pensou. Não aguentava mais impor aquela distância entre os dois, sabia que se arrependeria mais tarde, mas era só um homem comum e não teve forças para resistir. Segurou seus ombros, ela enrijeceu de imediato. Mas insistiu e fez com que se voltasse para ele.

Agora, frente a frente, ambos se encaravam. Arfantes. As bocas tão próximas. A mesma expectativa no olhar. O coração descompassado. Perderam a noção de terra firme.

— Bianca! Não entende? Você também tem feito da minha vida um inferno. Ah, menina, você me deixa louco!

— Verdade?

Ele desistiu de falar. Palavras pra quê?! Envolveu seu rosto com as mãos e colou a boca na dela sentindo o sangue bombear nas veias.

Naquele momento, Bianca esqueceu os pais, os problemas e toda sua revolta. O que mais ela queria ouvir naquele momento ele falou. Isso bastava. Era muito. E a boca dele, a boca dele a enlouquecia a ponto de fazer correr qualquer argumento.

Entregou-se ao beijo, enlaçando o pescoço dele e sentindo as pernas bambas. Seu coração se agitou. Então, sentiu o volume da excitação dele contra a barriga. Aprofundou o beijo e as línguas se enroscaram, enquanto ele a pegava nos braços e ela enlaçava sua cintura com as pernas.

Bianca estava sem fôlego. O sangue corria nas veias como fogo. Mas não era o bastante. Estava louca por ele. E queria mais. Queria ser dele. Era tão forte o desejo que não podia acreditar.

Por fim, eles acabaram no chão, rolando na relva, sem se importar com as folhas ou o desconforto. Numa exploração mútua não se despiram, apenas afastavam as roupas para dar vazão ao desejo que abrasava seus corpos.

Ele tomou os seios dela na boca e traçou um caminho com os lábios até finalmente chegar em seu sexo, afastando a calcinha e provando o gosto dela. Liberou então o membro rijo da calça e sob seu olhar admirado, toda em vontade e expectativa, a tomou como quis desde que a beijou.

Ela relutou um pouco contra a invasão. Ele era grande e ela inexperiente. Doeu, mas mesmo assim não deixou que ele parasse. O puxou mais para si, implorando por seu corpo, seu beijo, sua língua.

Ela gemeu alto e chegou a um lugar que nomeou instantaneamente como “de cara com as estrelas”, enquanto ele se movimentava em um vai e vem delicioso e torturante. Agora ela podia sentir cada centímetro dele dentro dela. Então, ele apertou suas pernas e estremeceu, e ela sentiu que um líquido quente a inundava. Lágrimas furtivas escaparam de seus olhos. Mas não era tristeza e nem arrependimento. Entendia agora porque os franceses chamavam o orgasmo de pequena morte (*La petit mort*). O que ela viveu nos braços de Leandro era morrer e renascer em milésimos de segundos.

Permaneceram abraçados, ainda unidos intimamente, corações batendo em ritmo acelerado. Aos poucos, a explosão serenou. Após algum tempo que, para eles, pareceu uma eternidade, entreolharam-se apaixonados, os olhos de um perdidos nos do outro, como se tempo e espaço não mais existissem.

O único som além de suas respirações agora era o que vinha da floresta, do estalido das folhas, de alguns animais e de pássaros que cantavam ao longe. Ele então se retirou de dentro dela. E ajeitou a cueca, a calça e a camisa. Ela também puxou a blusa para cobrir os seios e ajeitou o short.

Algun tempo depois, ela quebrou o silêncio:

— Nunca pensei que fosse assim, estamos praticamente vestidos e tudo foi tão rápido, tão louco.

— Não devia ter sido desse jeito, Bianca. Não na sua primeira vez. Você se protege?

Ela assentiu e disse:

— Tomo pílula há alguns meses para regular minha menstruação. Estava menstruando de quinze em quinze dias e a ginecologista receitou.

— Ainda bem, porque só agora pensei que não usei camisinha. Nunca fiz isso. Estou me sentindo irresponsável. Deus! Devo estar louco mesmo. Você está dolorida?

— Um pouco, mas, por favor, para de ser tão racional.

Ela o tocou no rosto e levou os lábios aos dele com carinho. A proximidade dos corpos a deixava sem fôlego. Se pudesse, mesmo naquele desconforto todo, ficaria ali para sempre. Entendia agora o que o poeta quis dizer com “que seja eterno enquanto dure”.

Logo se levantaram. Ela sacudiu os cabelos cheios de folhas tentando se recompor enquanto Leandro fez o mesmo.

O sol se pôs quando decidiram voltar. O horizonte era uma tela de cores e o astro-rei dava seu espetáculo ao se despedir de mais um dia.

Bianca agradeceu por aquilo. Era muito para um dia só, apesar da tristeza que a aguardava em casa. Das palavras que não foram ditas, da omissão que causou tantos atritos entre ela e a família.

— Como vamos nos explicar aos seus pais?

— Você não tem que explicar nada. Eu vou voltar pra casa, tomar um banho e depois conversar sobre tudo que ouvi.

— E quanto ao que houve?

— Isso é assunto nosso. Não interessa a mais ninguém.

A pedido dela se separaram na porteira. Tão logo entrou em casa, os pais a receberam num estado lastimável. Ao notarem a roupa suja e a testa machucada, perguntaram simultaneamente:

— O que aconteceu? Onde esteve todo esse tempo?

— Não interessa!

— Como não interessa? — gritou Maria. — Tem noção do que sentimos? Será que nem por um minuto pode pensar em alguém que não seja você?

— Olha só quem está falando! Vê se me erra, mãe! Vocês não têm moral pra me cobrar mais nada, não depois do que fizeram.

Paulo a segurou pela mão.

— Você vai nos ouvir, querendo ou não!

Bianca se retraiu perante o gesto.

— Não encoste em mim! — Ela se afastou alterada. — Preciso tomar um banho, me trocar, não estou me sentindo bem.

— Certo, mas depois vai se comportar como uma pessoa normal e ouvir o que temos a dizer.

Tomou banho, escovou os dentes e vestiu um pijama de malha. Quando finalmente deixou o quarto estava pálida e com enxaqueca. Por um lado, se pensasse em tudo que viveu com Leandro, estava nas nuvens, mas por outro, descobrir que Paulo não era seu verdadeiro pai a destruiu. Comeu alguma coisa e sentou-se no sofá sob o olhar consternado do casal.

Maria então se sentou de frente para a filha e contou toda sua história. Aos dezessete anos estava noiva. Apaixonada, descobriu que estava grávida, porém, o rapaz não quis assumir o bebê e a deixou para ficar com sua melhor amiga.

— Todos me avisaram que ele não prestava, mas eu estava cega e não queria enxergar. Naquela época eu e o Paulo éramos amigos. Contei a ele sobre meu estado. Ele disse que gostava de mim e que assumiria o meu filho como se fosse dele. Eram tempos difíceis, meu pai nunca aceitaria minha condição: grávida e solteira e certamente me expulsaria de casa. Bom... eu não tinha outra saída se quisesse te criar. O resto você sabe. O casamento deu certo. Vi que Paulo era o homem da minha vida e ele sempre demonstrou um amor de um pai verdadeiro. Sei que erramos muito com você, filha, deveríamos ter contado a verdade, mas não tivemos coragem.

— E o que aconteceu com o homem que me rejeitou?

— Nunca mais o vi. Sei que ele não se casou. Alguns anos atrás soube que morreu em um acidente de automóvel. — Bianca baixou a cabeça, os lábios trêmulos.

— Sinto muito.

— É triste... Eu me pareço com ele, não é?

— Muito.

— Sempre me questionei sobre nossas diferenças.

Paulo se aproximou da filha.

— Olha, Bianca. Sempre te amei como se fosse minha e isso nunca vai mudar.

Exaltada levantou-se.

— Mentira! Vocês sempre fizeram diferença entre mim e a Bruna... agora entendo o porquê.

— Você não é uma pessoa doce e compreensiva — justificou a mãe. No fundo, Maria sentia-se culpada, mas não conseguia encarar o tratamento diferenciado que sempre deu às filhas.

— Mãe, o que eu sou hoje não está em discussão. O que eu sei é que cresci me sentindo o último plano em sua vida. Sempre me criticou muito e não foi propriamente uma mãe amorosa comigo.

Maria se exaltou. Mesmo sabendo que Bianca falava a verdade não admitia:

— Você sempre foi respondona. Passa por cima de todo mundo. Precisa entender que não é mais uma criança. Não pode gritar quando quer alguma coisa e esperar que todos atendam suas vontades como se fossem seus súditos.

— Guarde suas palavras. Nada do que me disser vai apagar o fato de que minha vida foi uma mentira por todo esse tempo. Odeio vocês, odeio!

Capítulo Sete

O que me assola é uma tal de incompreensão: do mundo que me vê de uma forma; da forma como entendo este mesmo mundo.

O que me deixa sem palavras é a indiferença. O caos ao meu redor. A tempestade em meus pensamentos.

O que me liberta da medida insensata é o olhar que vai além do que aparento ser. Olhar tão raro, a serenidade é meu momento mais difícil de acontecer.

Bianca acordou bem cedo. Colocou uma *legging* preta e uma camiseta lilás de malha. Calçou um tênis azul e prendeu os cabelos num rabo de cavalo.

Contava os minutos para se encontrar com Leandro. Tão logo os pais saíram viu uma oportunidade de correr até ele.

Ao chegar ao estábulo, ele conversava com Osório e procurou se conter para não se jogar em seus braços. Debruçou-se sobre as baias e esperou que o caseiro se afastasse. A custo ele se foi. Ansiosa, aproximou-se e disse quase num sussurro:

— Estou morrendo de saudade!

Leandro sorriu e a convidou com o olhar a entrar no celeiro. Ela não pensou duas vezes e, apesar de tudo o que estava acontecendo em sua vida, sentiu-se feliz como nunca.

O rapaz que ia deixar o serviço no sítio acabou ficando mais um mês. E nesse tempo os dois viveram assim, se encontrando às escondidas, completamente envolvidos um pelo outro.

Apesar de saber que teria de tomar uma decisão, Leandro se permitiu viver o momento. Não conseguia mais raciocinar com clareza quando o assunto era Bianca.

A noite dava seus primeiros sinais e Leandro se preparava para ir embora quando viu Bianca. Ao longe agitava os cabelos cor de fogo enquanto discutia com os pais. Osório se aproximou de mansinho e tocou em seu ombro.

— É, peão! A danada te atenta, *num* é?

— Hã?! Do que está falando homem?

— E *ocê num* sabe?

— Não.

— *Ara, num* se faça de besta! Eu *tô é cabreiro* com essa situação. Se afasta dela, *sá*. Tá com a vida feita, deve *é procurá* uma moça boa e calma pra te *fazê companhia*. A Bianca tem um geniozinho *dos diabo*! Olha que nem *cumprimenta eu* direito.

— Está se preocupando à toa, Osório. Não quero moça calma e nem afogueada como essa aí. Tá pra nascer a mulher que vai me pôr um cabresto nesta vida.

O caseiro riu gostosamente mostrando os dentes maltratados pelo tempo. Osório

era quarentão, um mulato forte, de cabelo que mostrava os primeiros fios brancos, com um coração de ouro, mas muito solitário, pois enviuvou antes que a esposa lhe desse filhos.

— Sei, então por causa *de que* continuou na lida com os cavalos? O que tinha pra fazer já *tá* mais do que feito. *Cê num toma* cuidado não *procê vê*!

— Eu, hein? Nem brinca. Antes disso eu sumo daqui.

Daquela vez o caseiro o olhou preocupado e se afastou sem esperar resposta. Leandro era um moço bom, mas a filha do Paulo, *ixi*, era pimenta pura. Não foi uma nem duas vezes que viu a moça brigando e muito com a mãe.

Naquela noite, Leandro acordou com o celular tocando insistentemente. Era a irmã. Márcia estava desesperada, pois a mãe fora levada às pressas para o hospital. Preocupado, trocou-se o mais rápido que pôde, pegou o carro e, após passar na casa de Osório e pedir que lhe desse uma assistência com as terras, seguiu para a capital.

Na manhã seguinte, Bianca ficou desesperada ao ouvir o pai comentando com a mãe que Leandro não viria mais ao sítio, pois precisou viajar às pressas.

No dia seguinte foi até o curral sondar Osório. Um outro rapaz estava com ele. Claro, magrelo e de cabelo raspado. Já o tinha visto umas duas vezes ali, porque o pai contratava gente para limpar e capinar o sítio de vez em quando, já que Osório não conseguiria cuidar de tudo sozinho.

— *O que a moça quer?* — perguntou o caseiro.

— Você sabe pra onde o Leandro viajou?

— Sei nada — mentiu ele e logo emendou: — Vai me *discurpá* o atrevimento, mas vai acabar ficando falada aqui na região.

— Eu? E posso saber por quê?

— Porque vive no estábulo atrás do Leandro e essa gente daqui fala e fala muito. — Ele estava se referindo ao rapaz que a encarava com grande curiosidade.

Bianca quis mandar os dois para o espaço, mas simplesmente riu alto e respondeu:

— Osório, é bom você saber que eu não me importo com o que falam de mim. Não suporto fofoca e na mesma medida não dou ouvidos pra isso. Além do que, essa gentinha daqui não tem nada a ver comigo.

E antes que ele falasse mais alguma coisa se foi. Imagina se ela estava preocupada com o que aquela gente podia pensar dela?! Sempre achou falar dos outros uma falta do que fazer. Sábio foi o filósofo, Sócrates, que um dia ensinou: “Pessoas sábias falam de ideias, pessoas comuns falam de fatos e pessoas medíocres falam de pessoas”. Mas em Rurália, Sócrates não existia e, pelo visto, as pessoas não tinham outra coisa a fazer senão prestar atenção na vida dos outros.

Bianca acreditou que Leandro voltaria em um ou dois dias de sua viagem, no entanto, após quatro semanas sem notícia ela perdeu as esperanças. O celular dele estava sempre desligado ou fora de área. E nem uma mensagem no dela. Também, naquele lugar nada funcionava. Gritou de frustração jogando o aparelho longe.

O final do semestre se aproximava e as cobranças dos pais para que prestasse vestibular aumentaram. Nunca tiveram uma relação tranquila, mas agora só faziam discutir. Parecia que o mundo desabava sobre sua cabeça.

Os dias foram passando e o clima dentro de casa ficou insustentável. Bianca isolou-se ainda mais. Não conversava, não queria se abrir com ninguém. Estava abatida, pálida, não se alimentava direito. Para piorar a situação suspeitava estar grávida. Um único dia em que se esqueceu de tomar a pílula... era Lei de Murphy mesmo. E se estivesse mesmo, nem tinha um pai ali para assumir, pois ele tinha sumido.

E o que começou como um possível atraso do ciclo menstrual e uma apreensão, após alguns dias era quase uma certeza. Enjoava com o cheiro da comida, sentia os seios inchados e doloridos... de alguma forma, intuía. Não se conformava com a atitude de Leandro. Logo ela, tão cheia de si, grávida aos dezoito e abandonada sem ao menos uma explicação. Nunca imaginou que fosse ser mais uma estatística na sociedade. Mas era. Bem-feito! Quem mandou esquecer de tomar a pílula? Quem não se cuida depois se aperta.

À noite, sua ansiedade aumentava. Revirava-se na cama sem pregar os olhos. Precisava fazer um exame de sangue e contar aos pais, só não sabia como.

A madrugada avançava. Bianca deixou a cama em desespero. Sentiu a pressão cair e um calor que parecia sufocá-la. Saiu do quarto tentando não fazer barulho. Seguiu para a varanda. Talvez o ar fresco da noite afastasse o mal-estar.

Sentou-se no chão com a boca amarga e seu estômago se revoltou como nunca. Bruna acordou ouvindo uns gemidos abafados. Encontrou a porta da sala entreaberta e, ao ver a irmã naquele estado, ficou assustada. Buscou uma toalha e a ajudou a se levantar do chão. Depois limpou tudo e após se lavar voltou para perto da irmã:

— Está doente?

Bianca abraçou a irmã e se limitou a chorar, ficaram assim, abraçadas por algum tempo, até que a crise de choro passou.

— Foi mal... — Encarou a irmã desconfortável. — Vai, volta pro quarto.

— Não estou com sono. O que posso fazer pra te ajudar?

— Já ajudou, até demais. Só não conte que passei mal para o papai e a mamãe, por favor.

— Não vou contar, mas se quiser minha ajuda tem de confiar em mim.

— E por que eu confiaria?

— Porque sou sua irmã e te amo.

Amor... não conhecia muito aquela palavra. Sentia-se um fardo em casa, amada não. A irmã sensibilizou.

— Bruna, você não pode fazer nada por mim... ninguém pode.

— Quem sabe? Vamos, confie em mim. Não pode ser tão ruim. E como dizem por aí, a vida fica mais leve quando dividimos nossos problemas com alguém.

— Eu acho que estou... eu... nem sei como dizer, acho que estou grávida.

Bruna quase engasgou ao ouvir aquilo e fitou a irmã com incredulidade.

— O quê?! Como? Isso é impossível.

— Não, Bruna, não é impossível e a dúvida está me matando.

— Mas grávida de quem?

Omitindo alguns detalhes, Bianca contou sobre Leandro.

— Pera aí. Está me dizendo que se envolveu com um peão e que ele foi embora sem te falar nada?

Bruna não sabia o que pensar.

— Foi. E estou com medo. O que vai ser de mim agora? Não tenho condição de ter um bebê.

— Calma. A primeira coisa que precisamos fazer é ter certeza. Pode ser cisma sua. Amanhã à tarde você inventa que quer ir conhecer a faculdade da região e vamos comprar um exame desses de farmácia. Aliás, dois. Assim não tem chance de erro.

— O papai não vai me emprestar o carro!

— Por que não? Ele nunca te negou, além do mais, você tem carteira.

— Eu sei, é que depois do acidente em Belo Horizonte não gosto de dirigir na rodovia. Ele pode implicar.

— A gente fala com ele que vai pelo atalho da estrada de terra. O mesmo que ele usa para me levar ao colégio.

— Você realmente pensa rápido.

— Nem sabe como!

Pela primeira vez, Bianca sentiu admiração pela irmã.

No dia seguinte, Maria e Paulo ficaram felizes ao ver as filhas saírem juntas. Só de Bianca querer ir conhecer a faculdade, já tinham um motivo pra comemorar.

Quando voltaram, os pais estavam caminhando. As duas foram direto para o quarto e trancaram a porta. Para desespero de Bianca, os dois exames deram positivo. Bruna ficou o restante da tarde ao lado da irmã, tentando acalmá-la.

— No fundo, eu sabia...

— Talvez esses exames não sejam seguros.

— Não adianta eu me enganar, sei que é verdade, eu sinto.

— Antes devemos ir ao médico. O fato é que mais cedo ou mais tarde você vai ter de contar ao papai e a mamãe.

— Eu sei, eu sei... Caraca! Como pude ser tão burra?

— Bom, é melhor enterrar as embalagens pra mamãe não perceber, eu já volto.

— Obrigada, Bruna! Não vou esquecer o que está fazendo por mim.

Leandro chegou à fazenda naquela tarde e foi direto para o quarto. Ainda não conseguia aceitar a perda da mãe. Foi difícil ter de deixar o pai e a irmã num momento tão difícil, mas não podia ignorar os negócios e se entregar a um estado total de letargia. Era necessário reassumir sua vida. O trabalho seria uma bênção.

Enxugou as lágrimas e largou-se na cama. A cabeça doía e sentia o peito apertado. Era como se voltar para a fazenda representasse uma traição em relação à família.

Capítulo Oito

Bianca sentou-se com o pai e mãe na varanda. Viu que os dois a analisavam e sentiu-se ainda pior pelas mentiras que vinha contando.

— Filha, estou te achando abatida ultimamente.

— Não é nada, mãe. Estou meio indisposta, é só!

Paulo e Maria se entreolharam preocupados, aquelas sombras escuras em seus olhos e a palidez não eram normais.

— Tem certeza? Se quiser podemos ir ao médico agora mesmo. Talvez você esteja anêmica. Anda muito pálida.

— Não precisa, mãe. Estou meio indisposta, é só.

Paulo se levantou constatando que alguém se aproximava.

— Quem será que vem chegando aí, Maria? — perguntou, curioso.

A mulher se levantou e ajeitou os óculos.

— Uai, não sei. — Observou o homem que vinha descendo a estrada de terra ao longe, vinha num cavalo marrom e estava de chapéu. — Já sei, é aquele rapaz, como é mesmo o nome dele?

Ao erguer os olhos e avistar Leandro, Bianca sentiu o coração disparar. Mágoa e ansiedade se confundiram em seu interior. Ela se agitou. Seu estômago deu cambalhotas. O coração disparou. Era ele sim.

Paulo foi ao encontro do rapaz, que apeou e amarrou o cavalo à sombra de uma velha amoreira. Maria o acompanhou. Bianca não se moveu, ficou estática. Dividida entre cobrar uma satisfação ou simplesmente fingir indiferença, optou pela última.

— E então, rapaz, você sumiu, o que aconteceu? — quis saber Paulo.

— Tive um problema sério. Coisa de família. Avisei o Osório, mas não pude voltar antes.

— Podemos ajudar em alguma coisa?

— Não, ninguém pode.

— Osório te entregou o pagamento?

— Sim. Vim aqui agradecer.

— Sou eu que agradeço. Mais para frente pretendo comprar alguns potros e vou te chamar de novo.

— Disponha.

Constrangido, Leandro não sabia que desculpa usar para chegar até Bianca. Pelo olhar que a moça lhe lançava devia estar com ódio dele.

Paulo checou o relógio e se despediu afirmando que precisava buscar Bruna no

colégio. Leandro perguntou se poderia ficar e falar com Osório.

— Claro — disse Paulo e se foi.

Maria também saiu para cuidar do almoço e, sozinho, Leandro viu a oportunidade de se aproximar de Bianca.

Assim que a mãe passou por ela e entrou na casa, Leandro chegou até a varanda e murmurou:

— Precisamos conversar.

— Como ainda tem coragem de falar comigo?

— Por favor... — pediu baixinho.

Apesar da raiva, ela o acompanhou, pois não queria que a mãe os ouvisse. Caminharam algum tempo até encontrar um lugar para se sentar e Bianca não mais se conteve.

— Responde só uma coisa, por que fez isso comigo?

— Eu tive meus motivos.

— Ah, é?! Espero que tenha valido a pena, porque nunca me senti tão mal. Você me abandonou como algo sem valor. Sei que não gosta de mim, mas pensei que tivesse ao menos alguma consideração.

— Você não sabe nada, como pode dizer se gosto ou não?! Não está dentro de mim pra saber.

— Sei que sentimentos devem ser demonstrados e você sumiu sem me dizer nada. Quer prova maior? Pôxa vida, podia ter me mandado ao menos um recado!

— Como?! Ninguém sabe a nosso respeito. Eu perdi meu celular. Não decorei o seu e não pude fazer nada.

Furiosa, ela se levantou e, evitando olhar em seus olhos procurou atingi-lo.

— Bom, não importa mais. Se pensa que sofri por sua causa está enganado. Sua atitude só me fez perceber o tamanho do erro que cometi me envolvendo com você.

— Tudo bem, se é assim não tenho mais o que explicar. — Ele se ergueu. Deu alguns passos, mas Bianca gritou:

— Diz o que quer e simplesmente vai embora?

— Deixou claro que não quer nada comigo...

— Deixei? Não faz ideia de como me machucou. Sei que me vê como a pior pessoa do mundo, mas acreditei que tínhamos alguma coisa especial. — Ela sentiu um nó se formar na garganta e se odiou pela fraqueza. — Não sei o que está acontecendo comigo, tudo o que faço agora é chorar.

Leandro a envolveu entre os braços percebendo o quanto sofreu com sua distância.

— Não sabe quanta falta senti de você. Não te deixei porque quis... — E desabafou, chorando junto com ela. — Perdi minha mãe...

Após algum tempo, mais calmos, Bianca desculpou-se. Apesar de sofrer com sua perda, sentiu um grande alívio por saber que ele não se afastou intencionalmente.

— Não sei se deveria contar agora, mas estou desesperada.

— O que aconteceu?

— Eu... estou grávida.

— O quê?!

— Você ouviu.

— Essa não. Tem certeza? Você me disse que tomava a pílula.

— E era verdade. Um dia só eu esqueci. Tomei duas no dia seguinte, pensando que não teria chance. Mas me enganei.

— Parece brincadeira.

— Antes fosse. O que vamos fazer? Já não sei que desculpa inventar para os meus pais, tenho me sentido mal e o pior é ter que mentir.

— Sinceramente, não sei o que dizer, não esperava.

— Eu também não.

— Parece até mentira!

— Espera aí, está insinuando que estou mentindo?

— Não, apenas quis dizer que é coisa do destino... Por que tem sempre que distorcer minhas palavras?

— Não venha me criticar, não está no meu lugar. Tenho dezoito anos, Leandro. Nem vestibular eu prestei. Tem noção de como estou mal com isso?

— E o que pretende fazer agora?

Ela arqueou uma das sobrancelhas, indignada:

— Eu? Ei, acho que a pergunta deveria ser *o que nós pretendemos fazer agora?*

— Da minha parte eu vou assumir, claro que vou te dar todo o apoio possível, claro.

— Acho que não ouvi direito! Apoio? Quer dizer que espera que eu enfrente esta barra sozinha?

— O que quer ouvir?

— O que quero saber de você é como nós ficamos nessa. Escuta bem uma coisa, se não ficar comigo, ou melhor, se não se casar comigo, não vou levar essa gravidez adiante e é você quem vai ajudar a me livrar dela.

— Casar? Vou fingir que não escutei.

— Pode acreditar, eu tiro o bebê!

— Sabe que aborto é crime?

Bianca vacilou. Seus lábios tremeram. Não estava sendo sincera, mas ele não precisava saber. Permaneceu calada. Mãe solteira é que não seria. Não mesmo.

— E até pensei que você estivesse mudando. Que nada! Continua a mesma menininha egoísta e mimada de sempre. Eu te conto que perdi minha mãe, que estou passando pelo momento mais difícil da minha vida e usa sua gravidez para me chantagear?

— Se não notou, também estou passando pelo momento mais difícil da minha vida. Não estou preparada para ter um filho. Sou muito nova, dependo dos meus pais. Esta gravidez simplesmente desabou na minha cabeça.

— Nada disso justifica um casamento precipitado.

— Pode falar o que quiser, estou começando a achar que estava certa. Você só quis se divertir comigo e agora quer tirar o corpo fora.

— Tente me entender, Bianca. Somos muito diferentes. Não sei se um compromisso tão sério é a melhor solução. Sequer me conhece direito. Acha que posso assumir um casamento agora? Como julga que tenho condições para assumir uma esposa e um filho? Onde vamos morar? — Por um momento Leandro acreditou que ela soubesse de sua situação e teve medo de que Bianca estivesse inventando aquela gravidez. No entanto, ela pareceu refletir e teve certeza de que nem tinha ideia de quem ele era.

— Não interessa. Podemos passar fome juntos, mas não vou ser mãe solteira aos dezoito anos.

— Nem tem noção do que está me pedindo.

— Já falei o que penso. A decisão é sua.

Pressionado, Leandro cobriu o rosto com as mãos, bagunçando a franja pra trás.

— Meu Deus! Como pode ser tão egoísta? Não sabe o que é um casamento... nunca daria certo.

— Você tem vinte e cinco anos e se sente dono da verdade, não é mesmo?

— Não me sinto nada, apenas conheço um pouco do seu gênio estouvado.

— Se não vai me assumir, não posso levar essa gravidez adiante, concorda? Não me julgue! — Ela correu para casa, mas Leandro a seguiu e a segurou pelos ombros, fazendo com que se voltasse para ele.

— Não acredito que esteja falando sério. — Porque por mais que ele achasse uma loucura se casar com ela, não queria que ela tirasse o bebê.

Maria procurava pela filha quando se deparou com os dois discutindo em frente à casa.

— Posso saber o que está acontecendo?

— Nada! — afirmou Bianca.

Leandro irritou-se mais ainda com sua postura agressiva.

— Vamos, conte a verdade pra sua mãe...

— Não estou entendendo nada — falou Maria.

Justamente nesse momento, Paulo chegou com Bruna. Estacionou o carro na garagem, na lateral da casa e, ao sair, logo percebeu o clima tenso. Ele e a filha caçula se aproximaram dos três.

— O que está acontecendo? — indagou Paulo.

— Peguei os dois discutindo. Ainda não me disseram o motivo.

Paulo encarou Leandro desconfiado. Um brilho malicioso passou pelo olhar de Bianca e ela não resistiu.

— O problema, *papai*, é que estou grávida!

O choque foi grande. Maria e Paulo se entreolharam, confusos.

— Grávida?! — exclamaram ao mesmo tempo.

— Isso mesmo que ouviram e o pai está diante de vocês! — Chorosa, deixou todos na varanda e se refugiou no quarto.

Sua imaturidade fez com que Leandro se revoltasse. Era como se sentisse prazer em atirar a verdade na cara dos pais.

— Meu Deus! Isso é verdade, rapaz?

— Paulo, eu...

— Eu o quê?! Como teve coragem de se envolver com minha filha? Ela é quase uma criança! — Furioso, Paulo o segurou pela gola da camisa. Leandro não reagiu, não poderia. Preocupada, Maria os separou.

— Para com isso, Paulo. Por favor. Bruna está aqui. Não pode se exaltar dessa maneira, depois não adianta brigar com ele. Vamos sentar e conversar.

— Quer conversar?! Ele destruiu a vida da nossa filha.

— Acontece que nossa filha é maior de idade e violência não resolve nada.

— Também acho, pai. Ouça a mamãe — interveio Bruna.

Paulo pediu que a filha entrasse. Mesmo preocupada, Bruna se afastou e entrou em casa.

Maria tentou se manter calma, com medo de que o coração do marido não aguentasse tudo aquilo. Porém, seus olhos transbordaram. Profundamente envergonhado, Leandro queria se explicar.

Sentaram-se na varanda, em uma mesa de ferro trabalhada e que tinha quatro cadeiras. Leandro então contou sobre seu romance com Bianca. Confessou que realmente gostava dela e que pretendia assumi-la.

Paulo sorriu ironicamente.

— Pretende sustentar minha filha cuidando de cavalos?

Leandro pensou em revelar sua verdadeira situação, mas a forma preconceituosa como o outro o tratou o irritou profundamente.

— Por que não? Bianca se envolveu comigo sabendo quem eu era. Pelo menos, eu trabalho e tenho um teto a oferecer.

— E acha que é o bastante?

— No meu mundo costuma ser.

Paulo o encarou com incredulidade. De alguma forma não conseguia desgostar do rapaz e seu instinto dizia que ele escondia algum segredo, porque não parecia propriamente um trabalhador rural. Nem no modo de falar que oscilava do sotaque interiorano para a total falta de sotaque, nem nas atitudes.

O rapaz sentiu a análise e deu de ombros de modo displicente.

— O que importa mesmo é que eu gosto da sua filha e ela quer ficar comigo.

— Precisa entender que minha filha não tem juízo.

— Isso eu sei. Mas ela está grávida e se a condição para ter nosso filho é casar comigo, então vamos casar.

Leandro se levantou e seguiu-se um silêncio constrangedor.

— Se me permitem, quero falar com Bianca.

— Vocês não têm nada pra conversar agora — respondeu Maria, rispidamente.

— Sinto muito, mas vou falar com ela de qualquer maneira. — Leandro não esperou um consentimento e, sob os olhares perplexos do casal, entrou na casa chamando por Bianca.

Atordoados, Paulo o seguiu.

— Quem você pensa que é para invadir minha casa deste jeito? Isso é, no mínimo, falta de respeito e invasão de domicílio! — gritou Paulo, segurando-o pelo braço.

Leandro, no entanto, respondeu:

— Fique à vontade para chamar a polícia. É seu direito. — E continuou chamando pela moça, até que Bianca abriu a porta do quarto e veio ao seu encontro.

— O que quer agora? Por acaso, já se decidiu?

— Talvez. Mas nós dois temos que esclarecer algumas coisas antes. E a nós.

— Não pense que vamos permitir esse casamento absurdo! — advertiu Paulo.

— Você não manda em mim — declarou Bianca.

A discussão prosseguiu até que Bruna se aproximou e implorou aos pais que deixassem os dois conversarem sozinhos. Contrariado, o casal finalmente assentiu.

— Agora sim você vai me ouvir — disse Leandro, assim que ficou a sós com Bianca.

— Não vou mudar de ideia. Nem adianta insistir — assegurou, embora os lábios estivessem ligeiramente trêmulos.

— Ah, isso eu sei. Hoje conseguiu me decepcionar ainda mais. Como teve

coragem de falar daquela forma com seus pais? Contou de forma leviana e fria sobre seu estado.

— A culpa é sua que quis fugir à responsabilidade do que fez.

— Do que fizemos, não é? Você me conhece muito pouco. Não fujo às minhas responsabilidades; como não poderia deixar de ser, mede meu comportamento pelo seu.

— Tudo bem! Falou o dono da verdade! Agora me diga, vai casar comigo? — Com as mãos na cintura, colocou-se em posição de desafio.

— Não dá pra acreditar que vai insistir nessa chantagem absurda. Você tem um bebê aí dentro e não um brinquedo.

— Vou colocar as coisas assim: não quero mais viver com meus pais, não quero ser mãe solteira e, principalmente, não vou deixar você seguir sua vida normalmente, enquanto fico aqui passando mal e vendo meu corpo se encher como um balão.

Sua expressão cínica o deixou extremamente nervoso.

— Tudo bem, será como quiser, mas lembre-se de uma coisa: foi você quem escolheu assim. Vai viver de acordo com minhas possibilidades, sem poder correr para o papai e a mamãe quando a situação apertar. Vai ter que morar comigo e se adaptar à vida que você acha simples e monótona do interior. Não vou aceitar uma única reclamação, entendeu?

— Você bem que gostaria de se livrar de mim, não é?! Eu sei que não me ama.

— Amor... você não sabe o que é amar. Não ama nem a si mesma e trata sua família como se fosse lixo. Se antes eu tinha alguma dúvida, agora tenho certeza, o que sente por mim está relacionado ao seu orgulho.

— Na sua opinião eu não presto, é isso?

— Tire suas próprias conclusões! — Cansado de argumentar, o rapaz saiu batendo a porta.

— Estúpido! — gritou Bianca.

Leandro passou por Maria e Paulo, mas ambos o ignoraram completamente. Pensou em contar a verdade, mas desistiu. Procurou Osório, contou o que aconteceu e pediu silêncio ao amigo. Depois, agradeceu pela ajuda e se despediu. Sem dúvida, aquele foi um dia cheio demais.

O dia se arrastou. Mais tarde, após o almoço, Bianca decidiu conversar com os pais. Já não suportava o choro sentido da mãe e a tristeza de Paulo.

— Como vocês têm coragem de se comportar assim, se mentiram pra mim a vida inteira?

Maria a encarou, chocada.

— Incrível como você é cruel... Somos seus pais, estamos sofrendo, não podia ter nos escondido seu envolvimento com esse rapaz. Por acaso, pensou na vida que vai ter ao lado dele? Como foi se envolver com alguém que... que...

— Que o quê? Fala de uma vez, mãe. Como pude me envolver com um cara pobre?

— Você sabe muito bem que a vida que ele leva não condiz com a sua. Ele é um peão. Deus, nem sabemos de onde ele saiu.

— Não me importo com nada disso. Eu gosto dele.

— Gosta mesmo? Como pode gostar de alguém se não gosta nem de você?

Bianca deu de ombros e, apenas para alfinetar a mãe, disse:

— Talvez eu seja parecida com meu pai biológico.

— Verdade! Você é um poço de egoísmo. Nós te mimamos demais, por isso se transformou nessa pessoa fria, individualista.

Bianca deu de ombros e ficou em silêncio. Depois, levantou-se do sofá e saiu da sala. Preocupada, Bruna a seguiu até a varanda.

— Não aprovo a forma como contou sobre sua gravidez. Pegou pesado.

— Não te perguntei nada.

— Eu sei, mas é a minha opinião.

Para desgosto da adolescente, Leandro não deu as caras por dois dias e só apareceu no domingo à tarde. Ao chegar, encontrou Paulo, Maria e Bruna no pomar. O casal virou o rosto e, sem graça, seguiu para a casa. Bianca estava sentada na rede, comendo uma maçã... e ao vê-lo deixou a fruta de lado.

— Finalmente apareceu. Pensei que tivesse viajado de novo.

— Não comece, vim conversar com você.

— Se pensa que vai me convencer a fazer o que quer está enganado!

— Não vou tentar te chamar à razão porque, pelo pouco que te conheço, sei que não adianta. Só lamento saber que meu filho vai ter uma mãe manipuladora e egoísta como você!

— Pra você ver que, apesar de se achar tão esperto, escolheu muito mal a mãe do seu filho.

— Tem razão! Recomendo aos outros homens pensar e repensar suas escolhas mil vezes, pena que eu não posso voltar atrás.

Não houve resposta e Leandro a fixou, intrigado.

— Sou um peão. Não tenho grandes ambições na vida. Quer mesmo se casar comigo? Tem noção do que isso envolve? Por acaso, sabe as dificuldades que vai ter que enfrentar?

— Já disse que sim.

— Você não dá mesmo o braço a torcer... tremenda carne de pescoço!

— Posso falar a mesma coisa de você.

— Vai se arrepender, menina. Não tem noção do que te aguarda.

— Será? — Voluntariosa, ergueu o queixo em desafio. Os olhos brilhavam feito chamas e não demonstravam um pinga de dúvida.

— Tá certo. Amanhã cedo vamos ao cartório. Quero tratar logo dessa palhaçada.

— Ok! Vamos a pé ou a cavalo? Porque esse seu cheiro de pelo suado está me enjoando — irritou-se Bianca.

— Qual o seu problema?

— A cavalo não posso ir, estou enjoando muito. Vou pedir o carro emprestado ao papai.

— Não vai pedir nada emprestado ao papai — ironizou. —, eu vou decidir como nós vamos. Isso, se realmente formos.

— O que está insinuando?

— Que tudo pode mudar de um minuto ao outro. Não estou certo se te quero.

Ela mordeu os lábios de raiva.

— Cachorro! — sussurrou.

Ele ouviu, mas não deu resposta e se foi. Mesmo de longe, ainda podia ouvir seus protestos. Apesar de querer abraçá-la, beijá-la, não a deixaria pensar que estava tudo bem. Bianca precisava de uma lição. Ela costumava agir sem se importar com ninguém. Pois bem, agiria da mesma forma até que ela aprendesse a se colocar no lugar dos outros e pensasse duas vezes antes de falar.

Na manhã seguinte, Leandro a buscou de carro. Ela e a mãe estranharam a velha picape vermelha que se aproximava, mas se surpreenderam ao vê-lo estacionar e descer. Ele estava de calça de sarja marrom, blusa polo branca e bota preta. A roupa estava gasta, mas era um pouco melhor do que as que ele usava para trabalhar. Quis perguntar por que ele não se arrumou como no dia da festa na cidade, mas deixou pra lá e foi rapidamente ao seu encontro.

— Eu não sabia que dirigia, por que não me contou?

— Não sabe praticamente nada ao meu respeito, porque nunca conversamos sobre minha vida. Aliás, se interessar pelos outros não é uma coisa que faz parte de sua natureza. Sua mente trabalha o *Eu* quase cem por cento do tempo ou não notou?

Sentindo o rosto esquentar com a alfinetada, o encarou magoada.

— Chega de conversa. Não tenho muito tempo pra perder com você.

— Grosso.

— Não seja tão sensível. Não combina com você, *amor*.

— Não vou entrar nesta lata velha.

— É a lata velha ou o cavalo com cheiro de pelo suado, você que escolhe!

Bianca quis dizer uns desaforos, mas engoliu as palavras.

— Estamos indo, mãe! — gritou e Maria acenou com indiferença. Estava engasgada com aquele casamento absurdo e muito magoada com a filha. Ela estragou a própria vida e frustrou todos os sonhos que acalentou para ela. Mas como podia julgar se ficou grávida de um mau-caráter aos dezessete?

— Parabéns! — ironizou Leandro. — É um enorme progresso você se despedir da sua mãe...

— Engraçadinho. Prefiro não responder.

Para surpresa da moça, em vez de seguir em direção à BR, Leandro pegou um caminho diferente e, após alguns minutos, entraram em uma fazenda que Bianca não conhecia. A placa de entrada exibia a figura de um cavalo e a denominação “Fazenda do Laço”.

— Você mora aqui?

— Eu moro e trabalho na Fazenda do Laço. — Estacionando a picape numa área gramada, levou Bianca para um casebre localizado nas proximidades de um curral. Tinha as paredes do que foi um dia a cor branca num tom cinzento e descascado. A porta de madeira azul também estava descascada. A janela em piores condições, quase caindo.

— Faço questão que conheça minha casa. Não é melhor por dentro do que é por fora, e tem o cheiro de curral que você detesta, então, pense bem se isso é o que quer fazer com a sua vida.

Ela abriu e fechou a boca ao mesmo tempo. Não era uma visão agradável. Sentiu um nó se formar na garganta, lamentou por ele que vivia tão mal, contudo, nada falou. Não daria o braço a torcer.

Ele notou surpresa e decepção em sua expressão. Finalmente ela deu de ombros e segurou sua mão esquerda com a direita.

— Vamos entrar ou não?

— Claro. — Leandro interrompeu o contato e abriu a porta. Não havia muito a ser visto.

— Pelo menos está limpa! Mora sozinho? — Ele assentiu.

Ela lançou um olhar desanimado para a mobília escassa. Um sofá vermelho e rasgado ocupava a sala de entrada. A cozinha era decadente, contando apenas com uma mesa velha, dois bancos encardidos de ferro, algumas prateleiras, uma geladeira de quase meio século e um fogão a lenha. O resto da casa não era melhor. O banheiro não era digno de um segundo olhar e o quarto, suspirou Bianca, não combinava em nada com sua ideia de lua de mel. Pra ser sincera, sequer teria coragem de sentar naquela cama sem forrá-la, tão encardido e gasto estava o colchão. Não havia laje e aquele chão nunca conheceu um piso além do cimento batido tingido de vermelhão. O guarda-roupa era minúsculo e estava cheio de cupins. Lamentou a sorte de Leandro em viver num lugar tão miserável e solitário.

— E então?! Ainda quer ir ao cartório?

— É impressão minha ou quer me forçar a desistir?

— Quero te mostrar a minha realidade.

— Já mostrou. Agora vamos cuidar do nosso casamento.

Intrigado, franziu a testa. Como assim? Ao olhar os olhos azuis e enxergar determinação concordou. Estavam tão próximos que quis tocá-la, morder os lábios generosos e se perder nos cabelos cor de fogo.

O suave perfume que ela usava invadiu suas narinas e, por um segundo, ficou atordoado. Deu um passo em sua direção. Quando ela entrelaçou as mãos em sua nuca, a afastou e apenas disse:

— Não.

— Pode agir assim se quiser. Nada do que fizer vai me fazer desistir do nosso casamento!

— Como quiser, madame! Só não se arrependa depois. O tempo não dá marcha a ré.

— Eu sei. Percebo isso cada vez que sinto enjoo.

Entreolharam-se zangados. E dali foram para a cidade. Ambos calados demais. Marcaram a data do casamento civil para dali a vinte dias. Durante todo o procedimento, Leandro analisava a conduta de Bianca... Apesar de tudo que viu e ouviu, ela não demonstrou um único traço de dúvida.

Vinte dias depois...

A segunda-feira amanheceu fria e nublada. Calados e introspectivos, tanto Paulo como Maria levavam Bianca para a cidade contra a vontade. Temiam pelo seu destino. Uma adolescente imatura, voluntariosa e um rapaz do campo, cuja origem e família desconheciam. Não poderia dar certo, poderia? Justamente por isso, não concordavam com aquele casamento. Mas ela era maior de idade e estava irredutível. Refutava qualquer argumento. Rejeitava qualquer opinião.

Assim que entraram no carro e se acomodaram, o pai colocou um CD de Celine Dion e seguiram ouvindo as canções sem dizer uma palavra.

Para a cerimônia no civil, Bianca escolheu um vestido longuete de mangas curtas, muito delicado, em renda e cetim perolado, com fita preta na barra e na cintura. Optou por um scarpin marfim com salto de cinco centímetros.

Quando chegaram ao cartório, Leandro os esperava encostado numa caminhonete de cabine dupla preta ao lado de dois funcionários da fazenda: Marcos, o encarregado da fazenda (responsável pela irrigação, cuidados com o gado e cavalos) e Cláudia (responsável pelos serviços domésticos na sede), seriam as testemunhas. Paulo entregou para Leandro as bagagens da filha. Ele viu as bolsas e malas de marca impecáveis e sorriu, jogando-as na carroceria.

Bianca mordeu os lábios para não soltar um desaforo ante aquele *malicídio*. Logo, ela que gostava de tudo impecável e que arrumou as coisas com tanto capricho era obrigada a ver suas filhotas de grife voando para a carroceria suja de uma caminhonete qualquer.

Maria e Paulo tentaram demovê-lo da ideia, mas o rapaz respondeu que a decisão estava nas mãos da noiva. Bianca hesitou. Mas olhou para ele. Estava de calça preta social e camisa branca com detalhe cinza na gola. Ele nem parecia a mesma pessoa vestido daquele jeito.

Se ela tinha dúvidas, olhar nos olhos dele levou todas elas por terra. Assim, ergueu o rosto, deu a mão para ele, entraram na sala reservada aos casamentos. Ante as testemunhas e o oficial do registro, indagou um juiz baixinho, gordinho e calvo, de expressão amável e simpática:

— Leandro Toledo da Costa, é de livre e espontânea vontade que recebe a Bianca por esposa?

Ele a encarou. Bem que queria dizer não, pensou. Imaginou como ela ficaria brava. Então a fixou. Leu a expectativa nos olhos azuis e não teve coragem. Por quê?

— Sim — disse finalmente.

Bianca respirou aliviada. Por um minuto sentiu que ele hesitou. Será?

E o juiz logo repetiu a pergunta para a noiva:

— Bianca Neri Abreu, é de livre e espontânea vontade que recebe o Leandro por esposo?

Daquela vez foi ela quem demorou. Não por hesitação e sim de propósito. Pra ele ver o que era ficar no vácuo. Viu que ele ergueu a sobrancelha esquerda, como fazia quando ia lhe perguntar alguma coisa e os olhos pretos questionaram os segundos que ela se manteve em silêncio. Na cabeça dele passava a seguinte pergunta: “Será que ela pensou melhor e desistiu?”. Porque diante do barraco que ele a levou para conhecer não ia se admirar em nada se ela pulasse fora.

Na cabeça dela uma certeza: “Ele pensa que vou dizer não, mas só pensa. Vai ter que passar algum tempo ao meu lado para entender que eu nunca desisto do que quero”.

E quando o juiz a encarou em muda interrogação, ela finalmente disse:

— Sim.

E em poucos minutos se tornaram marido e mulher.

Eles assinaram a certidão, as testemunhas também.

Maria então se aproximou da filha com os olhos marejados. Ali tinha uma culpa escondida. Uma culpa que ela nem ousava exteriorizar. Da mesma forma, percebeu a tristeza nublar o semblante de Paulo. Deixando a mágoa de lado, ambos se aproximaram da filha e a abraçaram.

— Ainda achamos que isso não vai dar certo, mesmo assim vamos torcer para que Deus os ilumine — falou Maria.

— Mãe, sei o que quero da minha vida. Não se preocupe comigo.

— Sabe mesmo? — Elas se encararam por alguns instantes. Bianca desviou o olhar, insegura pela primeira vez. Porque a verdade é que é só depois do “era uma vez” que a história acontece. E nem sempre ela é como a gente quer e espera.

Bruna se chegou à irmã.

— Se precisar de mim, é só me ligar.

Um pouco ansiosa, Bianca observou os pais e a irmã entrarem no carro. Depois, foi a vez de Marcos e Cláudia cumprimentarem-na. Eles se despediram de Leandro e partiram numa velha rural azul.

Pela primeira vez, Bianca sentiu medo do futuro.

— Caiu a ficha?!

— O que está falando? — Ela arqueou as sobrancelhas e encarou o marido disfarçando a apreensão — O que eu sei é que não me deu nem um beijo.

— Nem vou. Esqueceu que estou aqui contra a vontade?

— Não me julgue se não conhece minhas razões!

— Nenhuma razão justifica sua arrogância. Nenhuma razão pode justificar a chantagem com a vida de um bebê inocente. Vem, vamos embora. A palhaçada acabou. — Bianca permaneceu calada.

Não se passou cinco minutos e ele a fez entrar na caminhonete.

— Posso saber que carro é esse?

— Propriedade da fazenda.

— Sei... e seu patrão te deixa dirigir?

— Deixa!

Ao longo do percurso, Bianca tentou segurar a língua. O *marido* se mantinha calado e indiferente.

Ao chegar à fazenda, ele pegou uma estrada diferente da que seguiram pouco mais de duas semanas atrás. Bianca surpreendeu-se com a beleza do lugar. Um cenário bem diferente do que conheceu na última vez.

Leandro a fixou atentamente. Fez questão de manter sua situação em segredo, afinal, estava na hora de “sua esposa” aprender que não se mede as pessoas pelo que fazem ou pelo que aparentam ser.

Passaram por um arco de ferro envolto em hera. A estrada que conduzia à sede da fazenda era circundada por palmeiras. Atrás de uma lagoa enorme e de um lindo caramanchão florido, erguia-se uma casa colonial de dois andares. Num tom de salmão, tinha amplas janelas de vidro no primeiro e segundo andar, telhado colonial com varandão de fora a fora, após estacionar o carro na garagem ao lado da construção, Leandro abriu a porta para sair. Confusa, Bianca o impediu de sair.

— Onde estamos?

— Na minha casa.

— O quê?! Tá brincando comigo, né?

— Não, brinquei da outra vez quando resolvi testar sua determinação.

— Está me dizendo que a Fazenda do Laço é sua?

— Ninguém nunca te ensinou que não se avalia as pessoas pela aparência? Ora, bem-vinda a vida real, *esposa*!

— Você mentiu pra mim... por quê?!

— Apenas não desmenti o que pensou e resolvi brincar com você. Meu consolo é saber que não se casou comigo por interesse.

— Idiota! — Ela sentiu tanta raiva, tanta humilhação, que uma ideia maluca lhe passou pela cabeça e resolveu acabar com arrogância dele. Então, arqueou as sobrancelhas e, sorrindo friamente, falou: — Como você é inocente! Acha mesmo que eu não sabia?

Daquela vez, Leandro franziu a testa preocupado.

— O que disse?

— Ouvi uma conversa sua com Osório há algum tempo... acha mesmo que eu o aceitaria se não tivesse dinheiro? E vou te falar, Leandro, não foi nada fácil te enganar.

— Está mentindo.

Ela o fixou com frieza. As faces coradas. Expressão altiva, como se ele jamais pudesse alcançá-la. Experimentando um sentimento de traição, a segurou pelos ombros:

— Como pode ser tão cínica?

— Quem é você pra falar de mim? Me levou até aquele barraco para que eu desistisse, não foi?

— Saber que não ficaria comigo por interesse era a única coisa que ainda valia a pena em você. Agora, não sobrou nada.

— Bem-vindo ao mundo real!

— Vai se arrepender disso. Você destruiu qualquer sentimento que eu ainda sentia por você.

— Não me importo. O que eu queria eu já tenho. Saí daquele sítio insuportável e... — Levando a mão à barriga, afirmou: — o meu futuro está garantido.... só me diga uma coisa, por que quis me enganar?

— Porque que está na hora de você mudar seus valores distorcidos! E tome cuidado, o que tenho não muda o fato de que se casou com um peão. Minha vida é esta fazenda. Trabalho tanto quanto qualquer um dos meus funcionários. E só para deixarmos as coisas claras: como foi herança do meu avô não tem direito a um milímetro de terra.

Bianca inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada estridente.

— Acha mesmo que tenho vocação pra trabalhador rural?

— Não, mas tem pra cobra.

Ela limitou-se a observá-lo em silêncio. Entre o que dizia e o que sentia havia um mundo. Experimentou um grande vazio, mas também não era justo enganá-la como fez e brincar assim com seus sentimentos daquela forma.

Leandro saiu do carro destruído e, pegando as malas que ela trouxe, entrou em casa.

Triste, Bianca sentiu um nó se formar na garganta. Fora longe demais em sua mentira. Tudo para machucá-lo, mas quem acabou se ferindo foi ela. Mas agora era tarde e nem adiantava se lamentar. Levantou-se do banco sem vontade de sair dali. Olhou de relance os lugares por onde passava, o interior da moradia era escuro, austero. Os móveis antigos e impecavelmente polidos eram tão frios quanto todo o resto. Não havia uma só cor que descontraísse o ambiente. Sentiu-se vulnerável. A casa dele tinha gosto e cheiro de solidão.

Leandro estabeleceu uma grande distância entre os dois, tão grande que Bianca não soube vencê-la. Após algum tempo a levou para o quarto de hóspedes e lá soltou sua bagagem no chão, fazendo uma expressão do tipo “se vira”.

— Este é o seu quarto! — declarou.

— Não vamos ficar juntos?

— Claro que não! Depois de tudo o que me falou, esqueça que eu existo. E tem mais, entenda que só vai ficar aqui até essa criança nascer.

— Não venha me dar ordens. Tem mais alguém nesse mausoléu horroroso?

— A Cláudia que conheceu no cartório é quem cuida da casa. Trabalha comigo há muito tempo, então, se precisar de alguma coisa, seja educada com a moça.

— Aonde pensa que vai? Vai me deixar sozinha no dia do nosso casamento?

— Eu não penso, eu vou. Não sou um filhinho de papai arrogante e mal-acostumado como algumas pessoas que conheço por aí. Preciso ver meu pessoal, checar se está tudo certo, já me afastei dos meus negócios tempo demais. E olhe só por quem... — disse, observando-a com fingido desprezo. — O que você esperava? Acha que está lidando com um homem ou com um rato? E agradeça por estar grávida. Do contrário, já estaria na rua.

Lágrimas de frustração inundaram os olhos azuis, mas segurou a vontade de chorar e tentou disfarçar, dando-lhe as costas.

Ele abriu a porta e ainda falou:

— Eu disse que você ia se arrepender. Eu estava falando sério.

Capítulo Nove

“Não existe arte que ensine a ler no rosto as feições da alma.”

(*Macbeth*, Shakespeare)

A gente paga por cada atitude impensada nesta vida. Por cada ato impulsivo. Agora ela sabia. Quase um mês se passou desde o “casamento” e Bianca estava terrivelmente entediada. Se num primeiro momento alimentou um sentimento de vingança pelo orgulho ferido, agora se arrependia do que falou.

Leandro simplesmente a odiava. Tudo o que conseguiu foi uma satisfação instantânea e desespero a longo prazo, já que a distância entre eles aumentou. Não conversavam, viam-se poucas vezes no dia. Estava cansada de assistir TV. Já havia feito mangás e ilustrações da fazenda ou das partes dela que conhecia e havia lido toda a coleção de Machado de Assis e José de Alencar que encontrou no escritório que fora do avô dele. Não caminhava muito porque estava indisposta e dormia grande parte do dia. Mas assim que o enjoo melhorou, veio o tédio. A solidão era tão grande que começou a sentir falta dos pais e até da irmã que, mesmo sendo ignorada, sempre estava por perto.

Após dias e dias vivendo daquele jeito, não sabia o que fazer. Para piorar, não suportava mais ficar dentro de casa. A rotina da vida na fazenda a sufocava e mesmo que se aproximasse para dizer a verdade, ele nunca acreditaria.

Era tarde da noite. Bianca acordou assustada e chorando como uma criança. Foi até o banheiro. Fixou a imagem pálida no espelho. Não se reconhecia. Os cabelos ruivos e anelados ultrapassavam os ombros, porém, estavam eriçados e sem brilho. Lavou o rosto e saiu do quarto vestindo apenas a camisola preta de seda que ganhou da mãe.

Assim que alcançou a varanda da casa, o ar frio tocou sua pele.

Bianca contemplou o céu em desespero. Viver com Leandro era como morar sozinha. Pior, era morar sozinha desejando alguém que estava tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Deu-se conta de que não conhecia nada do homem por quem se apaixonou. Sentia medo do futuro. Lamentava profundamente a atitude que tomou para pressioná-lo a se casar.

Nunca teria tido coragem de fazer um aborto. Ameaçou por desespero, mas o marido não sabia e agora a desprezava. E para piorar, inventou que sabia que ele tinha condição antes de casar. Refletiu alguns instantes. Decidida a contar a verdade e mudar aquela situação foi até o quarto dele.

A porta estava entreaberta. Entrou sem fazer ruídos e viu que ele ressonava tranquilamente. O peito sem camisa, o lençol cobrindo sua cintura. Decidida, tirou a camisola e jogou no chão, aproximando-se da cama. Puxou a colcha e deitou-se ao lado de Leandro, moldando o corpo ao dele e tocando-o com delicadeza. A princípio, Leandro pensou que estava sonhando e se deixou levar, sentiu um toque macio, um perfume gostoso, contudo, ao abrir os olhos, percebeu que não era sonho. Na mesma hora se afastou e, acendendo o abajur, saiu da cama.

— Ficou louca?

— Até quando vai me tratar assim?

— Está se humilhando, Bianca, sai daqui!

Ela se levantou e ficou diante dele:

— Não aguento mais a vida que estou levando. Você me trata mal, me ignora o tempo todo, eu quero você... preciso de você.

Ela o abraçou e colou os lábios nos dele, mas Leandro se esquivou do contato, segurando-a pelos braços para impedir que se aproximasse mais.

— Fique longe do meu quarto e da minha cama, entendeu? Lembre-se: foi você que escolheu!

Constrangida, ela vestiu a camisola. As faces queimavam e a rejeição deixava um gosto amargo em sua boca.

— Até agora eu suportei tudo, não pense que vou me esquecer do que fez esta noite! — Deixou o quarto com raiva. Naquele momento, sentiu-se a pior das criaturas.

Em seguida, Leandro tomou um banho frio e só então conseguiu se acalmar e dormir.

A manhã avançava quando Bianca acordou. Foi até o estábulo e viu Marcos conversando com um peão. Ele a cumprimentou acenando a cabeça e ela se aproximou.

— Pode arrumar um cavalo pra mim?

— Pode montar?

— Claro. Estou grávida, não doente.

— Prefiro perguntar pro patrão.

— Deixe de ser atrevido e faça agora o que mandei!

Marcos a encarou assustado. Leandro nunca o destratou, nem ele, nem a irmã que visitava a fazenda de tempos em tempos. Buscava as palavras para retrucar, quando Leandro se aproximou.

— Você não manda em nada. Isso lá é jeito de falar com os outros?!

Bianca o fixou com raiva:

— Não passa de um peãozinho idiota. Não serve nem pra me arrumar um cavalo!

Leandro não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Você não toma jeito mesmo! Pois aqui vai ter que aprender a lidar com as pessoas. E nem tente chegar perto dos meus cavalos.

— Você não manda em mim!

— Não?! Vamos ver...

Ele a arrastou até a casa pelo braço enquanto Bianca se debatia e o xingava de todos os nomes. Tão logo alcançaram o quarto, ele a soltou. Bianca o fulminou com os

olhos. O coração acelerado. O rosto vermelho.

— Não pode me tratar assim. Estou grávida! — gritou.

— Agradeça aos céus por isso, do contrário, não sei o que faria. Ouça bem: na minha terra ninguém humilha as pessoas que trabalham comigo. Marcos não é só meu funcionário, é meu amigo e não admito que fale com ele como falou há pouco.

Com os olhos marejados, ela o enfrentou:

— Não me trate como se eu fosse uma criança. Estou cansada do seu desprezo.

— Criança é o que você é. Não brinque comigo. Já perdi a paciência!

Ele saiu batendo a porta e Bianca se jogou na cama desesperada. A partir daquele dia, passou a destratar qualquer um que se aproximasse dela. Pouco importava se eram funcionários do marido ou compradores e amigos.

Para piorar, transformou a vida de Cláudia num tormento. Tanto fez que a moça acabou pedindo as contas. Satisfeita, sorriu ao pensar que Leandro ficaria contrariado. Era noite de sexta-feira e, após fazer um rápido lanche, foi se deitar.

Leandro chegou em casa por volta das dez da noite. Estava cansado e, acima de tudo, triste. Foi até o quarto de Bianca. Acendeu a luz e parou diante da cama. Não demorou para que ela despertasse e o encarasse assustada.

— Como teve coragem de maltratar a Cláudia?

— Me acordou por causa disso?

— Responda!

— Ela é preguiçosa e atrevida.

— Ela é um encanto de moça. E sempre cuidou muito bem da casa. Nunca magoou ninguém e você a humilhou. Tenho vergonha de ser seu marido. Todos comentam que a minha mulher é uma cascavel e não posso falar nada, porque é a verdade.

Despreocupada, Bianca se recostou à cabeceira da cama, dando de ombros. Desviou o olhar, ajeitando a colcha.

— Tudo bem. Já que mandou a Cláudia embora, vai ter que fazer o serviço da casa sozinha, porque ninguém, ouça bem, ninguém quer trabalhar aqui.

Ela jogou a cabeça pra trás e riu ironicamente.

— Eu? Não sou sua empregada.

— Você é quem sabe. Enquanto se comportar como uma menininha mimada, não terá ajuda. Talvez, se ocupar seu tempo, se torne alguém melhor.

Ele saiu do quarto e ela o seguiu. Viu quando pegou a chave da caminhonete na estante e rumou para a varanda.

— Aonde vai? — gritou.

— Jantar fora.

— Vai me deixar sozinha?

— Passar fome é que eu não vou.

— Não pode me levar?

— Volta pra cama. Sua companhia estragaria o meu apetite.

Ele bateu a porta e, chorosa, Bianca mordeu os lábios. Na manhã seguinte, acordou faminta, quis chorar ao pensar que não haveria café da manhã. Comeu uma banana e bebeu um copo d'água. Apesar das ameaças, tinha certeza de que Leandro contrataria alguém.

Mas ele não contratou.

Dois dias depois, as frutas acabaram e ela não suportava mais nem tocar num biscoito. A manhã estava chuvosa e a chave do carro não se encontrava na estante.

Tentou o telefone. Estava mudo. O mesmo aconteceu com o celular

Pegou uma sombrinha e procurou o marido pela fazenda. Enquanto perguntava aos peões, notava os olhares zombeteiros e reprovadores. Ninguém sabia dele ou, se sabiam, não queriam dizer.

Foi parar nas proximidades do chiqueiro. Uma mulher cuidava dos porcos e riu quando ela atolou o pé na lama. A terra pegajosa cobria seus pés e a chuva só aumentava. Lágrimas inundaram seu rosto. Em toda sua vida, nunca se viu tão impotente.

— Você aí! — gritou. — Viu o Leandro?

A mulher ignorou o chamado e passou por ela como se não a visse. Bianca gritou mais uma vez e tentou segui-la, porém o chão estava molhado e escorregou. Não pôde acreditar ao ver o rosto no barro.

Bateu os punhos na terra e levou a mão à barriga preocupada. Não sentiu dor. Tentou levantar e escorregou mais uma vez. A chuva aumentou e a sombrinha voou com o vento. Então, solidária, a mulher voltou e a ajudou a se levantar.

— Obrigada! — Confusa, Bianca a abraçou aos prantos. Instantes depois, mais calma, se apartou. — Desculpa, geralmente não sou assim. Estou com fome e frio e tive medo de ter machucado o meu bebê.

— Tudo bem! — A outra respondeu com uma voz suave.

— Você fingiu que não me ouviu, por que voltou?

— Não sei. Em algum momento parei, olhei pra trás e me senti mal em te ver no chão. Nem um bicho pode ficar sem ajuda.

— Entendi. Como é o seu nome?

— Dalva. Sou a mãe de Marcos e Cláudia, a moça que você destratou.

Envergonhada, Bianca desviou o olhar.

— Sinto muito... — disse após algum tempo. — Eu me comportei muito mal com sua filha. Ela não merecia. Eu só queria provocar o Leandro e, mais uma vez, fiz tudo errado.

Dalva a analisou. Suja e chorona, não parecia a peste que os filhos descreveram. Recolheu a sombrinha de uma cerca de arame farpado a alguns metros e voltou para perto da moça, que continuou falando:

— Se serve de consolo, estou muito arrependida. Leandro não fica mais em casa. A comida acabou e está tudo bagunçado.

— Vai ter que dar um jeito. Nenhuma das mães por aqui vai deixar que as filhas trabalhem na sede. Quando mexe com um dos nossos, mexe com todos. Leandro sempre foi como um filho e o avô dele era muito querido.

Bianca mordeu o lábio inferior num gesto nervoso.

— A chuva piorou. Sua sombrinha rasgou e não pode continuar molhada como está. Vamos, eu te acompanho.

Dalva a levou até a porta da casa. Deixando o acessório inutilizado no chão, fez menção de ir embora, porém, Bianca a chamou:

— Espera. Será que se eu me desculpar, sua filha volta?

Dalva se lembrou do pedido de Leandro.

— Não, *sá*. Como eu disse, sua fama corre *sorta* por aqui. Além da minha *fia*, *ocê* *tratô* mal o Chico *Veio*, peão das antigas e o seu Donato da venda, que veio aqui só pra *trazê* uma encomenda pra *nóis*. Tudo gente boa. Talvez, se *percebê* que *ocê* *num é capaiz* de *fazê* nada, seu marido fique com pena e arrume *arguém* na cidade.

— Pena?! De mim? Quem disse que não sou capaz de fazer nada? — perguntou Bianca zangada, com o antigo brilho de desafio em seu olhar.

A outra achou graça quando a jovem deixou transparecer o temperamento forte.

— É o que parece. Daqui pra frente, moça, *cê* vai *tê* que se *virá* sozinha. Não se preocupe. Serviço de casa *a gente* pega fácil. Mesmo *arguém* como *ocê*.

Dalva se afastou risonha, enquanto a moça segurava a língua para não gritar um palavrão.

Bianca entrou em casa mais frustrada do que saiu. Riscou a cozinha pra cá e pra lá. Acabou comendo um pedaço de pão velho e tomando um resto de suco de caixinha. Caiu como uma bomba no estômago. Não demorou e tudo voltou. Depois, foi se banhar. Colocou uma calça cinza de moletom e uma *baby look* rosa bebê. Decidiu então organizar o quarto. Ligou o som da sala e colocou um CD. E a música *Every time*, da Britney Spears, começou a tocar.

Não arrumava a cama há dias e havia um guarda-roupa espalhado pelo chão. Trocou o lençol e as fronhas. Depois juntou um cesto de roupas sujas. Entrou no quarto de Leandro, estava tão bagunçado quanto o seu. Catou as calças e blusas jogadas no chão e trocou a roupa de cama também. Foi para a área de serviço e abriu a máquina de lavar. Não tinha prática, mas a mãe sempre exigiu que arrumasse o próprio quarto e a ensinou a lavar suas roupas e cozinhar alguma coisa se precisasse. Colocou o sabão em pó, o amaciante e ligou a máquina.

Uma vez na cozinha, arrumou a pia entulhada de vasilhas, torceu o nariz para o

cheiro ruim e o resto de comida. Teve ânsia de vômito, mas nem tinha o que sair. Limpou a mesa e varreu o chão. Vasculhou os armários. Como estava frio, fez uma sopa. Assou um bolo de chocolate e engoliu o próprio orgulho.

Leandro não acreditou quando entrou em casa e sentiu cheiro de comida. Surpreendeu-se ainda mais ao encontrar Bianca tirando um bolo do forno. Ela colocou a forma de alumínio sobre o fogão e pegou um prato. Depois o desenformou e sorriu.

— Ficou perfeito! — disse para si mesma.

— Sabe cozinhar?

Ela colocou o bolo na mesa e fixou Leandro com as sobrancelhas arqueadas.

— Não fala comigo. Estou com raiva de você. Mas... pode jantar, se quiser. Tem sopa no fogão. — Ela serviu um prato e sentou-se à mesa posta.

— Não sei se vou me arriscar.

Ela deu de ombros e provou a sopa. Leandro lavou as mãos e se serviu de um prato também. Provou e gostou. Bianca cozinhava mesmo. E bem.

Ela terminou de comer. Lavou o prato e cortou uma fatia do bolo. Colocou num pratinho e saiu da cozinha.

Leandro serviu-se de mais um prato de sopa e depois comeu o bolo. Estava sem palavras. Sempre a viu como uma menina mimada e incapaz de fazer qualquer coisa.

Ao terminar sua fatia de bolo, foi para o quarto e novamente abriu a boca. Aquele não parecia o quarto dos últimos dias.

Não se passou uma hora e Bianca bateu em sua porta.

— O que quer? — ele perguntou.

— Posso falar com você?

— Entra.

Ele usava apenas a calça do pijama marinho e lia alguns contratos.

— Pode falar.

— Estamos com os armários vazios.

— Eu sei. Quem dificultou nossa vida foi você.

— Se me emprestar o carro e me der algum dinheiro, posso fazer compras amanhã.

— Você fazendo compras? Imagino o que vamos ter nos armários.

— Pode ir comigo, se quiser.

— É melhor. Tenho algumas preferências e você nem sabe o que gosto.

Ela assentiu e saiu encostando a porta. Leandro ficou pasmo.

Na manhã seguinte foram às compras. Cada um pegou o que quis e Leandro riu da lista que Bianca segurava. Ela parecia séria analisando os produtos e achou melhor não fazer comentários.

Bianca estava cansada. Tinha que dar o braço a torcer: não daria conta sozinha. Mas o que estava dizendo? Aquela brincadeira foi longe demais. Ainda que desse conta, não podia terminar seus dias limpando a casa, podia? *No way!*, pensou. Ninguém merece... Se antes sentia tédio, agora experimentava exaustão.

A casa era grande demais, a mobília escura e pesada. Como Cláudia dava conta? Tudo bem que foi a culpada pela situação em que se encontrava, porém, valeu a lição. Pensou em ligar para a mãe, mas não tinha coragem de se abrir com ela. Não queria ouvir Maria repetir “eu bem que avisei”. Engolindo o orgulho, resolveu procurar Dalva.

Viu Marcos no estábulo e se aproximou. Num radinho no alto de umas das pilastras de cimento do muro que cercava a área coberta onde se abrigava o gado, tocava a canção “Pinga ni mim”, do cantor Sérgio Reis.

Marcos que acompanhava feliz o compasso do cantor predileto, franziu a testa quando a viu chegando. Caminhou na direção oposta, mas ela o chamou. Ele se voltou e a encarou.

— Pois não?

— Desculpa, Marcos. Fui horrível com você e estou me sentindo mal com o que fiz.

Ele estreitou os olhos. Não esperava que ela se desculpasse e podia notar que estava sendo sincera.

— Ouvi direito?

Bianca franziu a testa e mordeu a língua antes de dizer um desaforo. Viu que Marcos esperava justamente uma explosão.

— Sabe que ouviu. E então?

Ele a encarou desconfiado, porém, sem alternativa, assentiu:

— Tudo bem.

Simpática, Bianca estendeu as mãos num gesto de paz.

— Amigos?

— Amigos! — Ele riu e foi como se Bianca o visse pela primeira vez. Era um rapaz bonito e, quando sorria, seu rosto se iluminava.

— Quero te fazer um pedido.

— Ai, ai... olha, se for pra arrumar um cavalo...

— Não. Não mesmo. Pode me dizer onde encontro sua mãe?

— Conhece a mãe?

— Sim. E preciso muito falar com ela.

Incrédulo, Marcos a levou até a casa que ocupava com a mãe e a irmã. Dalva os recebeu acompanhada de um menino que devia ter uns sete ou oito anos.

— Ela insistiu em falar com você.

Dalva cumprimentou a moça com um sorriso.

— Posso ver que hoje a moça tá bem melhor.

— Muito.

— Quem é ela, vó? — perguntou o menino.

— A esposa do Leandro, Juninho.

— Nossa! É bonita. Tem olhos cor de céu.

Bianca se abaixou e passou a mão nos cabelos da criança. Juninho era moreno claro, magrinho e miúdo, tinha os cabelos castanhos ondulados e os olhos de um cinza esverdeado.

— Você é uma graça. Tem quantos anos?

— Oito.

— Vem, Juninho! — chamou Marcos. — Vamos deixar sua vó conversar com a moça.

— Tchau! — disse o menino.

— Tchau! — respondeu Bianca.

— E então? — perguntou Dalva. — Em que posso ajudar?

— Faz quinze dias que estou cuidando da casa sozinha. Embora eu possa fazer muitas coisas, não dou conta da limpeza pesada. Se eu me desculpar, tem alguma chance de a Cláudia voltar?

Dalva não sabia o que fazer. A filha precisava trabalhar, ao mesmo tempo, não podia dar uma resposta sem falar com Leandro.

— Olha, vamos fazer assim. Vou falar com minha filha e depois conversamos. Eu te procuro na sede.

Bianca saiu da pequena moradia e um cãozinho negro se aproximou. Parecia um filhote de lobo. Lindo. Ela estalou os dedos e brincou com ele. De repente, mais três cães se aproximaram. Todos do mesmo tamanho. No entanto, os outros eram brancos. Dalva a observou brincar com os filhotes da janela da cozinha e gritou:

— Vão te encher de pulgas.

— Não tem problema. São lindos.

Dalva foi até o quintal e colocou uma vasilha de ração para os animais.

— A mãe deve estar no estábulo. Gosta de esperar o leite das vacas que ganha de Leandro todos os dias. Teve seis filhotes, mas já dei dois.

Os olhos de Bianca brilharam.

— Posso ficar com um?

— Você quer um cachorro?

— Muito. O preto. Senti que ele me escolheu.

— Uai, se o Leandro não se importar...

— Ele não vai, sei que não. — Na verdade, não sabia, mas abraçou o cãozinho resolvida a não soltá-lo de jeito nenhum.

— Se tem tanta certeza, pode ficar.

Sem que Dalva esperasse, Bianca a abraçou e voltou para a sede com o mascote.

Foi o primeiro dia em que se sentiu feliz na fazenda.

— Vai se chamar Vilão — disse para o cãozinho. — Como é diferente dos seus irmãos, deve se sentir como eu. E se der, amanhã vamos fazer umas compras pra você.

Leandro voltou da cidade e estacionou o carro perto das baias.

— A mãe quer te ver — informou Marcos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sei não. Sua mulher *teve* lá em casa.

— Não me diga que aprontou de novo!

— Não, pelo contrário. Só queria conversar. Ela até me pediu desculpas por aquele dia. Senti que foi sincera.

— Ih... alguma coisa ela está querendo. Vou descobrir o quê.

Dalva estava preparando o almoço quando Leandro chegou.

— Entra aí, *fio*. Acabei de fazer uma limonada, quer?

Ele aceitou e sentou-se à mesa. Um cheirinho de feijão tropeiro passeava pela cozinha. As panelas de barro de Dalva estavam no fogão de lenha. Só de olhar o angu de milho verde e o arroz com açafrão seu apetite se abriu.

— Marcos me disse que queria me ver.

— É sim. Sua esposa veio falar comigo. Disse que não dá conta do serviço pesado da casa. Quer conversar com Claudinha e pedir pra ela voltar.

— Bianca tem um gênio horroroso. Não vai dar certo.

— Não foi o que senti. Estive com ela duas vezes. Parece uma menina assustada e confusa. Ela é muito nova, *fio*. Sabe que errou. Olha, não cabe a mim questionar suas decisões, mas sua casa é grande e minha filha precisa do emprego. *Adispois*, você sabe que *num carece* de mão de obra por aqui. *Num* entendo isso de afastar as arrumadeiras da casa.

— Fiz isso pra Bianca aprender o valor das coisas, do trabalho. Deixe comigo que conheço o gênio da “minha mulher”.

— Dá uma colher de chá.

— Não sei não.

— *Oia*, e tem mais, ela carregou um filhote da Zula com ela.

— Está me dizendo que a Bianca levou um dos cachorros?

— Estou. Quer almoçar, *fio*?

— Hum... querer eu queria, mas não posso. Fica pra próxima. Vou lá ver o que aquela maluca anda aprontando. Temo pela vida do filhote. — Dalva riu enquanto ele se afastava.

Bianca pôs a mesa para o almoço. Colocou pão com leite numa tigela para Vilão e sentou-se para comer. Fez frango frito, purê, arroz, feijão na panela de pedra e salada de alface e tomate. Para beber, havia suco de laranja. Mal engoliu a primeira garfada e Leandro chegou.

Vilão latiu para ele e ela riu.

— Quem disse que podia trazer um cachorro pra casa?

— Uai, não moro aqui?

— Por enquanto.

— Se é assim, então ele também fica aqui por enquanto, *comigo*.

— Precisa me consultar antes de achar que pode fazer o que quiser.

— Não seja rabugento. Ele me escolheu e estou muito feliz.

— Espero que saiba a responsabilidade que arrumou. Animais precisam de atenção e cuidados.

— Gente também. Não deve ser muito diferente de cuidar de você. Pelo menos, ele não vai sujar tantas roupas e espalhar pelo chão. Sem contar as botas que ficam pela casa. E as cuecas no chão do banheiro. Pra quem me acha mimada, você é bem folgado.

Ele fechou a cara. Deixou a casa sem funcionárias por causa dela. Na realidade, além de Cláudia trabalhavam lá as filhas de Chico Veio, mas ela não precisava saber daquilo. Era uma puniçãozinha bem merecida.

Ela observou o sorrisinho cínico no canto da boca dele, mas ignorou e voltou a comer. Sem saber o que responder, Leandro fez o prato e se sentou na outra ponta da mesa de dez lugares. Bianca comentou após alguns minutos:

— Meus pais nem dão sinal de vida...

— Posso entendê-los. São dezoito anos de estresse para superar. Deve estar muito bom por lá.

— Rá! Muito engraçado!

— Se quer realmente minha opinião, você é orgulhosa demais pra ligar e eles devem estar sem jeito de te procurar. Pra todos os efeitos, *amor*, estamos em lua de mel.

— E que lua de mel! Completamos um mês de casados e eu nem sei de que lado da cama você dorme.

— E tão cedo não vai saber. — Ele piscou e saiu da mesa.

Bianca passou mal aquela noite. Acordou tarde na manhã seguinte e se surpreendeu com a presença de Cláudia na cozinha.

— A mãe avisou que queria falar comigo — disse a moça tímida, fixando o chão.

— Quero sim. Eu sinto muito pelo que fiz com você, Cláudia, fui uma verdadeira cobra e estou muito arrependida. Será que aceitaria trabalhar comigo novamente?

Cláudia a olhou com incredulidade.

— Será diferente agora, prometo. Trabalharemos juntas. Assim, dividimos as tarefas e eu não fico sem ter o que fazer. E então, o que me diz?

— Vamos tentar. Por onde começo? — Feliz, Bianca a abraçou.

Leandro se afastou da cozinha sem fazer barulho. Não acreditava na mudança de Bianca e tinha medo de se deixar levar.

Uma semana se passou. Com a ajuda de Cláudia, ficou mais fácil cuidar da casa. Certa manhã, Juninho a acompanhou.

— A mãe foi até a cidade com o Marcos e tive que trazer meu menino comigo. *Ocê* se incomoda?

— Não, Cláudia, claro que não. Não sabia que esse rapazinho bonito era seu filho.

O cãozinho se aproximou e Juninho perguntou o nome que ela deu, abaixando-se para brincar com ele.

— Ele se chama Vilão.

— Uai... isso é diferente.

— Não leve o nome tão a sério.

— É que ele não tem cara de mau.

— Eu sei. Mas não é esse o sentido.

— Hum...

No dia seguinte, Cláudia contou para Bianca que engravidou aos dezesseis anos. O filho de um fazendeiro que morava na capital era o pai de Juninho. Aconteceu quando estava passando as férias na fazenda com a família. Ela era só uma menina e não resistiu.

— Ele era lindo e educado, dizia umas coisas que me faziam suspirar — disse Cláudia. — Eu o conheci numa quadrilha da cidade. Passamos a nos encontrar todas as tardes na cachoeirinha, que fica na divisa das terras do seu marido. Uma tarde não resisti. Faz oito anos e ele nunca mais voltou. Nem sabe que Juninho existe.

— Seu filho é lindo e inteligente. Qualquer um sentiria orgulho de ser pai dele.

— Foi difícil no começo. A mãe e o Marcos ficaram decepcionados comigo. Depois se apegaram ao menino. Não me arrependo.

— E nem deve.

Bianca passou a caminhar com Juninho todas as tardes. Sempre contava alguma história para o menino, mostrava seus mangás que ele olhava admirado e ele absorvia o que falava com muito interesse.

— Bia — disse da forma como ela pediu para ele chamá-la. —, você me ensina a

desenhar? Quero aprender!

— Claro, Juninho, vou te ensinar sim. Quando eu for até a cidade compro material pra você, tá?

Ele riu, o sorriso iluminava o rosto daquela criança tão linda de quem ela já gostava tanto. Engraçado, entre o que viveu em Belo Horizonte e o que viveu no interior havia muita diferença, mas de alguma forma, gostava do que estava vivendo, embora sofresse com a distância de Leandro. Ela se sentia útil. Ela sentia que tinha algum papel no mundo. Antes não.

Certa tarde, ela e o menino foram pescar na lagoa.

— Eu não sei nadar. Você sabe?

Bianca assentiu.

— Se quiser posso te ensinar. A piscina lá de casa vive vazia.

— Jura?

— Juro.

— É que a mãe não sabe e o tio Marcos e o tio Leandro estão sempre ocupados demais.

— Combinado então.

Tentavam tirar um peixe quando Vilão caiu na lagoa. Juninho gritou aflito. O barranco era alto e a outra margem estava muito longe. Apesar da água turva, Bianca se jogou na lagoa sem pensar e, aliviada, resgatou o filhote e o entregou para o menino. Ao tentar sair feriu as mãos num caco de vidro. O corte era profundo e Juninho correu para chamar a mãe. Bianca o seguiu gotejante. Não sabia se ria ou chorava e a mão não parava de sangrar.

Marcos a levou para a clínica. Foram necessários cinco pontos para fechar o corte. Pelo menos estava com a vacina antitetânica em dia.

O médico receitou um analgésico e ela voltou para casa abatida e cansada. Ao chegar, Leandro os esperava na varanda.

— Não tem responsabilidade?

— Do que está falando?

— Se jogou na lagoa sem pensar no seu estado. Fez de propósito?

— O que está insinuando? Eu não podia deixar o Vilão morrer.

— Podia chamar alguém, mas preferiu arriscar a vida do meu filho.

— Do seu filho? Não acredito no que estou ouvindo. Sai da minha frente, estou cansada.

— Nunca mais vai ver aquele cachorro.

— O que fez com o Vilão?

— Ele está bem longe e não tem volta.

— Não acredito que teve coragem de fazer uma coisa dessas!

Ela começou a chorar e Marcos se afastou indignado com a atitude de Leandro.

— Não pode ter tirado meu cachorrinho de mim...

— Está na minha casa! Não tente contestar minhas decisões.

— Vai pro inferno! — Ela correu para o quarto e trancou a porta.

Acordou tarde na manhã seguinte. Ao verificar que Leandro não estava em casa, resolveu sair e caminhar.

Andou por quase uma hora. Sabia que a fazenda dos pais não ficava tão longe. Não a procuravam desde que se casou, mas não havia outra opção. Depois de quatro quilômetros estava desistindo. Quando, enfim, chegou, dois quilômetros depois, tinha a garganta seca e sentia-se péssima. Mal alcançou a varanda, caiu desacordada.

Ao abrir os olhos, percebeu que estava em seu quarto e, sob o olhar apreensivo dos pais, um velho médico a examinava.

— O que aconteceu, mãe? Perdi o bebê?

— Não! Calma, filha. Está tudo bem, você desmaiou, mas não é nada grave.

O médico a fitou com reprovação.

— Você deu sorte de passar mal perto de casa, por acaso andou a pé no sol?

— Andei, eu...

— Saiba que foi muita falta de responsabilidade! Logo vi pelo rosto vermelho e os lábios desidratados. Falta de juízo! E se tivesse caído no meio da estrada?

— Não sei, não sei... — Fez menção de se levantar, mas sentiu tontura. — Me ajuda, mãe, por favor.

— Está muito mal?

— Não. Estou sim. É que não posso voltar para a fazenda. Ele mentiu pra mim.

— Mentiu como? Não está falando coisa com coisa, não estou entendendo.

— O Leandro. Ele não é quem pensamos. Tem dinheiro, é dono de uma grande fazenda, me fez acreditar que não tinha nada, mas era mentira, ele só estava me testando. Agora me trata como se eu fosse lixo. Tirou meu cachorro, não quero mais voltar pra lá. Não posso. — Ela comprimiu os olhos transbordantes. Enquanto soluçava agarrou-se à mãe em desespero e os pais pensaram que estava delirando.

Bianca adormeceu. Logo depois, o médico se foi, não sem antes deixar uma lista de recomendações e passar um sermão sobre a inconsequência dos jovens e a irresponsabilidade dos pais.

Uma hora se passou. Bianca acordou e contou para os pais sobre a Fazenda do Laço.

Apreensivo, Paulo se aproximou da mulher.

— Eu avisei que esse casamento não tinha cabimento, nossa filha é muito imatura e, pelo visto, esse rapaz não fica atrás.

— E agora, Paulo, o que vamos fazer?

— Nada, não vamos fazer nada. Por enquanto só podemos esperar.

Leandro chegou ao sítio quando anoitecia. Furioso, invadiu a casa dos sogros sem pedir licença. Ao perceber sua presença, Paulo, que descansava no sofá, levantou-se na mesma hora.

— Ela está aqui, não é?!

— Está. Foi bom ter vindo, porque precisamos mesmo conversar!

— Sua filha não podia sair sem me avisar. Fiquei realmente preocupado.

— Estou vendo o quanto. Ela chegou aqui de manhã e você só apareceu agora.

— Eu estava trabalhando. Voltei pra casa há pouco tempo. Como não sabia onde ela estava, vim direto pra cá.

— Bianca passou mal. Desmaiou na varanda. Pode imaginar o susto que levamos?

— Aconteceu algo grave?

Por um momento, Paulo identificou medo em seu olhar.

— Não, graças a Deus. Não posso dizer o mesmo do seu comportamento.

— Você quer dizer do comportamento da sua filha, não é?

— Falo da sua situação. Por que mentiu pra gente?

— Porque o que tenho não é da conta de ninguém. E também não muda o que sou.

— Mesmo assim, você errou.

— Eu sabia o que estava fazendo. Bianca aprendeu a medir as pessoas pela aparência. Sai atropelando os outros sem nenhuma consideração. Comigo não foi diferente. Sempre me olhou por cima. Em momento algum me perguntou o que eu era. Simplesmente deduziu. O que acontece é que sua filha tem a pretensão de se achar a dona da razão, mas quando esbarrou em mim encontrou alguém tão teimoso quanto ela.

— Conversei com a Maria. Sempre achei que o casamento de vocês foi um erro. Agora tenho certeza. Você é tão irresponsável quanto minha filha, não me importa em nada o saldo de sua conta bancária.

Leandro arqueou as sobrancelhas zangado.

— Erro ou não, o nosso casamento é um problema só nosso! Se me dá licença vou falar com ela.

Leandro encontrou Bianca no quarto, em companhia da mãe e da irmã. Sério, pediu que saíssem.

— Não, mãe. Não quero ficar sozinha com ele!

— Deixa de ser infantil, Bianca! — advertiu Leandro. — Eu te avisei que as coisas

seriam do meu jeito.

— Tudo bem. Você venceu! Estou muito arrependida de ter te forçado a se casar comigo, mas não vou voltar com você. Não pode me obrigar.

— Seu problema é achar que tudo pode ser do seu jeito. Precisa entender que não sou uma marionete que se move conforme suas vontades e nem pretendo ser.

Preocupada, Maria interveio:

— Escuta, Leandro, é melhor ela ficar aqui em casa esta noite. Os dois estão nervosos e...

— Desculpa, Maria, é que a sua filha tem de aprender a não brincar com as pessoas. Ela quis esse casamento, me chantageou, agora, pelo menos até nosso filho nascer ela vai ter que me engolir e ficar na fazenda!

Sentindo-se protegida com o apoio da mãe, Bianca o fixou com um sorriso irônico.

— Quero ver você me levar à força!

— Querer é o único verbo que conhece. Está me desafiando?

— Entenda como quiser!

Leandro não pensou duas vezes e, sob o olhar atônito de Bruna e Maria, a tomou nos braços e a jogou sobre o ombro, como se fosse um saco de ração. Saiu do quarto indiferente aos seus protestos. Paulo quis reagir, porém, Bruna o impediu.

— Não, pai. Deixa! Eles acabam se entendendo.

Os três observaram da varanda quando ele a pôs no chão e os dois começaram a discutir.

— Se não entrar no carro agora, juro que vai se arrepender!

Ela fixou Leandro com os olhos faiscando e riu com ironia.

— Ai, ai... pode rosnar à vontade, mas saiba que não tenho medo de você!

— Não tem porque ainda não me conhece.

— Se não me suporta, por que insiste em me levar de volta? Não vê que eu só quis facilitar as coisas pra você? Somos dois estranhos naquela casa.

— Foi você quem quis se casar comigo, eu avisei. Agora cresça e aguente as consequências!

Bianca mordeu os lábios. Estava dividida. No fundo queria que ele pedisse desculpas e se comportasse como um marido de verdade. Acabou cedendo e, para surpresa dele, entrou no carro e não disse nem mais uma palavra.

Quando, enfim, chegaram em casa, Bianca sentiu como se carregasse uns duzentos quilos nas costas. Desanimada, abriu a porta. Ao ver Vilão deitado no tapete da sala seu rosto se iluminou. O cãozinho se levantou e se aproximou correndo e latindo todo feliz.

— Você o trouxe de volta?

— Percebi que ele não tinha culpa. Mas nunca mais repita o que fez.

Ela pegou o filhote e seguiu para o quarto que ocupava. Estava feliz por tê-lo de volta e, ao mesmo tempo, triste pelo nível de relacionamento que tinha com Leandro. Era como se ela fosse a irmã caçula dele e não a esposa. Sonhou em dividir uma vida com Leandro, não em viver num ringue. Chorou até alta madrugada. O sono chegou ao amanhecer e adormeceu infeliz e frustrada.

Leandro observou Bianca e Juninho na piscina. Há alguns dias ela comprou boias de braço na cidade e estava ensinando o menino a nadar. Para sua surpresa convenceu Cláudia a retomar os estudos e a moça andava cheia de planos. Tornaram-se chegadas e até Marcos a defendia. Ultimamente, só ele andava deslocado pela própria casa. Queria acreditar que ela estava mudada. Que a megera estava domada. Mas como? Bianca só podia estar jogando. E aquilo o deixava tão confuso...

Juninho percebeu sua presença e o chamou para nadar. Bianca riu alto.

— Ih! Pode desistir. Esse chato aí só sabe trabalhar.

Leandro espreitou os olhos azuis com uma expressão zangada. Dentro dele um mar de sentimentos conflituosos se agitava. Entrou em casa calado. Pensou melhor. Não se passou cinco minutos e voltou para perto deles vestindo um calção de banho.

Bianca não pôde acreditar quando o marido pulou na piscina e mergulhou até eles. Ao emergir, sacudiu o cabelo e depositou um beijo rápido em seus lábios. Não passou de um contato inocente, mas o que ela sentiu foi uma espécie de curto-circuito interior. Seus hormônios praticamente gritaram e precisou fazer um esforço enorme para não trair seus sentimentos e pular no pescoço dele.

Leandro brincou com Juninho alguns instantes, então, Cláudia veio buscá-lo para almoçar.

— Só mais um pouquinho, mãe! — protestou.

— Nem mais meio pouquinho. Já passou da hora de se aprontar para a escola.

O menino saiu da água resmungando. A jovem o enxugou e agradeceu Bianca pelas aulas. Então, o casal ficou a sós. Bianca fez menção de sair também, no entanto, Leandro a impediu.

— Fica mais um pouco.

Ela fixou os olhos pretos e viu ali desejo e algo mais que não soube identificar. Seu corpo traiçoeiro quase que se derretia com a proximidade dele.

Arrepiada, leu o quanto ele a queria em seu olhar. Pensou que o certo seria ignorar seu pedido, contudo, antes que abrisse a boca, ele a puxou e colou os lábios nos dela. Fazia tanto tempo que não se tocavam que ela deixou de lado as mágoas e enlaçou seu pescoço, estreitando o contato entre os dois.

Um beijo levou a outro. Ansiosa levou a mão ao calção de banho, mas, embora estivesse excitado, Leandro a soltou e recuou. Furiosa, seguiu para a escada. Fora da piscina ainda não podia acreditar no que aconteceu. Não chegou a pegar a toalha antes que o marido a alcançasse.

— O que quer comigo?

Ele sorriu e perguntou:

— Não faz ideia?

— Não, não faço!

Ele a tomou nos braços, ignorando seus protestos e a levou para o quarto.

— O que aconteceu? Pensei que não me quisesse.

— Eu juro que tentei, mas estou queimando por você, Bianca.

Ela ia responder, mas ele a colocou na cama e tirou o calção, livrando-a do biquíni rapidamente. Ela ia argumentar, mas ele a tocou intimamente e os sentimentos tomaram o lugar das palavras. Quando ele tomou seus seios com os lábios, resolveu deixar de lado os motivos para correr dali e se entregou ao que sentia sem pensar no que foi o último mês de seu casamento.

Bianca acordou às duas da tarde. Pesarosa, viu que Leandro já não estava ao seu lado. Levantou-se faminta e, após almoçar, ocupou-se de um romance a tarde toda. Só parou para fazer a janta. Estava arrumando a mesa quando o marido chegou.

O coração assumiu um compasso desatinado ao ouvir sua voz. Para sua decepção ele estava com Marcos e se comportou como se nada tivesse acontecido entre eles. Primeiro, quis fazer um escândalo. Pensou melhor e decidiu ignorar seu comportamento. Se ele pretendia bancar o indiferente, não iria se humilhar.

No dia seguinte, Bianca saiu da cama bem cedo e após um rápido café resolveu dar uma volta pela fazenda. Aproximou-se das baias interessada em conhecer todos os cavalos de Leandro.

Foi quando viu um jipe trooler azul se aproximar. Dele desceram duas mulheres. A mais jovem, loira e esbelta, apresentava um *look country* num corpo malhado que colocava inveja em qualquer uma. A outra, elegante, aparentava ter uns quarenta e poucos anos, os cabelos cor de mel também eram lisos, mas curtos.

Marcos foi quem recebeu as visitas. Em pouco tempo, Leandro se aproximou num mangalarga branco. Bianca observou a cena de longe e odiou quando a loira o cumprimentou com intimidade. Atrevida!

Curiosa, saiu das sombras e decidiu se aproximar do grupo. O marido a olhou surpreso, mas a loira mais ainda. Leandro então se viu na obrigação de apresentá-las.

— Bianca, deixa eu te apresentar a Fabiana e a mãe dela, a Mirtes. São nossas vizinhas. Mirtes e Fabiana, esta é... minha esposa.

— Esposa? — perguntaram as duas ao mesmo tempo, claramente chocadas.

— Não acredito — afirmou a mais velha, arqueando as sobrancelhas para analisar a ruiva petulante que fitava sua filha como uma possível rival. — Ficamos menos de seis meses fora e você se casou?

Fabiana, por sua vez, sentiu um ódio imenso. Enfureceu-se. Como assim, esposa?! Ele a rejeitou jurando que não queria se casar com ninguém e, de repente, estava amarrado àquela ruivinha insossa? Não podia ser.

Leandro ignorou o olhar raivoso de Fabiana e inclinou a cabeça para trás, rindo com vontade. Bianca mordeu os lábios ao ver o charme que ele jogou pra cima das duas. Simpático demais para o gosto dela. Lindo demais para conter o ciúme.

— Pra você ver a falta que fizeram, Mirtes! Sumiram e acabei me metendo em confusão.

Pronto. Com aquela frase, ele ressuscitou a fera. Com as faces em chamas, Bianca sentiu o olhar fulminante da loira sobre ela e engoliu meia dúzia de desaforos. Pensava numa boa resposta quando Juninho se aproximou e a abraçou, desarmando-a completamente. O menino insistiu para que o acompanhasse e viu-se sem saída.

Afastou-se enquanto a tal Fabiana se derretia para ver os novos cavalos que Leandro tinha adquirido.

Dois dias depois estava à margem da lagoa quando Mirtes chegou novamente no trooler azul. A mulher estacionou em frente a casa e veio rapidamente em sua direção:

— Por favor, querida, o Leandro está em casa?

— Não — respondeu secamente.

— Pode me dizer onde posso encontrá-lo?

— Não.

Mirtes a olhou sem jeito diante da recusa.

— Não sabe mesmo?

Bianca estreitou os olhos, irritada.

— Como assim, por acaso devo rastrear os passos dele só porque é meu marido?

— Estou incomodando?

— De forma alguma. — Ante o mal-estar súbito que sentiu se desarmou. — Eu realmente não sei aonde ele foi.

— Entendo. Você está pálida! Está tudo bem?

Quando Bianca voltou a si, Mirtes estava debruçada sobre ela e a encarava preocupada.

— O que aconteceu?

— Você desmaiou. Por pouco evitei que caísse no chão. Está com alguma dor?

— Não. Acho que não tomei café.

— Pode se levantar?

Bianca assentiu e a outra a ajudou a se erguer e a acompanhou até em casa.

— Está sozinha?

— Sim. Por favor, não se preocupe comigo.

— Como não? Vou fazer um lanche pra você. Precisa colocar alguma coisa na boca.

Bianca não tinha forças para recusar a ajuda. Após tomar um suco de laranja e comer um sanduíche leve sentiu-se melhor. Conversaram algum tempo ainda e Mirtes só se foi quando Cláudia chegou da cidade.

Capítulo Dez

Algumas semanas se passaram. Agora que ultrapassava os quatro meses, a gestação já estava visível. Como não aguentava mais vestir as calças jeans apertadas que normalmente usava, optou por um vestido azul de malha, com um rico bordado indiano e uma sandália Anabela.

Bianca suspirou desanimada ao pensar que seu corpo perdia a forma. Se por um lado se emocionava com a vida que crescia dentro dela, por outro sofria. Era jovem. Não estava preparada e se culpava por ter sido tão irresponsável.

Prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e saiu da casa para caminhar um pouco. Será que os pais viriam visitá-la? Se viessem se surpreenderiam, pois ainda na semana passada tinham dito que ela quase não aparentava estar grávida. No último mês, a família veio vê-la todos os domingos.

Colheu uma margarida e tocou a barriga com carinho. Sentiu um leve movimento e se emocionou. Alcançava a varanda da casa, quando Leandro estacionou a picafe no jardim. Sua boca secou ao notar que não estava sozinho. Uma mulher saiu do carro. Ao se aproximar dos dois, reconheceu a moça que ele levou à festa da cidade!

Não conseguiu se controlar e avançou para eles. Por um segundo, Leandro observou o vestido admirado, então, notou que estava furiosa.

— Não acredito que teve a coragem de trazer sua namoradinha aqui! Acha que vou tolerar seu desaforo?!

— Já chega, Bianca! Pare de se comportar como uma criança, está falando da minha irmã!

— Hã?! Sua irmã? — Constrangida, encarou a moça.

— Exatamente. Agora que deu seu showzinho e se apresentou com estilo, desaparece da minha frente!

Ao ver a expressão chorosa da cunhada, Márcia ficou com pena.

— Calma, Leandro... também não é pra tanto.

— Não? Depois não reclama comigo. — Deixou as duas sozinhas e tomou o caminho dos estábulos.

Bianca fitou a moça sentida.

— Desculpa. Eu nem sabia que ele tinha uma irmã...

— Não foi nada. Provavelmente eu pensaria a mesma coisa.

— Está de passagem ou vai ficar alguns dias?

— Vim disposta a ficar alguns dias. Você se importa?

— Claro que não. Fico feliz em ter uma companhia.

— Leandro não nos contou que havia se casado, apareceu lá em casa hoje e

simplesmente falou de você. Meu pai levou um susto, nós, bem, nem imaginávamos... de repente está casado e à espera de um bebê.

— Foi rápido sim.

Bianca gostou da cunhada. Márcia era apenas dois anos mais velha do que ela. Mesma altura, cabelos pretos longos e lisos que usava um pouco abaixo dos ombros. Usava franja. Pele morena clara como a de Leandro, tinha os olhos amendoados e nunca fechava a cara. Através dela, pôde conhecer um pouco do passado do marido e soube que ele abandonou os estudos para tomar conta da fazenda.

Leandro sorriu ao ver a irmã se aproximar.

— E então, como está sendo a convivência com ela?

— Ela? Podia ao menos dizer seu nome... estou decepcionada com você. Dispensou as empregadas só para fazer sua mulher trabalhar.

— E daí? Isso não mata ninguém.

— Daí que você não precisava fazer isso com ela. Ela está grávida, a casa é grande, acabou sobrecarregando Cláudia também.

— É só por um tempo. Pra Bianca dar valor ao que tem.

— Fala de uma vez.

— Nem tudo o que me contou é verdade.

— Como assim?

— Bianca não reclama da gravidez. Faz planos para o bebê, fala dele com carinho e você me disse exatamente o contrário.

Leandro jogou a cabeça pra trás e riu com ironia:

— Você só pode estar brincando...

— Não mesmo.

— É claro que ela está usando a gravidez pra te conquistar.

— Está sendo muito radical.

— Não faz ideia da peste com que me casei. Ela pode ter aquela cara de anjo, mas você mesma já presenciou duas cenas lamentáveis.

— Cenas de ciúme. Vocês estão muito distantes. Parece brincadeira, os dois se gostam e vivem como estranhos.

— E quem disse que eu gosto dela?

— Não minta.

— É verdade. Bianca não se deu conta do erro que cometeu fazendo aquela chantagem absurda comigo. Também não consigo aceitar a maneira como manipula as pessoas.

— Pelo que me disse e pelo que conheço de você, só cedeu a essa chantagem

infantil porque gosta dela.

— Independentemente do que eu sinto, não aceito que continue passando por cima das pessoas e impondo suas vontades.

— E se ela se cansar de tanta indiferença e resolver te deixar?

— Ela não se atreveria...

— Como pode ter certeza?

— Se ela se for, significa que não tem jeito.

— Você sabe o que faz ou pelo menos pensa que sabe, estou aqui há dois dias e, pra ser sincera, gostei da Bianca. É franca, fala o que sente.

— Até a lua mudar e ela se enfezar. Espera pra ver.

Márcia espreitou os olhos pretos do irmão. Ele sorria com ironia, porém, sabia que dizia uma coisa e sentia outra. Pior, ele estava se enganando. Ele então se afastou e ela decidiu caminhar um pouco. Contornava a lagoa quando esbarrou em Marcos. Como sempre, o coração assumiu um compasso desatinado.

— Oi — praticamente murmurou. — Nem me dei conta de que estava aqui.

— Não estava. — Ele tirou o chapéu da cabeça e o girou entre os dedos. — Eu te vi de longe e quis te cumprimentar. Como vão as coisas lá na sua casa?

— Mais ou menos. Meu pai anda cada vez mais estressado. Sinto falta da minha mãe e... — Márcia simplesmente não pôde conter as lágrimas e o abraçou.

— Não fique assim, por favor.

Ela o encarou. Alto, tinha a pele mais morena do que a dela. Os cabelos pretos e anelados e os olhos castanhos. Não resistiu e tocou seu rosto anguloso. Levou os lábios aos dele e ele recuou assustado. Cada vez que a irmã de Leandro se aproximava, pressentia o perigo.

— Ainda fugindo de mim?

— Não é de você que eu fujo.

— É de quem então?

— De mim — ele respondeu e se afastou rapidamente.

Desgostosa, o seguiu com os olhos. Como sempre, ele a evitava.

Durante o almoço, Márcia viu o esforço que Leandro fazia para ignorar Bianca. Por sua vez, ela tentava se mostrar indiferente.

— Falei com o Miguel ontem e ele me disse que pretendia dar um pulo aqui também.

— Que ótimo. Já não nos vemos há algum tempo...

— Ele ficou surpreso quando contei que se casou.

— Não é pra menos. Nem eu acredito.

Bianca levantou os olhos da mesa e o fixou magoada. A expressão dela o incomodou, porque, irritado, empurrou o prato com agressividade e se levantou.

— Preciso voltar pra lida, tenho muito a fazer.

Assim que ele saiu, Márcia se desculpou.

— Não falei por mal...

— Eu sei. Deixa pra lá. Estou acostumada.

— Por que não conversa com ele? Diga como se sente a respeito do bebê, talvez ajude.

— Ele não me dá atenção. Depois, prometi não me humilhar mais.

Márcia suspirou. Os dois eram teimosos e não cediam em nada.

Bianca arrumou a cozinha e passou o resto da tarde no quarto. Foi lá que recebeu Mirtes, agora uma presença constante em sua vida. Conversaram muito. Mirtes levou para ela uma cesta com compotas que ela mesma fez, mas vendo seu desânimo partiu após uma hora.

Anoiteceu, mas Bianca não quis nem jantar, o que deixou a cunhada preocupada. Leandro chegou por volta das oito e a irmã o recebeu angustiada:

— Acho que sua mulher não se sente bem. Está no quarto há horas e não saiu nem para se alimentar.

— O que aconteceu?

— Que eu saiba, nada.

— E você ainda me diz que ela se importa com o bebê? Aquela egoísta não pensa em ninguém além dela mesma. Vou lá falar com a fera. — Seguiu para o quarto determinado. — Abre a porta agora, Bianca!

Ela acordou assustada com o grito e se sentou na cama sentindo uma forte tontura.

— Nossa! Precisa gritar? Você me assustou.

— Vai sair daí por vontade própria ou tenho que jogar a porta no chão?!

— O que eu fiz agora? Será que eu não tenho o direito de ficar sozinha?

— Não enquanto estiver grávida. A Márcia falou que não se alimentou o dia todo e, honestamente, não confio em você, na certa está tramando alguma loucura. Chega de conversa e abre logo. — Bianca virou a chave na fechadura e o encarou desanimada. Leandro entrou batendo a porta com violência e se aproximou.

— Não pode fazer o que quer sem pensar no seu filho!

— Sei. Meu filho depende de mim e eu, pode me dizer com quem posso contar? Sinto falta dos meus pais e da minha irmã. Detesto sua casa. Detesto você. Hoje eu daria tudo pra poder voltar atrás.

— Não pode. Parabéns! Você acaba de descobrir que nossas escolhas sempre têm uma consequência. É por isso que precisamos pensar muito antes de ferir as pessoas que

amamos. — Ao ver sua expressão aflita e chorosa, ele recuou. — Vou falar com a Cláudia pra trazer seu jantar e mais tarde conversamos.

Após se alimentar, Bianca tomou um banho, vestiu um pijama e voltou para a cama. Instantes depois, Leandro invadiu o quarto novamente. Cabisbaixa, confessou:

— Não quero mais viver assim, não consigo.

— Só está colhendo o que plantou.

— Nunca quis que nossa vida juntos fosse um inferno. Nunca pensei que viveríamos como dois estranhos.

— No momento em que eu estava realmente arrasado por ter perdido minha mãe, você não pensou duas vezes antes de me jogar contra a parede.

— Pensei que gostasse de mim, quis sim forçar a barra para se casar comigo, eu sonhava com uma vida ao seu lado. Mas não uma vida cheia de mágoas e silêncios. Até quando acha que uma pessoa suporta esse tipo de convivência?

— Você é que tem que me responder.

— Leandro, tente entender, eu me arrependo do que fiz... — Emocionalmente esgotada, recostou-se à cabeceira da cama. — Me deixa voltar pra casa?

— Está em casa.

— É? Então me dá um motivo pra ficar. — Ela se ajoelhou na cama e, atraindo-o para si, tocou seus lábios com carinho.

Ele leu nos olhos azuis a angústia e aquilo lhe fez mal. Leandro a afastou delicadamente e afirmou:

— Não é tão fácil...

— Não pode ser tão difícil.

— Não? — Pela primeira vez ele ficou vulnerável. Uma centelha de esperança iluminou os olhos dela. Então, o abraçou. Quando o encarou, as bocas quase se encontravam. Ele sorriu. Ela podia sentir sua respiração no rosto. E a forte atração que sentia mais uma vez falou mais alto. Decidida, Bianca tirou a blusa do pijama. Depois, tirou também a camisa de Leandro. Ele não se opôs. Pelo contrário, a livrou do short de malha e da calcinha branca de renda e depois atirou longe a própria calça e a cueca. Percorreu o corpo feminino com as mãos e os lábios. Agora, havia fogo ente eles.

Bianca inverteu as posições, tomando o controle da situação, tocando-o com ousadia, explorando o corpo masculino como sempre quis fazer. Leandro se perguntou como podia ficar tão vulnerável diante de uma mulher. Mergulhando na intensidade dos olhos azuis, sentindo sua pele, o roçar dos seios e o contato dos corpos, obrigou-se a afastar suas dúvidas.

Primeiro invadiu o corpo feminino com urgência porque estava em chamas. Da segunda vez a possuiu de forma lenta, praticando a arte do amor e do prazer sem limite de tempo e espaço.

A madrugada avançou. Riram juntos e trocaram carinhos, falaram do bebê e do

passado, até que exaustos adormeceram um nos braços do outro.

No momento em que os primeiros raios de sol invadiram o quarto através da janela, Leandro acordou. Comprimiu os olhos revivendo a noite anterior e fixou a esposa ao seu lado. Admirou sua expressão durante o sono. Estava tão frágil, tão serena. Relutante, afastou o lençol. Sentiu vontade de afundar o rosto nos cabelos cor de fogo e se perder novamente em seus braços... Após muito hesitar saiu da cama silenciosamente. Tão logo se vestiu, deixou o quarto apressadamente.

Bianca abriu os olhos e sua felicidade era tanta, que mal podia acreditar na noite maravilhosa que viveu. Antes que se levantasse, Cláudia entrou no quarto trazendo uma bandeja com um farto café da manhã.

— Que novidade é essa?!

— O patrão que mandou. Acho que foi uma noite especial. — Cláudia riu e piscou para ela.

Bianca corou.

— Estou mesmo faminta!

Após se alimentar, tomou um banho e vestiu uma bata verde-água e uma calça capri branca. Encontrou os chinelos embaixo da cama e foi procurar pelo marido. Ao passar pelo corredor que levava aos quartos, constatou que Márcia ainda dormia.

Leandro fazia algumas contas no escritório quando Bianca entrou sem bater. Ela nem disse bom dia e já foi logo se sentando em seu colo e beijando seus lábios. Ele não recusou o beijo. Quando se afastaram, ela comentou feliz:

— Nem acredito na noite que tivemos. Cada vez que se afasta de mim você rasga meu coração.

Ele a afastou delicadamente.

— Eu preciso trabalhar.

— Como?

— Você me ouviu. Entenda que o que aconteceu ontem não mudou nada entre nós.

— O quê?!

Leandro desviou o olhar ao ver a decepção nos olhos azuis. Fez com que ela saísse de seu colo e caminhou até a janela.

— Você se jogou em cima de mim, não sou de ferro. Como das outras vezes eu me deixei levar.

— Você se deixou levar? É mesmo tão cínico ou só um machista imbecil? Por que não assume o que sente por mim?

— Você me atrai. É só.

— Não pode falar assim comigo! Não sou um objeto que usa e descarta quando te dá vontade. Na tarde da piscina eu fiquei magoada, mas me segurei. Se não percebeu, senhor homem das cavernas, eu tenho sentimentos. Sentimentos que você vem

atropelando desde que me trouxe pra cá.

Bianca odiou-se por sentir os olhos úmidos.

— Acordei pensando que tudo seria diferente entre nós.

— Mais uma vez tirou conclusões precipitadas.

— Por que mandou a Cláudia levar meu café?

— Eu só pensei no bebê.

Com as faces em brasas, Bianca se sentiu mais humilhada do que nunca.

— Você gosta de pisar em mim, não é?

— Não pode falar de mim, visto sua mania de manipular as pessoas. E nunca fiz nada contra sua vontade, não se esqueça disso.

— Chega! Estou cansada de você! — Ao vê-la saindo fez menção de segui-la, porém, desistiu. Na noite anterior deixou-se levar pelo desejo e a saudade. Mas passou... Se mudasse de atitude agora, Bianca continuaria agindo da mesma forma impulsiva e inconsequente de sempre.

O casal se evitou por dois dias. Na quinta-feira, Miguel, amigo de infância de Leandro, chegou à fazenda.

Durante o dia, Bianca sentiu-se indisposta e não quis deixar a cama. Só se animou a sair quando anoiteceu e encontrou todos reunidos na sala.

Miguel se levantou do sofá assim que a viu. Boquiaberto, surpreendeu-se com a beleza da moça. Bianca retribuiu a gentileza com um sorriso e, após cumprimentá-lo, sentou-se ao lado de Márcia, ignorando o olhar do marido.

— Puxa, cara, você não me disse que sua esposa era tão linda!

Com a expressão mais fechada do que de costume, Leandro não se deu ao trabalho de responder e, deixando o assento, chamou o amigo para sair.

Bianca sentiu o rosto esquentar. Arqueou as sobrancelhas, os olhos soltando faíscas.

— Como assim, sair? Posso saber aonde pensa que vai?

— Eu não penso, eu vou.

— Não pode sair por aí e se comportar como um homem solteiro!

— Não pedi sua permissão.

Pensando melhor, deu de ombros.

— Tudo bem. Faça como quiser. Agirei da mesma forma.

Desconcertado, Miguel olhou para Márcia. Não acreditou quando Leandro avançou para Bianca e a segurou pelos ombros com violência.

— Experimente brincar comigo, quero ver até onde vai sua coragem!

— Para, Leandro! — exigiu a irmã. Diante do olhar consternado de Márcia, ele a

soltou e se afastou.

— Vou atrás dele — afirmou Miguel. Márcia assentiu e voltou a atenção para a cunhada.

— Você está bem?

— Como pode ver, ótima! Minha vida com seu irmão é simplesmente perfeita — ironizou.

— Meu Deus! Vocês não podem continuar como estão.

— Seu irmão é louco! Não me respeita, não respeita nem o meu estado... — Os soluços sacudiram seu corpo, enquanto as lágrimas inundavam seu rosto.

Márcia a abraçou e tentou acalmá-la. Pediu que não se alterasse por causa do bebê. Após algum tempo, Bianca conseguiu se controlar e a outra respirou aliviada.

— Está melhor?

— Um pouco... só vou melhorar quando der um outro rumo a minha vida. Não aguento mais viver com ele desse jeito. Eu tentei, juro que sim.

— Quer saber? Vamos falar com o Marcos. Se Leandro e Miguel saíram, vamos sair também. Comigo ele não pode brigar. E vai sentir na pele o que está fazendo com você.

Os olhos de Bianca se iluminaram.

— Jura?

— Juro.

Márcia riu. Enquanto discava o celular de Marcos, Bianca foi se trocar. Vestiu uma calça *legging* marrom, uma estilosa bata preta e botas de montaria marrom. Maquiou o rosto de forma mais suave, passou um batom nude, colocou argolas de ouro, borrifou o *Beautiful* e prendeu os cabelos em uma trança embutida. Meia hora depois, os três chegavam à cidade.

Marcos estacionou a picape da fazenda atrás do carro da cabine dupla de Leandro. No instante em que os três entraram no bar, o sorriso de Leandro congelou. Colocou o copo de cerveja na mesa e esperou que se aproximassem dele. Frente a frente, encarou Bianca com olhos fulminantes.

— Não cansa de chamar a atenção?

Ela riu com ironia.

— Deixe de ser convencido.

— Ei — explicou Márcia. —, fui eu que insisti com Marcos e Bianca para que me acompanhassem. Vocês saíram e eu já estava entediada lá.

— Sei...

— Estou falando sério.

Ignorando o mau humor de Leandro, Bianca sorriu para a cunhada e foi até o

balcão do bar pedir uma soda. Ela pegou o refrigerante e comprou ficha para uma antiga Jukebox que ficava no fundo do estabelecimento. Colocou *I want to break free*, do Queen, para tocar e voltou para a mesa. O pai adorava aquela banda britânica de rock que fez sucesso em 1970 e 1980. Foi assim que ela aprendeu a gostar. Ela voltou para a mesa e conversou animadamente com Márcia. Em contrapartida, Leandro permaneceu carrancudo por toda a noite. Mais ainda quando elas se despediram dele e de Miguel e decidiram voltar para a fazenda sozinhas.

No dia seguinte, Márcia convidou a cunhada para conhecer o trabalho de Leandro mais de perto. Ela chamou Marcos e pediu a picate da fazenda. As duas seguiram na picate vermelha para o alambique. Ficava a dois quilômetros da sede. Logo entraram numa bifurcação da estradinha de terra que dava para uma porteira onde havia uma pequena guarita e um vigia. E Bianca viu ao longe um galpão, com uma linda placa de madeira onde se lia *Alambique Cachaça do Laço: qualidade e sabor desde 1950* e a imagem do rótulo que ela viu nas garrafas na adega da casa da fazenda.

Do lado de fora havia um gramado contornando as laterais do galpão e canteiros de flores muito bem cuidados. Ao longe, na parte de trás, se enxergavam as enormes plantações de cana-de-açúcar. Havia um funcionário limpando os canteiros.

O local que abrigava o alambique era um enorme galpão de alvenaria com telhado colonial, com janelões de vidro e ferro e piso de cimento queimado. E mesmo de fora o cheiro era bem forte.

Já lá dentro, Bianca se admirou com os equipamentos de cobre em volumes e tamanhos variados, utilizados no processo de destilação da produção artesanal da cachaça. Havia uma subdivisão do espaço só para armazenar os barris de cachaça, explicou a cunhada. Mais ao fundo, uma sala com as premiações da cachaça e garrafas expostas com rótulos dos últimos vinte anos.

Bianca jamais pensou que o alambique fosse tão limpo e bem estruturado. Rústico sim, mas atrativo.

Márcia então explicou:

— Meu avô lidava com dois produtos muito fortes aqui em Minas: o café e a cachaça. Mais do que uma forma de ganhar dinheiro, esses produtos eram a paixão dele. Não sei se sabe, Bia, mas a produção da aguardente se iniciou com a corrida do ouro, lá pelo final do século XVII.

— Não sabia.

— Pois então, a atividade se expandiu para todas as regiões do estado. Meu avô sempre falou que a cachaça é nosso patrimônio cultural.^[3] Nosso estado possui muitos estabelecimentos que fabricam a aguardente e o que predomina é justamente a produção artesanal, como é o caso da nossa cachaça de alambique. Ela é distribuída em vários pontos de venda pelo país e dá bastante retorno para a fazenda, porque quem a consome se foca na qualidade da matéria-prima e do sabor. São mais de cinquenta anos de tradição.

Bianca ficou impressionada. Todo aquele tempo em casa e nem tinha ideia do que Leandro administrava. E aquilo era só uma parte, porque sabia que ele também vendia café, embora tentasse iniciar a criação de um haras. Sequer perguntou para o marido como

era a produção na fazenda, o que ele administrava. Sentiu-se boba e fútil.

Apesar do cheiro forte e do enjoio, quis ficar e conhecer o alambique. Aquele odor era diferente nos tanques de fermentação (mais azedo) e nos tonéis (onde tinha mais um cheiro de álcool com o perfume da madeira).

Durante a visita, conheceu quatro funcionários e o gerente responsável pelos negócios com a bebida, o nome dele era João Alves, era um homem nos seus quarenta anos, muito simpático, negro, alto e forte. Ele apertou as mãos de Bianca encantado em conhecê-la e fez questão de explicar um pouco sobre o processo de fabricação.

Informou, nitidamente orgulhoso com o trabalho que realizava:

— A pinga artesanal de qualidade precisa ser feita com cana-de-açúcar muito boa e bem tratada, ou seja, ela precisa ser cultivada sem agrotóxicos. Outro ponto é que a colheita tem que ser feita sem a queima da palha, que é um recurso que muitos proprietários, infelizmente, ainda utilizam durante o corte da cana. Essa prática reduz a quantidade de água do solo devido ao calor intenso que provoca e segundo os estudos realizados — explicou o gerente: —, como sabem, preciso ler muito sobre tudo que diz respeito ao tema, porque altera as características estruturais do solo, com impactos ambientais negativos, como por exemplo, a poluição atmosférica por gases e fuligens, a destruição e a degradação de ecossistemas. E como qualquer queimada de solo, isso também causa danos para a saúde humana.

“Mas o que nos diferencia e por que somos artesanais? O nosso mestre alambiqueiro é um profissional experiente e dedicado, que possui o conhecimento técnico e, além disso, que herdou do pai e do avô os ensinamentos necessários para atingirmos a excelência em nosso produto. Uma pena que ele não se encontra aqui no momento, pois explicaria seu ofício com alegria.”

“Desde 1988, é a AMPAQ^[4] (Associação Mineira dos Produtores de Aguardente de Cana) e o selo de qualidade AMPAQ foi o primeiro selo de certificação de qualidade no Brasil. A missão da Associação é promover e valorizar a cachaça no mercado interno e, entre outros objetivos, visa estabelecer normas técnicas e regulamentos para disciplinar as atividades do setor. Produzimos poucos litros por dia, com pequenas plantações e sem queima de cana, e fermentamos o caldo da cana de forma lenta e controlada. Nosso alambique de cobre deixa a cachaça mais rica em aromas, já que utiliza apenas o coração da cachaça, descartando a cabeça e a calda, ou seja, os líquidos que saem ao fim e ao início da destilação e que possuem elementos negativos e com baixa qualidade. Após este processo armazenamos a cachaça em barris de carvalho, o que a deixa ainda melhor para o consumo.”

“O que é importante saber, moças, é que a cachaça boa não pode ser ácida, aquela que desce queimando pela garganta, ela precisa ter o cheiro e gosto da madeira e do tonel. E deixar um gosto de cana na boca.”

Bianca teve com João uma ótima aula sobre a colheita da cana, moagem, fermentação e destilação. Então, alguém telefonou e ele se despediu afirmando que precisava ir para a cidade imediatamente. Bianca e Márcia agradeceram a aula e ele sorriu afirmando que tinha sido um prazer.

Márcia então falou:

— Meu avô já se preocupava muito com a qualidade da cana que utilizava e Leandro não é diferente. Você pôde ver que a higiene aqui é impecável. O João é seríssimo e dedicado e mais: ele ama o que faz. O alambiqueiro, seu Gomide, é um amor de pessoa. Muito brincalhão. Ou seja, uma boa equipe é todo nosso diferencial.

Bianca reconheceu, o gerente se empolgava ao falar do alambique. E de fato, estava tudo limpo e os homens e mulheres trabalhavam uniformizados e de touca ali dentro.

Enquanto Márcia explicava sobre a forma correta de lidar com os resíduos de forma a minimizar o impacto ambiental com a produção da bebida, Bianca ficou encantada com os quadros que se espalhavam pelo galpão contando a história^[5] da cachaça no Brasil. Havia também um pequeno painel com imagens de quitutes que levavam pinga na receita. Era quase uma aula de História com um toque de Gastronomia.

Dois dias se passaram e na tarde ensolarada da sexta-feira, Márcia pediu para Marcos que as levasse até o cafezal. Percorreram primeiro parte das plantações, onde puderam apreciar os pés tão lindos e viçosos. Depois seguiram para o escritório.

À primeira vista era de um galpão de alvenaria, próprio para armazenar as sacas de café. Anexo a ele, o escritório. Outro gerente veio recebê-los. Um senhor de nome Aldemar Pereira, que tomava conta de tudo desde a época em que o avô de Leandro, seu Altair, estava vivo.

De frente para o galpão, uma Fiat Fiorino branca estacionada com a logo *Café do Laço*. Novamente, Bianca se encantou com a limpeza e organização da estrutura. Antes de entrar no galpão, leu em uma placa:

Café Fazenda do Laço

Vinte anos de aroma, sabor e tradição!

E logo abaixo vinha um poema do avô de Leandro:

“Meu pensamento começou num pé de café
De frutos maduros e vibrantes
Frutos cor de cereja
Em meios às folhas viçosas e verdes
Que ornavam a plantação.
Tempos depois vieram os grãos
E eu já tinha a bebida nas mãos
O aroma intenso e cativante
mineiro como ele só!
E um gosto de fazenda, hum...
que eu nunca mais vou esquecer.”

Altair Martins Toledo

Lindo aquilo. Se encantou com a sensibilidade daquele homem, um homem rude, do interior, que conseguia escrever com paixão sobre o que produzia. Conheceram uma funcionária já de meia-idade, que lhes mostrou o estoque. Depois, a sala onde recebiam os clientes. Um lugar rústico, mas extremamente acolhedor, com decoração bem típica de fazenda. Lá havia um mostruário de café. Uma estante de vidro, com algumas subdivisões

e prateleiras, com cafés aromatizados com várias especiarias.

Era como um portfólio do Café do Laço, com mostras do café ali produzido em embalagens artesanais. A produção própria era pequena já que vendiam as sacas após limpeza e descascamento. Mas havia um projeto para vender o café já moído e embalado que pretendiam implementar em breve.

Pôde cheirar alguns dos grãos aromatizados e o aroma era maravilhoso, convidativo até mesmo para Bianca que não era uma apaixonada da bebida.

Havia livros sobre o tema e prêmios que o café da fazenda ganhou nos últimos dez anos. Havia também uma máquina expressa que moía os grãos na hora e fazia desde o café puro até o *mocaccino*. O sabor era impressionante. Mais uma vez, Bianca se admirou.

Pausadamente, sob o olhar atento de Márcia e Bianca, Aldemar começou então a falar sobre a plantação:

— São 42 hectares plantados, com 70 mil pés produtores e outros 30 em formação. Hoje, a gente produz uma média de 50 sacas por hectare. Mas o que é mais marcante no nosso café é a qualidade. Fazemos a coleta seletiva manual. Ou seja, só tiramos o café do pé quando está pronto.

Ensinou para elas que faziam a colheita com processo de derriça manual no pano, onde o café era derriado sobre pedaços de lona colocados sob o cafeeiro, evitando seu contato com a terra e só depois o café era transportado, com devido cuidado para seu preparo. Eram tantos nomes e etapas que Bianca ficou confusa. Nunca imaginou que fazer café e cachaça envolvesse tantos processos.

Após a visita ao cafezal, Márcia fez questão de levar Bianca até a horta orgânica da fazenda, um projeto que ela sugeriu ao irmão e do qual Dalva cuidava com muito carinho.

Bianca descobriu que Márcia, aos vinte e dois anos, tinha formação de pedagoga e que já tinha participado de vários projetos comunitários de formação de hortas.

Ela explicou que ali tudo era produzido para o consumo da sede e dos moradores sem nenhum agrotóxico. O espaço era cercado para evitar a entrada de animais e um espantalho charmoso estava no centro dos canteiros.

O combate às pragas era feito por controle natural biológico. Bianca aprendeu que ao lado dos canteiros de tomate havia uma plantação de alho, justamente porque o alho funcionava como repelente natural.

Sálvia, alecrim e outras ervas de cheiro, como tomilho, manjerição e coentro também eram resistentes a insetos e recomendados no plantio da horta orgânica.

Além disso, era preciso manter o solo saudável e bem nutrido. Havia várias hortaliças e alguns legumes. E também morangos muito doces que ela não resistiu e provou.

Bianca não tinha noção do quanto era importante aquela horta até a cunhada explicar como a alimentação pode ser tóxica à saúde. E a partir daí deu muito valor à Dalva e aos outros trabalhadores que cuidavam da horta.

Mais tarde, Leandro veio questioná-la sobre a excursão pela fazenda.

— Soube que andou conhecendo o alambique e o cafezal. E então, o que achou?

— Fiquei admirada. O armazém do café então, uau! Conheci também a horta orgânica e amei! Não imaginava que você tivesse algo tão bem estruturado aqui.

— Isso é porque você não se preocupa com a origem do dinheiro que a sustenta. Do contrário, já teria me pedido para levá-la. Nunca quis saber se eu tinha dinheiro suficiente para pagar os funcionários ou se interessou pelo processo que leva o café à nossa mesa. Aliás, além de destratar os meus empregados, qual relação travou com a fazenda em que vive?

Bianca bufou. Ouvir aquilo ia além de uma alfinetada. E foi algo gratuito.

— Você nunca consegue ser gentil comigo?

— Já se perguntou o motivo? — Ele não esperou resposta e se foi.

E ela o viu se afastar com vontade de derrubá-lo no chão. Bufou, bufou, mas se segurou. Não dava para ser um tsunami com as pessoas, mas que de vez em quando dava vontade de entrar em erupção como um vulcão, ah, isso dava. “Homens”...

O sábado amanheceu extremamente quente. Bianca acordou cedo. Com falta de ar, saiu da cama e foi até o jardim. Encontrou-se com Miguel e ficou embaraçada por estar de pijama. Um pijama de cetim preto, com calça pescador. Mas pensando bem, não tinha nada de mais ali, a não ser o decote de renda um pouco ousado.

— Pensei que todos estivessem dormindo, não tive um sono tranquilo.

— A casa é sua. Não tem que se justificar. Eu gosto de acordar cedo. Principalmente quando estou no interior.

— Faz tempos que vem aqui?

— Sou amigo de Leandro desde o colégio.

— Nossa. Que legal.

Sentaram-se na varanda da casa e, entretidos na conversa, nem viram o tempo passar. Leandro acordou mais tarde do que planejava. Ao passar pelo quarto de Bianca, viu a porta aberta. Entrou e se preocupou com sua ausência. Procurou por toda a casa e foi encontrá-la na varanda, sentada na rede e conversando com Miguel, que estava de frente para ela, numa poltrona Rattan.

— Bom dia, Leandro!

— Não sei se é um bom dia não, Miguel. — Sentiu-se terrivelmente irritado com aquela situação e dirigiu-se à mulher ironicamente. — O que quer agora?

— Hein?

— Não podia colocar uma roupa decente antes de sair do quarto?

— Por acaso, agora pretende me dizer o que devo usar? Está com ciúmes? Ora, Leandro, meu pijama não é exatamente sensual.

— A verdade é que te conhecendo como conheço, posso até imaginar o que pretende dando em cima do meu amigo.

Bianca saiu da rede furiosa e o enfrentou.

— Ei! Não te dou o direito de falar isso de mim. O que pensa que eu sou?

Miguel interveio.

— Calma, cara. Ela não fez nada, a gente tava só conversando.

— Sei, diz isso porque a máscara dela ainda não caiu! E se está perto de você é porque pretende usá-lo para alguma coisa.

Ofendida, Bianca voltou para o quarto. Só o que fazia naquela casa era chorar.

— Ah, chega! Chega mesmo! Tudo tem limite e estou no meu. — “Nenhuma mulher pode aceitar esse tipo de grosseria.”, pensou.

Assim que se vestiu, foi até o escritório e pegou a chave do carro. Esperou que todos se sentassem à mesa para o café da manhã e seguiu para a casa dos pais.

Quando Leandro percebeu, ela estava longe e a poeira se agitava na estrada de terra... Márcia o tocou delicadamente nos ombros.

— Cuidado com o que vai fazer.

— Vou atrás dela...

Leandro pegou a picape e, após dez minutos, chegou à casa dos sogros.

Bianca saltou da caminhonete e correu para a casa. Chamou pelos pais e a irmã, mas Osório veio depois de alguns minutos e informou que estavam em Belo Horizonte. Abriu a porta para a moça e perguntou se precisava de alguma coisa.

— Não, obrigada, vou esperar por eles...

— *Ocê tá passando mal?*

— Não, não...

— É que *tá* branca feito cera.

— É só o cansaço. Me deixe sozinha, por favor.

Minutos depois, Leandro chegou. A encontrou no sofá, cabeça baixa, chorando.

— Bianca...

— Ah, não, não acredito... se veio pegar seu carro, pode levar.

— Vim te buscar.

— Não desta vez. Não quero, não vou e nada do que disser vai me convencer do contrário.

— E o que vai fazer da sua vida?

Ela então se levantou do sofá e olhou bem dentro dos olhos dele.

— Não importa. Vou dar um jeito. Só entenda: agora quem não quer ficar com você sou eu. Cansei! Vou conversar com meus pais. Pretendo estudar para o vestibular, voltar para Belo Horizonte, não sei.

— E quanto a nós?

— Não existe nós, Leandro. Você deixou isso muito claro todo esse tempo que fiquei na fazenda. Será que não vê que aprendi a lição? Não quero mais ser humilhada na frente dos outros, você me trata como se eu fosse a pior pessoa do mundo... está sempre disposto a me atacar, a me acusar.

— Tudo que fiz foi te dar um pouco do seu próprio veneno.

— É? Só que não quero mais, por favor, vá embora. Quero ficar sozinha!

— Não, você quis casar de todo jeito, agora vai aguentar as consequências! Se estou dizendo que vai comigo, é porque vai!

— Não vou! Odeio você, detesto este fim de mundo e detesto ainda mais a sua fazenda.

— Devia ter pensado antes, agora é tarde!

— Todo mundo erra, Leandro, todo mundo faz escolhas erradas, mas isso não nos impede de procurar acertar, seguir outro caminho... Por que me obrigar a voltar? Será que não percebe o quanto estou sofrendo?

— Chega de conversa, vamos pra casa!

— Olha pra mim! Parece que não está me entendendo, eu não vou! — Bianca sentiu tontura. Sentou-se por um momento, sem conseguir se mexer.

Preocupado com sua palidez, Leandro acomodou-se ao seu lado.

— O que foi?

— Nada! Estou bem... — Ela esperou que aquele mal-estar passasse, mas só piorou. — Vá embora, por favor...

— O Osório me disse que seus pais talvez não voltem hoje. Não posso te deixar aqui sozinha, não assim. É perigoso... e se precisar ir para o hospital?

Ela acabou cedendo.

— Que vergonha, já não consigo encarar sua irmã.

Ao contrário do que esperava, após uma noite tão cansativa, Bianca acordou bem-disposta. Surpreendeu-se ao abrir os olhos e ver o marido dormindo ao seu lado. Não soube explicar o que sentiu... aquela era a primeira vez que acordava ao seu lado. Tocou seus cabelos com carinho e ele despertou tão surpreso quanto ela.

— Melhorou?

— Graças a Deus. Nunca me senti tão mal.

— Acho que perdi a hora. — Ele fez menção de se levantar, mas ela o impediu:

— Não vá, por favor.

— Bianca eu...

— Você o quê? Será que não percebe o que estamos perdendo? Não pode ficar ao meu lado só um pouquinho? Não sente minha falta?

— Tenho medo das suas atitudes, não consigo acreditar que possa mudar.

— E é me castigando com sua indiferença que pensa que vou mudar? Tente me entender, cada dia nos afastamos mais.

— Se quiser ficar comigo, vai ter que aceitar meu jeito de enxergar as coisas. Não pense que vou me esquecer do que me falou no dia do nosso casamento.

Pronto. Estava ali a razão de sua grande mágoa. Ao afirmar que se casou com ele só porque sabia de sua condição, perdeu seu respeito.

— Acho que se eu for embora vai ser melhor pra nós dois.

— Realmente quer ir?

— Quero. Vou voltar a estudar. Nosso relacionamento não deu certo. Não posso passar o resto dos meus dias brigando com você. Se tem uma coisa que aprendi é que não se pode forçar ninguém a ficar com a gente.

— Há algo que eu possa fazer por você?

— Não. Seu mundo é esta fazenda. Não tem lugar pra mim e nunca teve.

— Eu te avisei que éramos diferentes...

— E quem não é? Mas reconheço que errei feio com você. Tente me perdoar. O melhor é eu sair daqui e tentar me encontrar. Além do mais, tanto estresse está prejudicando minha gravidez.

— Se está mesmo decidida, arrume suas coisas. Eu vou te levar.

— Posso levar o Vilão?

— Pode.

Leandro deixou o quarto atordoado. Meia hora depois, Bianca estava pronta e ele a deixou na casa dos pais. Não disse uma só palavra durante todo o trajeto. Assim que chegaram, encontraram Osório na porteira.

— Meus pais voltaram?

— Ontem mesmo!

Concluíram o percurso em silêncio. Quando ela saiu do carro, pegou o cãozinho e evitou olhar para trás. Não queria que ele percebesse que estava chorando. Entrou na casa o mais depressa possível.

Leandro deixou as malas na varanda, deu partida no carro e se foi.

A família tomava o café na cozinha quando ela chegou. Ao ver a filha, Maria e Paulo se levantaram da mesa na mesma hora.

— Mãe, pai... este é o Vilão. Ele pode ficar aqui comigo? Será que me aceitam de volta?

Paulo se levantou e foi até ela. Não disse nada, apenas a abraçou. Comovida, Bianca chorou muito e só após algum tempo conseguiu falar:

— Mãe, pai, quero pedir desculpas por tudo, sei que errei muito com vocês.

— O que aconteceu, Bianca? — quis saber a mãe.

— Deu tudo errado. Ai gente, o que eu fiz da minha vida?

— Explica direitinho. Não estou entendendo.

— Deixei o Leandro. Não conseguimos nos acertar.

— Ele sabe que está aqui?

— Ele me trouxe... acabou de verdade.

Enquanto isso...

Márcia estava aflita. Percorria a sala de um lado para o outro. Ao ouvir o carro do irmão, correu para a varanda apressada.

— O que aconteceu, mano?

— Acabou.

— Como assim, acabou?! Onde está Bianca, aconteceu alguma coisa com ela?

— Ela foi embora, eu mesmo a levei para a casa dos pais.

— Mas por quê?

— Porque tinha que ser assim.

— Como é teimoso, gente... — sussurrou ela.

— O que disse?

— Você ouviu.

— Não me amola, mana.

— Minha intenção não é amolar ninguém. Quero que você se acerte com Bianca, só isso.

— Só? Não é só, acredite. A princípio quis impedir que se fosse, mas desisti... pode ser até que ela esteja mudando, mas me disse coisas que fizeram com que eu decidisse. Ela não gosta da fazenda, quer estudar, voltar pra cidade e eu não tenho o direito de interferir. Concordar com esse casamento foi um erro.

— No fundo, vocês são duas crianças birrentas. Será que não percebe que ela usou uma desculpa?

— Pela primeira vez, ela conseguiu me convencer.

— Leandro, sei que gosta dela, nunca teria se casado com Bianca se não estivesse apaixonado. Como pode então aceitar que sua esposa se vá e pronto? Vai lá, conversa com ela, abre o jogo. Ela precisa conhecer seus sentimentos.

— Casei pressionado, isso sim. E se me ama, tem que voltar sozinha.

Capítulo Onze

Falar de amor é complicado.

Algo que me assusta e afeta meu estado.

*Falar de amor é pensar em você, em tudo o que não
somos.*

No quanto não combinamos. No que não falamos.

Desenvolvo um extenso e sofrido monólogo.

*No final, prevalece o que fizemos, o que temos,
o que causamos um no outro quando estamos juntos.*

Os dias passaram e Bianca tentava se reencontrar. Primeiro recebeu a visita de Cláudia e Juninho, o que a encheu de alegria. Em seguida veio Mirtes e tornou-se uma presença constante também no sítio. Nem sabia de onde saiu aquela afinidade, até porque era bem mais nova, mas o fato é gostava muito dela. Engraçado porque antipatizou com a filha dela de cara.

Certo dia caminhavam juntas pelo sítio e perguntou a Mirtes sobre seu casamento. Nunca a via com o marido, embora Dalva lhe tivesse contado que era o prefeito de Rurália, um homem de poucas palavras, seco e arrogante.

Mirtes disse que preferia nem falar. Que sofreu demais ao lado do marido. Talvez a afinidade das duas estivesse aí. Eram infelizes no casamento.

Paulo e Maria surpreendiam-se a cada dia com a transformação de Bianca. Estava mais doce, ouvia mais as pessoas e se mostrava disposta a contribuir dentro de casa no que fosse possível.

Caminhava todos os dias com a irmã que, por ser mês de julho, estava de férias. Apesar de sofrer muito com a separação, algo acontecia. Pela primeira vez, enxergava as pessoas ao seu redor. Sabia que não podia retornar ao passado, mas queria amenizar as mágoas que deixou.

Prometeu para Paulo e Maria que se matricularia no cursinho assim que o filho nascesse. Queria muito voltar para a capital e cursar Artes Visuais na Faculdade do Estado (UEMG), pois comprou uma revista e viu que era o curso com que mais se identificava, mas com o bebê ficava impossível, quem cuidaria dele? Então, acabou decidindo fazer Pedagogia na cidade vizinha, já que a mãe se ofereceu para cuidar do neto de manhã, assim, ela podia ir para a cidade com a irmã. Não era o curso dos sonhos, mas era um bom curso. E convivendo com Juninho ela aprendeu que gostava de ensinar. Sentia muita falta dele.

Leandro trabalhou exaustivamente para conferir o estoque da cachaça com João. Tinham tido um furto no galpão, mas o delegado já estava investigando.

Chegou em casa cansado. Cada dia aquela casa estava mais vazia. Jantou, pois Cláudia tinha deixado o prato dentro do forno para ele. Depois foi para o quarto que

Bianca ocupou. Viu que a ponta de um papel estava para fora da gaveta do criado-mudo. Puxou a gaveta e se surpreendeu com alguns envelopes ali. Havia três para ser exato. Quando os abriu viu uma série de desenhos ali em papel cartão, no formato meia página A4. Lindos desenhos, por sinal. No primeiro, se admirou, pois havia várias imagens dele com Bianca. Era ele sim, sem dúvida. Ela tinha escrito um romance com aquelas imagens. Era óbvio. Os dois se encarando, ele rasqueando um cavalo, os dois se beijando, ela chorando. Ficou sensibilizado.

No outro envelope havia desenhos de Vilão e também de Juninho. No último, algumas paisagens da fazenda em aquarela. Paisagens lindas e dignas de um pintor profissional. Nossa, Bianca era uma artista e não sabia disso.

Pelo visto, ainda havia muito a saber sobre ela. Pena que já não seria possível.

A rotina no sítio prosseguia. Com o passar dos dias, todos se envolveram com a chegada do bebê.

Bianca entrava no sexto mês de gestação e naquela manhã, tinha uma consulta marcada. Todos decidiram acompanhá-la. Estava no quarto escovando os cabelos quando a mãe entrou.

— Filha, a gente pode aproveitar essa ida até a cidade e comprar algumas coisas para o *baby*?

Bianca concordou e a mãe notou certa tristeza em seu olhar.

— O que foi, não te agrada a ideia das compras?

— Claro que sim, é que... bom... deixa pra lá.

— Você realmente gosta dele, não é?

— De quem está falando?

— Não se faça de boba. Pode se enganar se quiser, mas não me engana. Sou sua mãe.

Triste, Bianca a encarou.

— E de que adianta eu dizer que sim? Gosto muito. Eu me belisco para não gostar tanto. Mas não adianta, mesmo depois da forma como ele me tratou, sinto falta dele. Sinto falta da fazenda, da Cláudia, do Juninho. Agora eu entendo que a gente se acostuma com tudo.

Maria quis fazer um carinho na filha. Não fez. Cada vez se sentia mais e mais culpada. Cada vez se tornava mais difícil assumir que errou muito com Bianca.

— Por que não conversa com ele?

— Todo esse tempo e ele nem veio perguntar sobre o bebê, o que quer que eu pense? Como devo me sentir?

— Ele sempre se encontra com o Osório. É claro que pergunta...

— Tinha que perguntar pra mim. Ele me chama de imatura, mas também é. Por

orgulho está misturando as coisas.

— Espera, Bianca. Pelo que me falou a decisão de sair de casa foi sua.

— Eu sei. Mas eu esperava que ele se tocasse e...

— Que ele resolvesse te procurar?

— É. Queria que nossa relação mudasse. O Leandro me trata como uma criança mal-educada.

— Não posso dizer nada, porque não sei dizer como era seu casamento. Mas sei que, às vezes, você é sim bem infantil.

Bianca desviou o olhar ao pensar na situação complicada que viviam. Também não queria dizer que mentiu no dia do casamento. Ponto para Leandro por não a ter jogado na lagoa aquele dia. Mas ele bem que mereceu aquela mentirinha. O problema é que pagou bem caro por ela. E ainda estava pagando.

— Talvez esteja sofrendo como você, afinal, também não o procurou.

— E nem vou! Se fizer isso vou destruir meu orgulho.

— Se seu orgulho vale tanto assim, quem sou eu pra contestar? De qualquer jeito, filha, só você pode decidir o que quer fazer da sua vida.

— Sei que não mereço, mas tudo o que preciso agora é de paz e do apoio de vocês.

— Isso você tem.

— Embora eu não mereça... — sussurrou para si mesma.

Maria ouviu. Então, respondeu antes de sair:

— Você merece sim.

Após o almoço, os pais e a irmã a acompanharam ao médico que realizou os exames de praxe e afirmou que estava tudo bem com ela e o bebê. Os pais acompanharam a ultrassonografia emocionados. E como o bebê estava com as perninhas fechadas não deu para ver o sexo, mas Bianca gostou.

— Você não vai mesmo querer saber o sexo, filha?

— Não, pai, prefiro saber na hora.

— Então vamos esperar juntos.

Foram às compras e quase todas as peças que escolheram para o bebê eram verdes, brancas ou amarelas e todos se divertiram muito com a escolha das roupinhas.

Deixavam a loja infantil quando Leandro saiu do estabelecimento ao lado, uma papelaria, na companhia de Marcos e Juninho. Tinham feito uma compra grande de papéis e arquivos.

O menino correu para ela, que o abraçou apertado.

— Que saudade, Juninho!

— Eu também. Saudade das histórias que você me contava, de nadar *c'ocê* e de desenhar também. Tô de férias, queria te ver, mas o tio não quis me levar.

Marcos ficou sem graça e foi guardar as compras na caminhonete.

— Pois vou pedir para a sua mãe pra deixar você passar o fim de semana comigo no sítio.

— Oba!!! — E ele correu para o tio fazendo mil planos e Marcos o convidou para comprar um sorvete. Preferiu afastá-lo de Leandro e Bianca, pois o casal sempre discutia quando estava próximo.

Desconcertado, Leandro limitou-se a cumprimentar os sogros e a cunhada com um aceno de cabeça.

Ao vê-lo Bianca sentiu o impacto de um chute no estômago. E diante do carinho de Juninho, segurou a língua para não dizer uns desaforos. Ele estava de calça jeans escura e camisa jeans clara, de mangas curtas, bota preta de camurça de cano curto e um cinto afivelado.

Tão desconcertado quanto Bianca a encarou sem conseguir desviar o olhar... ela estava com um vestido de malha azul cobalto, o detalhe de um nó insinuante no busto, e um decote sexy em V, com mangas curtas. O vestido tinha um caimento perfeito e acentuava a barriguinha. Ela havia calçado uma sandália Anabela azul bebê. Estava com brincos de pérola e os cabelos soltos escovados. Linda, parecia bem mais feliz do que ele. Depois, fixou as sacolas que o sogro carregava com motivos infantis. Tentou disfarçar a dor de cotovelo, porque em seu íntimo não esperava encontrar Bianca passeando e com aquele sorriso no rosto.

— Como está indo? — indagou finalmente.

— Estou bem, obrigada. — Ela quase se calou, mas não se conteve e alfinetou: — Se é que te interessa mesmo, afinal, faz um mês que saí de *sua* casa — enfatizou. — e é a primeira vez que fala comigo e pergunta como estou.

— Posso dizer a mesma coisa de você.

— Não, não pode. E você não está grávido. Embora um homem nem imagine o que nós mulheres passamos fisicamente e emocionalmente durante uma gestação. Era seu dever procurar saber do nosso filho... Mas acho que tive mostras suficientes da sua indiferença, para entender que está pouco se lixando!

— Não me julgue.

Paulo interrompeu:

— Por favor, não comecem a discutir no meio da rua. Estamos numa cidade pequena, sabem como é. As pessoas falam.

— Não, pai, não vou discutir, vamos embora. — Leandro esperou que se afastassem e engoliu a vontade de chamá-la. Durante aquele tempo, mal conseguia dormir. Nunca se sentiu sozinho em casa e agora era só solidão.

Caminhou até a sorveteria frustrado.

— Vamos, Marcos! *Tô* ficando maluco.

— Por que não leva sua mulher pra casa e acaba de uma vez com esse sofrimento?

— Não dá mais...

— Minha mãe vive dizendo que orgulho e amor não combinam!

Leandro não respondeu, estava contrariado por deixar se abater daquela forma.

Maria quis fazer uma surpresa para Bianca e convidou as sobrinhas e uns amigos chegados para passar o fim de semana com eles. Chegaram na manhã de sexta-feira. Vieram as primas mais velhas, Camila e Carolina, respectivamente com vinte e dezessete anos, e Fernando e Rodrigo, ambos com vinte e um.

No sábado à noite, teria um forró na cidade e os jovens se animaram a ir. Assim fizeram e, apesar do frio e inúmeras recomendações de Paulo e Maria, foram os seis: Camila, Carolina, Fernando, Rodrigo, Bruna e Bianca. Rodrigo que estava de carro, levou Bruna e Carol. Bianca levou o carro do pai e Fernando e Camila foram com ela.

A cidade estava cheia e o local do evento, o *Bar Bodega Sertanejo*, intransitável. Mesmo assim, conseguiram uma mesa e Bianca finalmente pôde se sentar. O clima estava agradável e todos conversavam animados. A construção era rústica, mas acolhedora, com lanternas de querosene na decoração e piso e mesas de madeira.

Bruna encontrou alguns de seus colegas e os apresentou à Carolina. Camila e Rodrigo estavam em clima de namoro e Bianca e Fernando relembavam os melhores momentos da turma. Estavam sozinhos na mesa, muito entrosados, quando Leandro chegou e deu de cara com os dois. Marcos que estava ao seu lado, se apressou em segurá-lo.

— Calma, peão. *Tão* só conversando!

— Minha mulher está num forró com outro homem e ainda me pede calma?!

— O moço não é daqui, talvez seja algum parente.

— Não, eu acho que já vi esse cara por aqui... se não me engano, foi na festa da cidade.

— Tem certeza?!

— Tenho.

Ao longe, Bruna notou a aproximação de Leandro. Preocupada, deu uma desculpa qualquer às colegas e foi alertar a irmã.

— Ele está aqui... — Mas nem precisou dizer quem, visto que Leandro surgiu atrás dela no mesmo instante.

— Noite boa, acho! — ironizou.

Ela se voltou para ele. Leandro estava com a cara fechada e uma sobrancelha levantada num tom claro de indignação.

— Muito — respondeu Bianca.

— Não se dá ao respeito?

As faces dela logo ficaram rubras de indignação.

— Não — respondeu com ironia.

— Eu devia saber. Gente como você não vale nada.

Ofendida, ela se levantou na mesma hora, empurrando a cadeira. Ficou de frente para ele. Parecia ainda mais alto e então ela se lembrou de que estava sem saltos.

Fernando também se levantou, mas ficou pequeno perto dele.

Leandro estava vestido com uma camisa de algodão de estampa lisa e mangas longas na cor azul-marinho e um bolso frontal com detalhe bordado na cor branca. Havia botões brancos para fechamento frontal, nos punhos e na gola. A calça era de sarja branca, cinto de couro preto e botas pretas de couro afiveladas. O perfume dele alcançou seu olfato e ela logo se agitou. Era o cheiro mentolado do *Cool Water*.

Apesar de contrariado, Leandro a admirou. Ela estava com calça *legging* preta, bata verde-musgo de mangas três quartos e bota de montaria. Os cabelos cor de fogo ondulados emoldurando o rosto abaixo dos ombros e as argolas de ouro que ela adorava. Tão altivas quanto ela quando o irritava. A maquiagem perfeita e os lábios com batom em tom rosado. Os olhos exibindo aquele mar azul, os dois quase gritavam a palavra desafio para ele. E os lábios dela, nossa, ele queria morder de tanto ciúme.

Ciúme. A palavra era aquela. Estava quase louco de ciúme.

— Ei — ela disse então. —, veja como fala comigo! Estamos separados e não tenho mais que aguentar seus desaforos.

Mas tudo que ele queria dizer de bom corria quando ela o afrontava. E aí queria dar a última palavra. E virava uma briga de cães e gatos. Por domínio. Por disputa. Por território. Tudo que não podia acontecer no amor, mas com eles acontecia e era justamente o que os afastava.

— Devia se dar ao respeito. É uma mulher casada e está grávida!

— E daí, você também é casado e está aqui, não é?!

— É diferente!

— Diferente por quê? Ah, já sei! Claro, diferente porque é homem! Isso pode valer na sua cabeça machista. Na minha não. Eu não te devo mais satisfações e ponto. — Ela ergueu o queixo de forma irritante. Leandro se enfureceu.

— Não mesmo?

— É muita pretensão.

— Não me provoque. Anda, vai sair daqui comigo agora! — afirmou Leandro, puxando-a pelo braço direito.

— Ei — alterou-se Fernando. —, não toca nela. Ela só vai se quiser.

— Não se meta.

— Pode deixar, Nando — pediu Bianca com medo de que se pegassem. —, com esse ogro eu converso. — E afastou o amigo se aproximando-se mais de Leandro. Ao lado da mesa, ambos se encararam como se estivessem num ringue. Os olhos pretos soltando faíscas, as bocas bem próximas, a respiração dela arfante. — Não vou embora não, entendeu?! — ela provocou.

A essa altura todos prestavam atenção no casal. Conhecendo o gênio terrível da irmã, Bruna pediu:

— Bia, por favor, é melhor a gente ir.

— Não. Ele me ofendeu.

— Não sei onde estava com a cabeça quando coloquei uma aliança no seu dedo.

— Isso pode ser corrigido. — Irritada, tentou tirar o anel, mas a mão estava um pouco inchada e não saía.

— Experimente tirá-la do dedo!

— Quer me deixar em paz, Leandro? Não tenho medo de você!

— Leandro, por favor — pediu Marcos. — Vamos tomar alguma coisa, relaxar.

— Quer saber, não me importo mais. Faça o que quiser da sua vida! — Nervoso, disse ele para Bianca e se afastou. Acompanhado de Marcos, foi procurar uma mesa.

— Quer ir embora, Bianca? — perguntou Fernando.

— Não. Quem ele pensa que é para me tratar desse jeito? Agora faço questão de ficar até o fim!

As pessoas que prestavam atenção na discussão se dispersaram. Após alguns minutos era como se nada tivesse acontecido.

Bianca disfarçava a raiva. Não conseguia tirar os olhos do marido. Desgostosa, viu quando duas moças se sentaram em sua mesa. Primeiro ele deu aquele showzinho particular. Agora ria totalmente para as duas oferecidas. Uma delas era a filha de Mirtes, Fabiana. Estava linda. E nada grávida.

— Podemos ir agora? — arriscou Bruna.

— Já disse que vou ficar. Ele está me provocando. Quero ver até onde tem coragem de ir.

Quando Leandro e Marcos se levantaram para dançar com as moças, Bianca não resistiu. Deixou a mesa e, pegando o copo de cerveja de Fernando, se dirigiu à pista de dança e atirou todo o conteúdo em Leandro...

— Não posso acreditar que fez de novo, sua...

Ela avançou nele e o empurrou.

— Sua o quê?!

E fixando a morena que o acompanhava, gritou:

— Não tem vergonha de se esfregar num homem casado?

Como a outra a ignorou, gritou:

— Por acaso não me ouviu, periguete?

A moça encarou Leandro, perplexa, e, puxando a amiga, falou alguma coisa e saiu de perto do casal. A filha de Mirtes lançou um olhar irônico para Bianca. Certamente ela se divertia com a situação.

Bianca mal digeriu a raiva.

— Está feliz, *esposa*?

— Não, claro que não! Acabei com sua sem-vergonhice, mas ainda não disse tudo o que quero. — Bianca avançou para ele, mas Leandro a segurou pelos ombros.

Desesperada, Bruna tentou puxar a irmã.

— Não faz isso, Bia. Pelo amor de Deus, que vergonha!

Leandro não a soltou. Agora estavam próximos demais e os rostos quase se tocavam.

— Por que quis me provocar com aquela vagabunda?

— Não é da sua conta!

— Vamos ver se não é... — E impulsivamente, mordeu o lábio superior dele.

— Ai! — ele protestou, a afastando dele. Agora estava irritado de verdade. Só não devolveia a mordida porque ela estava grávida. Leandro não podia acreditar, lá estava a velha Bianca: impulsiva, atrevida, uma fera quando alguém a contrariava. E mesmo assim ele sofria com a ausência dela. Aquilo não fazia sentido. Bianca representava tudo que ele sempre fugiu. Mesmo assim não conseguia esquecê-la. — Agindo assim só se prejudica. Agradeça ao seu estado por não levar o troco que merece.

— Não tenho medo.

— Ei sei que não. É inconsequente. Não pensa antes de falar e agir.

— Muito fácil me dar lição de moral quando age de forma tão imatura também. Não se esqueça, *marido*! Minha situação é temporária, logo, logo, vou estar tão bem quanto antes e poderei retomar o controle da minha vida.

— O que quer dizer?

— Acho que entendeu, burro você não é! Como dizem por aí, quem não encontra o que procura em casa, arranja em outro lugar! — Ela se livrou dele e, chamando os amigos, deixou o bar.

Marcos balançou a cabeça. Colocou a mão no ombro do amigo e ganharam a rua a tempo de ver Bianca entrar no carro e partir.

— Sabe o que eu acho?

Leandro se limitou a observá-lo, passando a mão na boca machucada.

— Mordida de amor não dói! — disse Marcos e riu alto.

— Não achei graça nenhuma.

— Oh! Nunca vi duas pessoas tão teimosas. Ficam se atracando *pra num dá* o braço a torcer e assumir o que sentem. Já ouviu falar que a melhor defesa é o ataque? Ora, peão, será que não percebe como são parecidos?

— Quer me irritar?

— Desculpa, mas mais do que meu patrão, você é meu amigo. Crescemos quase juntos naquela fazenda. Não aguento mais te ver com esse humor do cão!

— Sabe, Marcos... — Aproximando-se do homem que ele considerava seu braço direito, colocou as mãos em seu ombro e o beijou no rosto.

— Eita! Ficou maluco, *home*?

— *Ocê tá* completamente certo!

— Então vai atrás da sua mulher e resolve isso de uma vez, *Sá!*

— É exatamente o que vou fazer...

Bianca chegou em casa frustrada. Desceu do carro sem dizer uma palavra e foi se deitar. Vilão reclamou atenção e ela o acariciou. Estava rindo ao se lembrar da mordida que deu em Leandro. Não devia ter feito aquilo, sabia que não, mas bem que gostou. Recostou-se então à cabeceira da cama e, pegando um papel na mesinha ao lado, esboçou a cena.

Adorava desenhar os dois. Pelo menos no papel ficavam juntos.

Leandro chegou ao sítio dos sogros algum tempo depois. Sob o olhar atônito das moças e rapazes que se encontravam na varanda, entrou na casa sem cerimônia e se dirigiu ao quarto da esposa.

— Abre a porta, Bianca!

— Leandro?! — perguntou incerta.

— Me deixa entrar, preciso falar com você.

— Já falamos tudo...

— Não começa a discutir antes de me ouvir. Quer abrir logo essa porta?

— Não abro não. Estou deitada e ninguém me tira da minha cama agora.

Nessas alturas, Paulo e Maria, que já haviam se recolhido, deixaram o quarto apressados.

— O que está acontecendo?

— Preciso falar com minha mulher.

— Está um pouco tarde, não acha? — Maria não suportava a arrogância do genro.
— Será que sempre tem que agir como dono do mundo? Na minha casa eu exijo respeito!

Leandro ignorou Maria.

— Bianca, ou você abre ou...

— Ou o quê? — indagou irritada, ainda da cama. — Só me faz passar vergonha,

será que não percebe que meus amigos estão aqui?

— Por favor... estou pedindo. — Ao ouvir aquilo, Bianca ficou admirada. Ele estava pedindo... e com humildade. Funcionou. Daquela vez se levantou.

— Não insista, rapaz — avisou Paulo, nervoso.

Ao perceber que o clima entre os pais e Leandro estava esquentando, Bianca se apressou e abriu a porta. Vilão o recebeu aos pulos e ele brincou com o cão.

— Tudo bem, pai. Vou falar com ele.

— Tem certeza, filha? Você não tem que aguentar isso.

— Está tranquilo, mãe. Podem voltar para o quarto e dormir sossegados.

— Vamos, Maria. É melhor deixá-los mesmo. E, por favor, conversem sem brigas, sem cenas, temos visitas em casa.

Assim que os sogros se afastaram, Leandro fechou a porta e deu a volta na chave.

— Por que está nos trancando aqui? Se quer falar comigo, seja rápido.

Ele se aproximou dela.

Então, envolveu seu rosto com as mãos.

— Achou mesmo que ia me morder sem levar um troco?

— Te dei um voto de confiança. Estou grávida. Não me deixe nervosa. O que quer?

— Quero você. — E antes que ela formulasse uma resposta, a imprensou contra a parede, a enlaçando pelo pescoço e tomando a boca dela com paixão.

A princípio, Bianca quis empurrá-lo e gritar: “Acha que pode chegar beijando e pronto?”. Quem ele pensava que ela era para aturar aquele relacionamento sanfona? O temperamento de Leandro tinha idas e vindas com ela. Às vezes, a queria; outras, a odiava. Uma hora era o sabichão mandante, outras parecia ser apenas um homem apaixonado. Mas, apesar de ela querer falar tantas coisas, o coração traiçoeiro não permitia.

Não tinha forças ante o turbilhão de sensações que a invadia quando Leandro estava tão perto. Como lutar contra aquela atração tão forte? Saudade. Amor. Tudo se misturava. Nem a gravidez funcionava como um stop. Ficou com as pernas bambas quando as línguas se enroscaram e sentiu o volume de seu sexo contra a barriga. Não resistiu e o acariciou. O membro estava rijo. Leandro gemeu ao seu toque atrevido e ela então desabotoou a calça jeans.

Com delicadeza, ele a tomou nos braços e a levou para a cama, deixando uma trilha de fogo ao passar os lábios em seu pescoço e seios. Ele se afastou para tirar a roupa. O desejo e a expectativa eram claros no olhar dela. Ela o imitou e jogou longe o pijama, revelando os seios volumosos e o estado adiantado da gestação. Quando ele terminou, ela se acomodou sobre ele e o beijou. Mas Leandro estava muito excitado e acabaram pulando as preliminares. Naquela posição ela pôde controlar os movimentos e a intensidade da penetração. Não demorou para que alcançasse o clímax e logo o jato quente do orgasmo

dele a invadiu.

Ambos estavam ofegantes, ela estava esgotada, ele então a ajudou a se deitar de lado, o coração dos dois a mil.

Leandro se questionou. Para quem não queria casar de jeito nenhum estava muito ansioso para se amarrar novamente. Ter Bianca nos braços fazia isso com ele. Perdia o senso, a razão. O que sabia é que não queria mais continuar separado, distante. Estava sofrendo.

Quando o compasso de ambos serenou, ele a beijou na nuca. Em cada toque tinha desejo, saudade e alegria por tê-la nos braços novamente.

Aspirou o perfume de seus cabelos e confessou quase num sussurro, a voz rouca:

— Senti sua falta, sua doida. Não posso aceitar suas atitudes, mas não consigo viver sem você.

Bianca mal podia acreditar no que ouvia.

— Eu pensei que...

— Não fala nada. — E, em seguida, ele pediu: — Vamos começar a nossa história de forma diferente.

Ela levou alguns instantes para entender o que ele dizia, então seu corpo se inundou de uma nova e intensa energia. Voltou-se para ele ainda mais apaixonada:

— Você está falando sério?

Ele balançou a cabeça assentindo.

— Não pode imaginar como eu esperei por isso... está mesmo falando sério ou só quer brincar com meus sentimentos?

— Nunca falei tão sério. Mas, por favor, vamos pra nossa casa, temos muito pra conversar, perdemos muito tempo afastados.

— Agora?

Ele assentiu com o olhar cheio de promessas.

— Como vou encarar todo mundo, depois de tudo?

— Você é quem sabe... não vou te deixar aqui e ir embora sozinho... e, de alguma forma, devemos uma explicação aos seus pais.

— Eu sei, eles foram maravilhosos comigo.

Ele a puxou pela mão direita, insistindo:

— Vamos, não quero perder nem mais uma noite das nossas vidas.

Ele cobriu seus lábios apaixonadamente e Bianca se decidiu.

— Espero não me arrepender, mas eu vou.

Ele sorriu. Ela então se levantou, foi até o banheiro se lavar, depois, vestiu uma roupa confortável, juntou mais algumas numa bolsa, colocou a guia em Vilão e o puxou

pela coleira, dizendo:

— Estou pronta.

Deixaram o quarto... Maria e Paulo estavam conversando na sala e se surpreenderam ao vê-los de mãos dadas.

— Mãe, pai, eu decidi voltar pra casa.

— O quê?! — indagou Maria.

— A gente se acertou.

— Está tarde demais. Não podem tomar uma decisão como essa no impulso. Não deu certo da primeira vez.

— Agora é diferente.

— Vocês parecem crianças, precisam crescer e entender que um casamento não é brincadeira. Será que não podem esperar essa criança nascer, antes de meter os pés pelas mãos? Sua irmã me contou o absurdo de hoje.

— Desculpe, Maria, mas temos o direito de tentar — falou Leandro. — Sei que tem razão, mas hoje percebi que não dava pra continuar como estava.

Paulo fechou a cara.

— Não sei, rapaz. Continuo pensando que o relacionamento de vocês é um erro e... bom, eu sei que nada do que falarmos vai adiantar, mas se não pensam em vocês mesmos, pensem ao menos no bebê. Essas idas e vindas desgastam qualquer um.

— Pai, mãe, agradeço de coração o que fizeram por mim, mas estou decidida e não vou mudar de ideia.

— E suas primas, seus amigos? Amanhã eles vão embora, vai deixá-los assim?

— Sei que vão me entender. Dá um beijo em todo mundo.

Capítulo Doze

Bianca abriu os olhos e estranhou a ausência do marido. Fazia uns quinze dias que estava de volta à fazenda e era a primeira vez que acordava sozinha. Apressou-se em deixar o quarto e após falar com Marcos, o encontrou nas proximidades do estábulo, sentado à sombra de uma quaresmeira. Entretido, observava a paisagem e não percebeu sua presença. Ela o tocou nos ombros e ele se levantou. Feliz, enlaçou-o pelo pescoço e se aconchegou em seu peito:

— Senti sua falta de manhã.

— Eu não quis te acordar.

— Posso saber por onde andam seus pensamentos? Pelo que pude notar, estavam longe daqui...

— Você está feliz comigo?

Ela sorriu e fez um carinho nos cabelos dele.

— Que pergunta é essa, agora?

— Tenho medo que se canse da vida na fazenda.

— Você ama muito isso aqui, não é?

— Muito, tanto que não saberia mais viver minha antiga vida. Meu medo é saber o quanto somos diferentes. Eu gosto do interior. Você gosta da cidade.

— Amo você. É o que importa.

— Até quando?

— Não sei. Como não sei muitas respostas. Como não sei que tipo de mãe vou ser e quais serão minhas prioridades daqui um dia ou dois.

— Aprendi que chega um momento em que a gente entende que pertence a algum lugar, é um apelo forte, aconteceu comigo, vai acontecer com você. Estava disposta a estudar, queria voltar pra cidade e de repente...

— Leandro, eu fiz minha escolha. Além do mais, agora tenho que me preocupar com nosso bebê. Quanto aos estudos, posso retomá-los daqui a alguns meses, talvez o ano que vem. Enquanto não chega a hora, quero ajudá-lo em alguma coisa.

Ele riu.

— Estou mesmo precisando de um novo peão.

— Eu falei sério!

— Falando assim, não parece minha mulher.

Ela arqueou as sobrancelhas, encarando-o com indignação.

— Não tem graça.

— Não quis ironizar. É que você mudou muito.

— Talvez. A verdade é que passei por uma fase difícil. Gostava de provocar as pessoas, culpava todo mundo pelos meus problemas. Pode não entender, mas hoje eu sei que a minha mãe nunca me aceitou. Isso me trouxe muita dor e solidão. Pra piorar, eu tinha um pai ausente. Então, fiquei furiosa. Depois de tudo que vivemos juntos, das pessoas que conheci aqui, como a Cláudia, entendi que ficar bem é minha opção. Independentemente dos dramas que me cercam, não posso alimentar o problema em mim. Pode não parecer, mas você e o bebê transformaram minha vida, sei que já não estou sozinha para tomar minhas decisões. Não sente o mesmo?

— Sinto. É que você, às vezes, me tira do sério. — Leandro riu por dentro. Estava em paz. Aliás, fazia tempo que não se sentia tão bem. Bianca era atrevida, geniosa, mas mesmo com todas as suas explosões já era parte dele. Uma parte sem a qual não sabia mais existir. E lá se foi o sorriso. Pensar daquela forma o assustava muito. Porque vulnerável assim podia acabar muito mal. Porque a verdade é que ainda não tinha certeza se podia confiar em Bianca.

— Ei! — Ela o arrancou da espécie de transe em que se meteu. — Você também me tira do sério, mas isso não muda o que sinto.

— Mesmo?

— Mesmo. Eu já te contei que é o fazendeiro mais lindo do mundo?

— Quando fala assim é porque quer alguma coisa.

— E quero, quero cada pedacinho de você... isso é possível?

— Muito possível! — E ambos riram gostosamente.

Dois dias depois, Leandro foi buscar Márcia em Belo Horizonte, mas Bianca não quis acompanhá-lo. Não se sentia disposta a enfrentar a viagem. Ficou feliz quando os pais e a irmã chegaram, pois não se viam há alguns dias.

— Mãe, sou declaradamente um balão!

— É, filha, final de gravidez é fogo! O bom é que já está no sétimo mês, logo vai passar... E onde está o Leandro?

— Foi buscar a irmã, a Márcia é um doce de pessoa, vocês vão adorar conhecê-la.

— Finalmente vamos conhecer alguém da família desse rapaz. Toda vez que viemos te visitar, não encontramos ninguém.

Os dois chegaram na hora do almoço, comida mineira de primeira, e Márcia abraçou Bianca, feliz por encontrá-la na fazenda. Aquela foi uma tarde agradável para todos e, só no final do dia, depois de um farto café com broa de milho, queijo fresco da fazenda, rosquinha de cachaça feita por Dalva, pão de queijo e compostas variadas, é que a família de Bianca foi embora.

Maria deixou o lugar feliz com o clima que encontrou.

— É, Paulo, parece que Bianca está bem agora.

— O que me preocupa é que essa vida de interior não combina com ela.

— E você acha que eu não sei?

Bruna então interrompeu:

— Gente, a Bia mudou, está muito diferente.

Maria discordou.

— Filha, na sua idade a gente tem uma visão idealista das coisas, a vida não é assim. Teoricamente é tudo muito lindo e o amor supera tudo, *se é que se amam realmente*, mas, na prática, a realidade é outra, as diferenças pesam e acabam por destruir qualquer relacionamento.

— Posso ser idealista, mas, estatisticamente, tudo o que a gente faz tem uma chance de dar certo.

— Ou não... de qualquer jeito, ninguém tem o direito de mudar o que você pensa e acredita.

Sentados na varanda, Márcia e Leandro observavam o pôr do sol... ao longe, o horizonte atingia tonalidades diversas e a noite se aproximava.

— Parece que finalmente se acertaram.

— Estamos felizes, mas não sei, tenho medo, Márcia.

— Medo de quê?

— Será que ela vai aguentar viver aqui? Bianca é muito urbana.

— Isso só o tempo nos dirá... Mas o que te leva a pensar assim?

— Insegurança, cisma, puxa, se nem o meu pai aceita a minha opção de viver aqui...

— É diferente, ele não consegue entender o porquê, coloque-se no lugar dele, você fazia Administração, morava com a gente e parecia estar tudo bem. Ele estava tranquilo porque você iria assumir a empresa dele um dia. De repente, o vovô morreu, você largou tudo e veio pra cá... E foi por água abaixo tudo o que ele planejou para o seu futuro.

— Eu me sentia sufocado naquela cidade. Tanta individualidade, tanto estresse, não achava graça em nada. O vovô me deu o maior presente do mundo, pensa bem, Márcia, quantas pessoas têm a chance de optar pela vida que querem levar?

— Raríssimas... mas ele sabia que você abraçaria isso aqui de corpo e alma. Quanto ao nosso pai, um dia ele acaba aceitando, mesmo porque não há outra opção.

— Será?!

— Talvez esse netinho que vem aí seja até um incentivo. Ele quer muito conhecer sua esposa, eu não contei nada sobre a briga de vocês e ele está curioso. Por que você não leva a Bianca lá em casa?

— Agora não dá, mas depois que o bebê nascer eu vou pensar.

Leandro se levantou e a irmã foi caminhar... Algum tempo depois ela se encontrou

com Marcos que lhe fez companhia. Sempre que ia à fazenda, os dois conversavam muito e Marcos sentia por ela uma grande admiração.

Juntos, os dois sempre se divertiam, mas ela queria mais e ele sempre fugia. Aquela tarde, no entanto, ele a olhou de modo diferente. E segurou suas mãos por quase todo passeio. Quando se separaram, pela primeira vez em muitos anos, Márcia levou com ela uma forte impressão.

Naquela tarde, Mirtes levou o filho, que havia acabado de chegar da capital, para conhecer Bianca. Gustavo era alto como Leandro e loiro. Tinha os olhos verdes e um sorriso gentil. Para contrariar o pai que queria que cuidasse da fazenda e dos negócios agropecuários acabou cursando Medicina. Bianca gostou dele de imediato e sentiu uma estranha familiaridade naquele olhar.

Cláudia ia trazendo um café com bolo para as visitas e quando se deparou com o rapaz, suas mãos tremeram e deixou a bandeja cair. Assustada se desculpou e correu dali e Bianca ficou sem entender nada. Depois, à medida que Gustavo reagiu com surpresa ao vê-la ali e perguntou sobre a moça, acabou desconfiando do que tinha acontecido. Mirtes, por sua vez, de nada desconfiou.

Quando as visitas se foram ela foi até a casa de Dalva para confirmar suas suspeitas. Encontrou Cláudia com os olhos vermelhos de chorar. Por sorte, Juninho estava na escola.

— É ele o pai do seu filho, não é?

— Sim. Mas eu nem fazia ideia de que tinha voltado. Dona Mirtes não sabe. É uma boa pessoa. Mas o marido dela nos viu juntos uma vez. Ele me destratou e ordenou que eu me afastasse do filho dele pra sempre. Pouco depois obrigou Gustavo a partir e nunca mais nos vimos. Tenho quase certeza de que aquele homem sabe sobre Juninho. Até porque no interior todo mundo fala da vida de todo mundo e nunca mais eu quis me envolver com ninguém.

— Gustavo parece um bom rapaz. Precisa contar a ele sobre o filho, não é justo com ele e nem com o menino. Está negando muito a seu filho. Gosto tanto de Juninho. Ele merece ter um pai.

— Não, Bianca. Eu só quero protegê-lo. Não conhece a peste que é o pai dele. É um cão dos infernos.

— Tem certeza de que este homem é tão ruim assim?

— Se não acredita, pergunte ao Marcos, ao seu Leandro...

Bianca lamentou que as coisas fossem assim. E decidiu que devia a Juninho reverter aquela situação. Simplesmente adorava o menino.

Naquela mesma tarde pegou a Frontier 4x4 preta do marido e foi até a fazenda de Mirtes. A fazenda da Pedra Bonita era uma propriedade de mil hectares. Simplesmente linda. Com pastagens a se perder de vista e plantações enormes de café e limão. Percorreu mais de cinco quilômetros de estrada de terra até chegar à sede: um sobrado amarelo de dois andares simplesmente maravilhoso.

Alcançou a varanda em granito e uma empregada uniformizada veio atendê-la.

— A Mirtes está?

— Não, moça. Ela saiu com os filhos. Só o seu Geraldo está em casa.

— Que pena. Queria muito falar com ela.

— E o que tem pra falar com minha esposa? — perguntou de forma rude um senhor grisalho, um pouco calvo, vestindo camisa polo e calça jeans, com botas cinzentas escovadas, que se aproximou por trás da empregada.

Alto como Gustavo, a olhou com arrogância e estendeu a mão num cumprimento frio. Agora sim ela entendia como a presa se sentia diante do falcão.

— Cabelo cor de fogo e olhos azuis — disse então ao analisá-la como mercadoria. — É a esposa de Leandro, imagino. — Bianca odiou o olhar lascivo que ele lhe lançou mesmo estando grávida.

Antes que pudesse dizer algo de que ia se arrepender em instantes, um rapaz alto surgiu atrás de Geraldo. Os mesmos olhos de falcão, mas tinha um cabelo farto, alourado e era mais jovem e forte. Ela se lembrou dele na hora. Foi o rato que tentou agarrá-la na praça de Rurália, no dia da festa da cidade.

Sentiu um calafrio.

— Este é o Gilberto, meu irmão. — O prefeito apresentou.

O rato estendeu a mão para ela. Apertou a mão dele com asco. Também a olhou como quem olha um petisco na mesa. Ela estava grávida. Aqueles homens não se envergonhavam?

— Eu te conheço? — ele perguntou.

— Não! — ela assegurou. Naquela noite ele estava tão bêbado que não ia se lembrar. De qualquer jeito, preferia que não se lembrasse, já que Leandro afirmou que eram uma gente vingativa. Na realidade, temia mesmo era a energia das pessoas, que pode ser destrutiva. Podia ser uma peste, mas não gostava de gente do mal.

— Então tá, mano. Fica bem aí — afirmou Gilberto dando um tapinha no ombro do irmão. E voltando-se para Bianca, explicou: — Estou de mudança para o Rio de Janeiro. Abri uma concessionária de carros por lá.

— Boa sorte! — ela disse, mas no fundo pensou: “Dane-se, imbecil!”.

O rato se despediu e entrou numa BMW todo cheio de si. Exibindo certamente o luxo que a política do irmão corrupto deu para ele entre uma e outra troca escusa de favores. O tipo de luxo que tira escola e alimentação de várias crianças e o emprego de muitos pais. O luxo que corrompe a alma e compra as coisas do mundo, ignorando as coisas do céu, para onde um dia todos vão, cedo ou tarde. Ou inferno, no caso de gente do mal. Bianca sabia que céu e inferno têm acepções variadas dependendo da religião. Não era católica-espírita como a mãe, nem evangélica como a tia. Sua religião era algo pessoal entre ela e Deus. Mas ela resumia assim: gente do bem e gente do mal. E isso explicava muito sobre o mundo.

Geraldo então perguntou novamente o que a levou até a casa dele. Esforçou-se para ser simpática, disfarçando a azia.

— Gosto muito de sua esposa e queria retribuir as visitas que me faz.

— Se é assim fique à vontade para esperar.

— Não, preciso mesmo voltar, porque não disse ao Leandro que vinha, mas volto depois.

— Como queira.

Entrou na caminhonete e deixou o vidro aberto para sentir o vento no rosto. Colocou uma bala de menta na boca. Ligou o som. A rádio não pegava, mas por sorte tinha esquecido um CD ali e seguiu ao som de *My Happy Ending*, da [Avril Lavigne](#).

O ar estava fresco. E a tarde gostosa. Acelerou o carro deixando uma cortina de terra vermelha pra trás. Minutos depois chegou à fazenda. Assim que estacionou a caminhonete na garagem, Leandro veio abordá-la, antes mesmo que colocasse a bota no chão.

— Posso saber onde estava?

— Por quê? — perguntou ela descendo e logo o encarou confusa.

— Bianca, não é você que não gosta de responder uma pergunta com outra?

— Tá, ok, você venceu. Fui até a Fazenda Pedra Bonita.

— O que queria lá?

— Ver a Mirtes.

— Da próxima vez me avise, por favor. E antes que me responda que não tem que me pedir licença, pense no seu estado avançado de gravidez. Fiquei preocupado.

Ela riu e o puxou pela gola da camisa para lhe dar um beijo. Um beijo com o gosto da bala de menta que ela chupava.

No dia seguinte, Bianca estava caminhando perto dos estábulos quando Mirtes chegou acompanhada de Gustavo.

— O Geraldo me disse que esteve lá em casa, querida.

— Foi mesmo, Mirtes. Queria te ver.

Ela viu que o rapaz se debruçou sobre o muro do estábulo pensativo e quis puxar conversa, mas não sabia de que forma se aproximar.

Falou com Mirtes algum tempo. Combinaram de ir até a cidade mais tarde. Mãe e filho se afastavam quando Juninho chegou de repente e correu para os braços de Bianca.

Mirtes cumprimentou o menino com um carinho nos cabelos. Gustavo o encarou atentamente.

— É filho da Cláudia — Bianca se apressou em dizer para o rapaz. — Tem oito anos. Uma graça, né?

Deu o recado direitinho e viu que ele ficou muito sério. Com aqueles cabelos

castanhos aloirados e os olhos verdes não era difícil criar, no mínimo, uma suspeita.

Mirtes nada pescou. Continuava atenta aos cavalos novos que haviam chegado à fazenda e dos quais o marido lhe falou.

— Entendo — disse Gustavo.

— Como se chama? — perguntou ao menino.

— Juninho.

Só então Bianca viu que o rapaz estava com uma aliança na mão direita. Soube imediatamente que se ele descobrisse a verdade haveria turbulência em sua vida.

Sondaria Mirtes sobre aquele noivado. E viu a oportunidade assim que Gustavo foi conversar com Leandro.

— Mirtes, vi que sue filho está noivo. A moça não veio com ele?

— Não. Ela é filha de um médico importante em São Paulo e cursa Medicina também. Muito estudiosa, muito ocupada. Meu marido está muito feliz com este relacionamento.

— Entendo.

— Desculpe falar, mas ele ficou frustrado quando soube que Leandro se casou. Ele esperava que ele e Fabiana se acertassem, mas até te conhecer o danadinho fugia de compromissos.

— É, eu sei. — Só de pensar em Leandro com Fabiana seu coração se partia. Mas não deixou nada transparecer.

Enquanto isso na sala do prefeito...

“Um homem não é infeliz porque tem ambições, mas porque elas o devoram.”

([Barão de Montesquieu](#))

— Já nomeou os novos funcionários? — perguntou Geraldo, o prefeito, rindo com malícia para o assessor.

— Quase tudo pronto — respondeu Adrião, esfregando a mão, pois mal podia esperar para pegar sua parte daquela bolada. — Dos 250 que nomeamos 150 são fantasmas.

A secretária, Marlene, a atual amante de Geraldo, se intrometeu:

— Não sei não, nomear servidores sem a realização de concurso público é crime de responsabilidade, viola a constituição e os princípios da administração pública.

Ela se preocupava, pois os dois ratos abocanhavam porções do queijo cada vez maiores. E o bafafá andava a mil pela cidade. Eles queriam sempre mais e mais e agora o que parecia contar era só o desafio de bolar novas artimanhas.

Envolveu-se com Geraldo no início do mandato e viu tanta coisa cabeluda... Até mesmo crimes de homicídio. Não foi um nem dois que o prefeito mandou apagar quando descobriram seus atos ilícitos.

Mas Geraldo sempre ignorava o risco e desprezava os adversários. O importante na vida era adquirir. Cada um sabe onde lhe dói o bolso, a falta de alguma coisa, conhecia muita gente cheia de escrúpulos e vazia de dinheiro. E se não tem dinheiro, tem dívida, cobrador, briga e aí o sujeito morre no inferno.

Olhou para a amante como quem olha um prato de comida dormida, sem graça, e afirmou:

— Não pensou isso quando desviamos parte da verba das cantinas das escolas municipais para comprar seu apartamento em Florianópolis, né?

— Não, amor. Verdade. Porque ficar lá com você é irresistível!

— Sei... — respondeu duvidoso. Sabia o quanto ela gostava de dinheiro e apesar de gostar das safadezas que era capaz de fazer numa cama, não confiava nem um pinga naquela ordinária.

A loira vulgar se sentou no colo do prefeito, exibindo o decote pronunciado, pouco se importando com a presença do assessor. Até porque já tinham feito orgias a três e, apesar de ter que aturar o contato físico com aqueles dois velhos idiotas, aquilo lhe rendeu muitas joias, um sítio e um apartamento.

— Está certo, Marlene. Não vou me indispor com você. Mas não me fale dos princípios da administração pública. O povo é massa e massa existe para ser manipulada.

Daquela vez foi Adrião quem riu com gosto, pois admirava muito o prefeito. Afinal, era graças a ele que estava bem-posto na vida e com os bolsos cheios.

Nos dias que se seguiram fatos estranhos aconteceram na fazenda. Primeiro o paiol pegou fogo que por sorte Marcos conteve.

Depois, uma vaca leiteira de exposição desapareceu. Passados uns dias quase houve um acidente com um dos caminhões que fazia carregamento das cachaças para os fornecedores. O freio se partiu e o prejuízo poderia ter sido enorme se o motorista não estivesse dirigindo devagar. Sabiamente ele guiou o caminhão para uma parte do terreno mais irregular e alta, onde o capim meloso estava enorme e conseguiu parar sem maiores perdas.

Com o caso do furto no alambique, que aconteceu semanas atrás, fato é que a polícia não parava de entrar e sair da fazenda.

O que ela não sabia é que vinham envenenando alguns animais, filhotes de cavalos registrados, de grande valor comercial. Leandro via seu sonho de ter o haras cada vez mais longe, mas pediu que ninguém comentasse com Bianca a gravidade do que estava acontecendo.

Capítulo Treze

Com quase oito meses de gravidez, Bianca já não conseguia conter a ansiedade e certo medo quanto ao nascimento do bebê. Leandro pretendia visitar Otávio e, como não permitiu que ficasse sozinha na fazenda, a deixou na casa dos pais.

Apesar dos esforços da família em levantar seu astral, quase não saiu da cama.

— Estou preocupada com você, Bianca, está se sentindo mal ou é só desânimo mesmo?

— Estou entediada, mãe, mas confesso que tenho sentido algumas dores. Tenho medo de ter esse bebê antes da hora, aliás, tenho muito medo do parto...

— Esse medo é normal, todas nós sentimos... Quando foi sua última consulta?

— Há quatro dias.

— Então está tudo bem. Vem, sai daí, vamos tomar um pouco de sol no quintal.

— Não, não quero. O Leandro ligou pro celular do papai enquanto eu dormia?

— Não, filha, não ligou, mas deverá ligar mais tarde e se quer um conselho meu, ficar tão triste assim não faz bem ao seu bebê.

— Engraçado, eu tenho certeza de que dei o número a ele.

— Talvez ele esqueceu.

— Só se quis esquecer propositalmente.

— Vocês não estão bem?

— Não é isso, estamos sim. Mas não posso negar que ser mãe me assusta. Tenho medo de não saber lidar com uma criança. Também não sei se quero morar no interior pro resto da minha vida.

— Ah, Bia, sei que não adianta falar isso agora, mas precisamos escolher bem nossos caminhos e pensar muito antes de engravidar, principalmente aos dezoito anos. Agora, qualquer atitude que tomar será difícil.

— Eu sei, mãe, eu sei, isso vai passar...

Mas não passou e quando Leandro foi buscá-la no domingo, a encontrou triste e abatida. Ela o beijou nos lábios rapidamente e, decepcionado, ele se sentou ao seu lado no sofá e logo reclamou:

— Nossa, que recepção fria. O que é que você tem?

— Será que em nenhum momento do seu fim de semana pensou em falar comigo? Se ainda não percebeu, o celular é um telefone móvel. Existe pra isso.

— Mas eu liguei pra saber de você.

— Claro e conversou com meu pai. Isso não é a mesma coisa. Cada vez que te liguei deu caixa postal. Liguei para a casa do seu pai e só a empregada atendia. Uma tal de

Vanda. Se bobear, ela já sabe mais sobre mim do que você. Por que nunca estava lá?

— Compromissos de trabalho, Bianca. Aproveitei para ver o pai, mas não fui só passear. Tinha reuniões marcadas com fornecedores, consumidores. Por três dias fiz um curso na Ampaq^[6]. Não fui brincar. Você estava dormindo nas duas vezes que telefonei e como tem o meu número, pensei que se não me ligou também era porque estava tudo em paz.

— Mas eu te liguei. E muito. Infelizmente estava desligado.

— Preciso trocar meu celular. Ele caiu e nunca mais foi o mesmo. O Marcos também reclamou. Mas o que você tem?

— Não estou bem. Estou nervosa e angustiada, acho que vou ter nosso filho antes da hora...

— É só um medo bobo, na última consulta o médico garantiu que está tudo indo bem. Vai dar tudo certo e eu vou estar ao seu lado. Agora, vamos pra casa, precisamos dar uma folga a sua família.

— Está dizendo que dou trabalho?

— Pouco não. Já te disseram que é muito mimada?

— Já, meu marido me diz sempre isso.

— É porque ele te conhece.

— É porque ele ama pegar no meu pé.

— No seu pé, na sua mão, no seu corpo todinho. — E ele a abraçou e a beijou de novo, daquela vez demoradamente. Quando se afastaram, Bianca se sentiu melhor.

— Gosto quando pega em mim, gosto muito... — sussurrou.

Ele riu, piscando de forma charmosa e falou:

— Não me atente, está muito grávida para o que eu gostaria de fazer agora.

A sexta-feira estava nublada e chuvosa. Bianca foi até a varanda e procurou avistar o marido, mas foi em vão. Naquele dia em especial, ele estava demorando. Foi buscar Márcia bem de manhãzinha, mas já estava quase anoitecendo e nada. Entrou em casa sentindo muito frio e já estava no quarto quando ouviu o barulho do carro.

Da varanda, avistou Leandro, a cunhada e mais um casal. À medida que se aproximavam viu que o rapaz era Miguel, mas não conhecia a moça.

— Como você demorou! Eu já estava preocupada... — Ele se aproximou e após cumprimentá-la se afastou novamente, carregando uma das muitas mochilas que o pessoal trazia.

— Bobagem... não tinha motivo nenhum pra se preocupar.

Márcia apresentou a moça como namorada de Miguel e Bianca sentiu uma antipatia imediata pela mesma, que, por sua vez, parecia analisá-la criticamente.

— Miguel e Flávia ficarão conosco o fim de semana, espero que não se incomode.

— Claro que não, Márcia, de forma alguma. — Dizendo isso pediu licença e foi até o quarto, de onde não quis sair para jantar. Estava quase dormindo, quando o marido entrou.

— Por que não quis jantar?

— Não sei, não estou me sentindo bem e, além do mais, não gostei dessa tal de Flávia. Já ouviu falar em antipatia à primeira vista.

— Estava demorando a implicar com alguém. Puxa, Bia, o Miguel nunca trouxe ninguém aqui.

— Eu sei, mas não precisava ser uma periguete.

— Defina isso.

— Mulheres megaoferecidas, com roupas minúsculas e olhar espichado para o marido dos outros. Por que trouxe essa gente sem me avisar? Estou na pior fase da gestação. Falta de ar, desconforto e me sinto feia e muito cansada.

— Mas, amor, além da minha irmã, são só duas pessoas...

— Sabe que não estou incluindo a Márcia, é que essa tal de Flávia é simplesmente insuportável, metida, não sei, não fui com a cara dela.

— Você nem a conhece direito. Ela é namorada do Miguel e se ele me pediu pra trazê-la, o que eu poderia dizer?

— Tudo bem, deixa pra lá, você não me entende mesmo. Nem vai entender.

— Como assim?

— Até onde sei homens não passam pela aflição, insegurança e ansiedade de enfrentar um final de gravidez!

Na manhã seguinte ela continuava indisposta e a custo deixou a cama. Quando se levantou, já estava quase na hora do almoço e, chegando à varanda, viu que todos jogavam baralho animadamente.

— Bom dia!

— Bom dia, achei que não ia mais sair daquele quarto.

Ela então se aproximou de Leandro.

— Estou cansada, mas você, pelo visto, está bem-disposto.

— Nem sabe o quanto.

Márcia a fitou preocupada.

— Estou te achando um pouco pálida, está tudo bem?

— Claro, só estou um pouco pesada...

— É — disse Flávia. —, deve ser horrível o final da gravidez, principalmente

sendo tão nova como você, que estrago! Ter um bebê na sua idade é definitivamente uma loucura!

Bianca a encarou perplexa pelo comentário inesperado.

— Aconteceu comigo e com muitas outras. Basta ser mulher e estar em tempo fértil.

— Fala sério! Acontece com quem não conhece pílula anticoncepcional. Eu no seu lugar ia me sentir um bagaço. Além de detonar o corpo, depois você muda de vida e passa a viver em função de outra pessoa. Sem chance. Vejo o sufoco da minha irmã, que é mãe solteira. Ela tem vinte e cinco anos e parece que tem quarenta. Deus me livre! Nossa, não me leve a mal, mas você vacilou mesmo.

— É, vacilei... — Bianca olhou o chão querendo sumir dali. Embora detestasse aquela umazinha até que ela tocou a real.

Depois de um tempo percebeu que, enquanto jogavam, Flávia se insinuava descaradamente para Leandro. O decote dela exibia o biquíni por baixo de um top e o shortinho nada escondia.

Primeiro jogava sua autoestima no lixo. Depois dava em cima do seu marido na cara do namorado? Estava mesmo vendo aquilo ou viajando?

Não havia paciência que aguentasse, havia?

Sentindo o esforço que Bianca fazia para se conter, Márcia tentou interromper o jogo várias vezes, mas ninguém concordou.

Após algumas horas, Bianca notou que Cláudia já havia passado quatro vezes pela sala para levar petiscos e bebidas para a varanda. Leandro estava exagerando com aquela jogatina. Debruçou-se na janela da sala e viu que Miguel se levantou da mesa. Mal ele deu uns passos para dentro de casa, Flávia, por sob a mesa, levou a mão ao zíper da calça de Leandro.

Só podia ser brincadeira. Nem esperou para ver a reação dele. Cortou a sala com toda velocidade que seu andar de pato permitia. E ainda teve tempo de ouvir:

— Seu avô realmente deixou tudo isso pra você? — Leandro respondeu que sim e Flávia prosseguiu: — Sua esposa é uma mulher de sorte, eu ficaria imensamente feliz em morar aqui. — E aquilo foi a gota d'água para Bianca.

Viu que Miguel voltava e o abordou antes mesmo de sentar à mesa:

— Escuta aqui, Miguel, onde você arrumou essa mulherzinha vulgar? — Leandro mal pôde acreditar na reação de Bianca. Será que ela tinha visto o gesto ousado de Flávia?

Nem precisou pensar muito que Bianca logo respondeu:

— Sua namorada fofa acabou de passar a mão no meu marido. E nem adianta negar, Leandro, porque vi as longas unhas vermelho piranha dela no seu zíper.

— Não tem vergonha de se oferecer para um homem casado?

— Eu...

— Você o quê? Está pensando que só porque estou grávida e “detonada” perdi a noção das coisas? Ainda sei reconhecer uma ordinária, mesmo a distância.

— Miguel, vai deixar ela falar assim comigo?! Leandro, sua mulher está me ofendendo!

Bianca então fez menção de se atirar sobre a outra, mas Leandro a segurou.

— Ei, já chega, comporte-se! Já falou o que queria, que vergonha! Quando penso que está mudando se mostra ainda mais infantil!

— Ainda tem coragem de me repreender? O que foi? Queria mais, é isso, né? Pois então, Flávia — disse se voltando para a outra. —, faça bom proveito dele. Safado! Devia estar gostando e muito.

— Bianca, cale a boca! — Mas ela o empurrou e entrou em casa batendo a porta.

Leandro a seguiu nervoso e a alcançou no quarto.

— Por que faz isso comigo? Tem sempre que me fazer passar por constrangimentos na frente dos outros? Às vezes, age de uma forma imperdoável, não dá pra aceitar essas suas atitudes impulsivas.

— Eu vi o que ela fez, Leandro.

— Então viu que eu tirei a mão dela.

— Não, isso não. Não deu tempo porque meu sangue subiu.

— Isso, esse vulcão em você é o que nos afasta. Precisa ter equilíbrio.

— Ah, é? Queria ver como ia se sentir se o Miguel me tocasse intimamente.

— Não diga asneiras! — Bianca arqueou as sobrancelhas. Deu pra notar que ele se irritou.

— “Pimenta nos olhos dos outros...”. O seu problema é que julga minhas atitudes, mas não policia as suas. Eu devia saber que ia ficar contra mim. Só sabe me criticar.

— E tenho minhas razões, se não se lembra, até a vida do nosso filho você usou como chantagem pra se casar comigo.

— E esse foi o maior erro que cometi, tem sempre que me jogar isso na cara? Acha que ganhei alguma coisa com o que fiz? Me enfiar neste fim de mundo até o pescoço com um homem empacado e egoísta que nunca me dá razão. Ainda por cima sou obrigada a engolir essa talzinha aí fora falando que estou horrorosa e que joguei minha vida fora. E sabe o pior? O pior é que ela falou a verdade. — Antes que ele respondesse, entrou no quarto e trancou a porta. Porém, não viu a expressão de dor que tomou os olhos dele. Porque ouvir que ela se enfiou num fim de mundo e jogou a vida fora por causa do bebê era tudo o que ele não queria ouvir.

Bianca chorou muito. Estava zangada com Leandro e com dores nas costas e nas pernas. Deitou-se e, após algum tempo, a indisposição que sentia piorou, transformando-se numa dor insuportável. Percebeu então que sangrava e, desesperada, abriu a porta e pediu socorro.

Márcia e Leandro vieram na mesma hora e a encontraram encurvada no corredor, chorando.

— O que aconteceu?

— Não sei, alguma coisa aconteceu com o bebê, estou sangrando...

Na mesma hora, a levaram para o hospital mais próximo. Márcia ligou para os pais de Bianca e, em pouco tempo, todos dividiam a mesma aflição no setor da maternidade e preocupação em relação ao seu estado.

Enquanto a preparavam para a cirurgia, Leandro ficou ao lado dela. Pálida, após a anestesia, confessou:

— Eu nunca quis prejudicar nosso filho. Eu sabia que você não queria se casar e te coloquei contra a parede. Eu... eu menti quando fiz aquela chantagem idiota, não faria nada contra o bebê, por favor, acredite em mim... Se acontecer alguma coisa comigo, cuida dele.

— Eu acredito em você, Bianca, mas não vai acontecer nada, vai dar tudo certo, tá? — Sentiu o peito apertar quando a levaram na maca. Deixou o quarto chorando e, ao chegar na sala de espera, estavam todos reunidos. Abraçou a irmã em desespero: — E se alguma coisa acontecer com ela?

— Não vai acontecer nada, temos que ter fé em Deus...

Minutos e minutos se arrastaram. Ninguém informava nada sobre o parto e, após quase uma hora de uma espera interminável, o médico veio falar com eles.

Maria não esperou que ele abrisse a boca e já foi perguntando:

— E então, e minha filha?

— Calma, senhora, sua filha está bem. Houve ruptura de uma veia no colo do útero e foi necessário fazer a cesariana. — A expressão de alívio de todos ficou nítida e o médico explicou: — Ela está sedada, dormindo e provavelmente vai demorar a acordar por causa dos medicamentos.

— E o bebê? — quis saber Leandro.

— Filho, o bebê, uma menina, já estava em sofrimento e por isso se encontra numa situação muito delicada, nasceu na trigésima quinta semana e por isso apresenta síndrome da angústia respiratória leve e necessita de oxigênio e outros cuidados, até porque é prematuro. Faremos todos os exames necessários e as próximas horas serão fundamentais. Vamos torcer para que resista.

— Entendo... pelo menos, posso ver minha mulher?

— Ainda não. Ela ainda não subiu para o quarto. Vocês aguardem algum tempo na recepção e depois que ela estiver no quarto serão chamados.

Uma hora depois, Leandro e Maria seguiram uma enfermeira até o quarto e lá permaneceram e se revezaram, até que Bianca, algumas horas depois, finalmente acordou.

— Mãe, Leandro, o que aconteceu com meu bebê? Eu o perdi, não foi?

— Não diga isso, filha. Está em uma situação delicada, mas tenho fé de que ela vai ficar bem.

Bianca comprimiu os olhos, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— É um menino ou uma menina?

— Uma menininha...

— Prematura, tadinha. Por que isso aconteceu?

— Não sei, Bia, era pra ser assim, agora não deve pensar em nada, a não ser em descansar e recuperar suas forças. Quando sua bebê melhorar vai precisar do seu leite e da sua força.

Bianca sentia o corpo dolorido, pesado, muito frio e a boca seca...

— Estou me sentindo tão culpada, fiquei tão nervosa, eu não fiz de propósito... não queria...

— Não, Bianca, não é sua culpa, nada acontece por acaso. — Quando ela se acalmou um pouco e parou de chorar, Maria falou: — Olha, eu vou falar com seu pai, sua irmã... estão todos muito preocupados e esperando há muito tempo por alguma notícia, volto logo.

Leandro então inclinou-se sobre a cama e segurou suas mãos com carinho.

— Mais uma vez estraguei tudo, não foi? — ela perguntou.

— Não, Bianca, não teve culpa de nada.

Percebeu que ela se contraía de dor e se assustou com sua palidez.

— Vai dar tudo certo e nossa filha vai se salvar.

Após algum tempo ela adormeceu, Maria voltou e foi a vez de Leandro sair do quarto e comer alguma coisa.

As horas pareciam se arrastar e o tique-taque do relógio na recepção fazia com que ele ficasse cada vez mais impaciente. Viu que a irmã voltava trazendo um copo de café e suspirou em desalento.

— E então, Leandro, o médico deu alguma notícia?

— Não, ainda é cedo pra dizer...

— Tudo vai dar certo...

— Será?

— Acredito que sim. Onde está sua fé?

Quando anoiteceu, o quadro ainda não apresentava alterações. Relutantes, Maria, Paulo, Márcia e Bruna foram até a fazenda se trocar e comer alguma coisa, mas Leandro ficou ao lado de Bianca. Jogado na cadeira ao lado da cama, observava sua expressão enquanto dormia e aos poucos ia se lembrando da história dos dois, desde o dia em que se conheceram.

Algumas horas se passaram e apenas Paulo e Maria voltaram; deixando Bianca na

companhia da mãe, Leandro ficou com Paulo o restante da noite.

Marcos encontrou Márcia na capela do hospital. Ajoelhada, fazia uma prece sentida pelo bebê. Se já não gostasse tanto dela, passaria a gostar agora. Não resistiu e tocou seus ombros, dizendo baixinho:

— Vai dar tudo certo.

Ela se voltou para ele. Tinha esperança em seus olhos.

— Vai sim. — Se levantou e o abraçou.

Já não conseguia esconder o que sentia e sempre buscava um pretexto para tocar nele ou ficar perto dele. Sabia que não era o momento de se abrir, mas não suportava mais. Apertou suas mãos e levou ao coração. Ele sentiu as batidas descompassadas, mas ao tocar o seio arfante, retirou a mão depressa. Estavam em lugar sagrado e ele respeitava a casa de Deus.

— Quero conversar com você, Marcos.

— Depois que isso tudo passar prometo que vamos conversar.

— É mesmo uma promessa? — Ele assegurou.

Após dois dias de aflição e sofrimento, o médico deu a notícia de que o bebê estava fora de perigo e que o resultado de todos os exames foi ótimo. Tanto Bianca como Leandro choraram de emoção e foram ao berçário olhar a filha pela primeira vez.

— Bianca, que nome vamos dar a ela?

— Pensei em Carina, o que você acha?

— Carina... sim, eu gosto do nome.

Uma semana depois, Bianca recebeu alta, mas o bebê não... apesar de ter saído da fase crítica e estar melhorando a cada dia, ainda precisava de cuidados especiais... Bianca deixou o hospital aos prantos.

— Se não fosse meu jeito estouvado, minha filha estaria saindo com a gente agora.

Maria e Leandro se entreolharam preocupados com a depressão de Bianca.

— Filha, temos que estar felizes, pense na alegria de saber que seu bebê está fora de perigo. Outros pais não têm tanta sorte.

— Eu sei, mas me dói deixar esse lugar com os braços vazios...

— Mas ela é prematura. Tem o tempo certo de sair daqui. Se Deus quiser, em alguns dias já estaremos com ela em casa.

— Vou ter que vir amamentar todos os dias.

— Vou te acompanhar — Leandro afirmou.

Entraram no carro e se acomodaram e Leandro então perguntou a Bianca:

— Para onde você quer ir?

— Como assim?

— Quer ir pra casa ou prefere ficar com seus pais?

— Vou pra casa esperar por nossa filha...

Márcia os recebeu feliz e Maria só partiu após instalar a filha. Com a ajuda da cunhada, Bianca preparou tudo para receber Carina. Ia todos os dias ao hospital e não pôde acreditar quando dez dias após sua alta, o médico liberou o bebê. Foi com a mãe e o marido buscá-la e, quando chegaram à fazenda, estavam todos reunidos esperando por eles.

Márcia ficou ainda mais uma semana, mas então o pai pediu que voltasse. Triste concluiu que, mais uma vez, ia embora sem que Marcos tomasse uma iniciativa.

A pedido de Bianca, assim que Márcia se foi Maria se hospedou na fazenda por um mês, a fim de auxiliar a filha com a netinha.

Capítulo Catorze

Bianca tocou a filha sem poder acreditar na própria sorte. Com um mês e alguns dias, já se notava o quanto tinha crescido... o cabelinho castanho brilhava e sua pele clarinha e rosada lembrava a de uma bonequinha. Não se cansava de olhá-la e estava tão distraída contemplando a filha, que não notou a presença de Leandro. Ele se postou ao seu lado e só então ela ergueu os olhos.

— Não o vi entrar...

— Eu pude perceber.

— Ela é muito linda, não é?

— Muito... muito mesmo. Sabe, não posso negar que está me surpreendendo como mãe.

— Por quê?

— Pela sua dedicação e carinho, não conhecia esse seu lado e durante sua gravidez, me perguntava como seria quando nosso filho nascesse...

— É só uma grande vontade de fazer dela o bebê mais feliz do mundo! Eu errei muito e disse umas coisas que... bom, nunca mais quero me sentir tão culpada, foi muito difícil pra mim...

— Eu sei, mas agora que sua mãe voltou pra casa, como vai se arranjar?

— Sou ainda uma mamãe inexperiente, mas Cláudia tem me ajudado muito...

— E eu não conto?

— Claro que sim, mas só quando está comigo. — Ela então o atraiu para si e o beijou. — Engraçado, mas, às vezes, não acreditamos que a felicidade exista realmente e quando percebemos que somos finalmente felizes é incrível o quanto nos assusta essa constatação...

— Como assim?

— Quando vivemos momentos felizes como este, acabamos por temer a felicidade e com esse medo, deixamos de vivê-la em toda sua plenitude, amedrontados com um futuro incerto.

— Não conhecia esse seu lado filosófico...

— Não é filosofia, apenas uma constatação.

Leandro conversava com Marcos perto do estábulo, quando avistou um carro se aproximando e não pôde acreditar, ao perceber que era seu pai que chegava. Seu Otávio estava realmente mudado. Mais cordato. Depois da morte da mãe era surpreendente a mudança em seu caráter. Foi recebê-lo e não escondeu a curiosidade.

— Será que após todo esse tempo, quem o trouxe até aqui foi sua neta?

— Esperei pacientemente que fossem até mim, mas como não foi possível, vim pessoalmente. A certa altura da vida, um homem precisa repensar seus valores, meu filho. Fiz isso quando sua mãe se foi. Não quero que você e sua irmã se afastem de mim. Não pensamos igual, mas isso não nos torna estranhos uns aos outros. São a única família que tenho, não sou um paizão, mas quero que saiba que te amo e que pode contar comigo. E vou fazer questão de rodar essa fazenda com você pra ver se fez jus ao grande presente que herdou de seu avô. Não é que eu concorde com a vida que escolheu, mas hoje eu respeito.

Era demais! Nunca esperou ouvir aquilo do pai. Logo ele que até a morte da mãe foi tão prepotente, agora estava li abrindo o coração, mais humilde, mais humano. *Milagres acontecem*, pensou. Leandro abraçou o pai feliz, era inacreditável ter sua presença ali.

Otávio se impressionou com a beleza da nora e se encantou por Carina. Tanto que acabou por aceitar o convite do filho e passou a noite na fazenda. Já era tarde, quando no dia seguinte foi embora. Pediu que não deixassem de ir até a cidade, afinal, era sempre difícil ter de deixar os negócios.

Carina estava com seis meses. Nem podia acreditar que o tempo passou tão depressa.

Deixou a filha dormindo no berço, ligou a babá eletrônica e pediu a Cláudia que ficasse com ela... mais do que nunca, precisava andar um pouco, espairar. Agora sabia como as mães dão duro. Dormem pouco durante a noite. E ficam de plantão o tempo todo. Se preocupam muito e com tudo. A bebê não podia nem se virar no berço que ela corria da cama feito louca. O coração a mil. Não fosse a ajuda de Cláudia estaria exaurida, porque Leandro não cooperava muito com ela e achava que se preocupava demais.

Feliz por entrar na calça jeans, vestiu uma blusa branca e uma bota camurça marrom de cano curto.

Com a ajuda de Marcos, selou um cavalo e saiu disposta a arejar a cabeça e respirar um pouco de ar puro. Estava cansada de ficar em casa, porque todo dia era a mesma rotina. Já estava passeando há algum tempo, quando Leandro a alcançou com Stallone, o cavalo preto.

— Nem acreditei quando o Marcos me disse que saiu com a Lua.

Lua era uma égua manga-larga branca muito jovem e mansa. Tinha uma franja charmosa e uma estrela na testa. Bianca acabou desenvolvendo um carinho especial por ela.

— Por quê? Não posso ver a Lua? Descobri que amo montar.

— Desde que está aqui, nunca andou a cavalo. Como assim, ama montar?

— Eu sempre que posso vou visitar a Lua, caso não saiba. Pergunte ao Juninho, a gente leva cenoura pra ela.

— Você de amores com minha égua? Era só o que me faltava. Não me engana,

não.

— Nem preciso, você se engana sozinho.

— De todo jeito quero que fique longe das baías, entendeu? Isso é uma ordem.

— E por que essa ordem estúpida agora? — *Que diga-se de passagem*, ela pensou, *não ia cumprir*.

— Porque pode ser perigoso, afinal não monta tão bem assim e...

— E mais o quê? Pelo amor de Deus, Leandro, não posso ficar o tempo todo em casa; e além do mais, estou me virando bem com a sela, tive um ótimo professor.

Ele então apeou do cavalo e a ajudou a descer. Deixaram os animais amarrados à sombra de uma árvore e sentaram-se sob outra menor.

— Está entediada na fazenda?

— Não é isso, mas não aguento mais essa rotina de leite, fraldas e banhos. Nossa filha já está maiorzinha e já não me preocupa tanto deixá-la algumas horas com Cláudia. Gostaria de poder ser útil em alguma coisa por aqui, preciso me ocupar de um algo mais, entende?

— Claro, o que quer fazer?

— Posso te ajudar?

— Hein?! Já pensou eu te levar no meio dessa peonada para tratar de animais, checar estoques, entradas e saídas e verificar cercas?

— O que tem de mais?

— Ah, Bianca, você não foi feita pra isso...

— E fui feita pra quê?

— Por exemplo, desenhar, estudar.

— Desenhar? Você sabe?

— Sei sim, vi seus desenhos quando nos separamos.

— Nossa. Deve ter rido de mim.

— Não, pelo contrário. Eu gostei demais. Você tem talento. E muito.

— Obrigada. Eu realmente amo desenhar, queria muito cursar alguma coisa nessa área, mas ainda é cedo pra voltar a estudar, o vestibular me ocuparia muito e também não posso deixar nossa filha o tempo todo com a Cláudia.

— Você pensa em voltar para a cidade?

— Leandro, onde quer chegar? Como assim, voltar?

— Você sabe! — Ela tentou decifrar sua expressão, mas ele parecia fitar o vazio.

— Eu não, por acaso está me perguntando se quero voltar sozinha?

— Sabe que eu não deixaria a fazenda...

— Sei, com isso quer dizer que a mim você deixaria?

— Não tenho o direito de prendê-la comigo.

Ela o encarou chocada.

— Não posso acreditar no que está me dizendo, não posso mesmo! — Sem dizer mais nada se levantou. — Vamos embora!

Montou em Lua e voltou para a sede, ignorando os chamados do marido. Manteve-se em silêncio enquanto ele cavalgava ao lado dela, ignorando qualquer tentativa sua de retomar a conversa. Assim que chegaram ao estábulo, ela desmontou e foi em direção à casa sem nem ao menos olhar em sua direção, tamanha a raiva que estava sentindo. Ele então a seguiu:

— Espera Bianca! Sabe que detesto quando se comporta dessa forma!

— Não me irrite, Leandro! — Entrou no quarto e trancou a porta. Após lavar as mãos, foi ver a filha e constatando que ainda dormia, foi para o quarto de hóspedes para não a acordar e lá tomou um banho. Voltou para o próprio quarto e se jogou na cama.

Leandro encarou Marcos preocupado. Seu lindo potro mangalarga marchador estava morto. Era o quarto animal envenenado.

— Não dá pra entender! Estava saudável, forte... — lamentou o rapaz.

Mas Leandro, que já tinha o laudo da perícia, sabia bem o que estava acontecendo. Só não podia contar para Marcos ainda. Era melhor o delegado concluir as investigações.

— É o quarto animal em um ano. Tá achando o quê?

Ele desviou o olhar, mas Marcos percebeu.

— Espera aí, acredita que alguém pode ter...

— Não sei, não ainda. É bom ficarmos atentos. Muita coincidência.

— Chame a polícia e depois que concluírem a coleta do material para análise, enterre o pobre animal.

Leandro se afastou, indignado. Se apegava aos animais. Todos os sinais indicavam um novo envenenamento. Mas quem poderia fazer uma maldade daquelas?

Pensou em Bianca, antes viviam como cães e gatos, mas ultimamente estavam se entendendo. Que ela tinha gênio difícil, isso tinha, mas não seria capaz de um crime, seria? Não, afastou os pensamentos, estava exagerando.

Ao voltar para casa, encontrou a irmã e o pai na varanda. Nem pôde acreditar, porque era a segunda vez que o Otávio estava ali em dois meses. Outra coincidência desagradável... Não, estava viajando. Os envenenamentos começaram antes disso. Depois, a verdade é que Otávio gostou de Bianca. Um milagre que aquela pimenta conseguisse agradar tantas pessoas em tão pouco tempo. Até Mirtes caiu de amores por ela.

Juninho jogou a bola para Bianca. Estavam na piscina há mais de uma hora e começou a esfriar.

— Acho que por hoje chega.

— Ih! — exclamou o menino. — Olha quem vem lá!

Leandro chegou nervoso e exigiu que Bianca saísse da água imediatamente.

— Eu ouvi isso mesmo?

— Não se faça de boba, não vê que esfriou?

— Ei, essa é a fala da dona Maria. Agora vai controlar até meu tempo de piscina?

— Não é isso. Não quero que fique doente por causa da nossa filha.

— Vai pastar! E que eu saiba, não quero conversa com você. Não esqueci o que me disse aquele dia.

Ela ajudou Juninho a sair e saiu depois. Pegou uma toalha sob o olhar atento de Leandro e se enxugou.

Cláudia se aproximou para levar o filho e Bianca aproveitou para conversar com Leandro.

— Por que está sempre tão irritado? Mau humor tem limite!

— Espero que contenha sua língua atrevida enquanto meu pai estiver aqui.

— Sim, senhor. Imagina se vou contrariar uma ordem do patrão.

— Por acaso visitou os cavalos ontem?

— Sim, estive lá para ver Lua. Por quê?

— Nada.

A expressão de Leandro se nublou. Por acaso, um dos peões comentou que viu Bianca se aproximando da baia do potro, mas não quis acreditar. Por que diabos sua mulher envenenaria um animal inocente? Não, era demais até pra ele. Se descobrisse algo assim nunca mais queria saber dela. O que doía era pensar na filhinha.

— Ei, estou ficando preocupada, o que você tem?

— Nada. Não tenho nada. Vê se não enche meu saco!

— Mas que grosso!

Ele entrou na casa sem rebater e após pegar a chave da caminhonete saiu cantando pneu completamente indiferente à magoa dela.

Bianca estava acabando de amamentar Carina quando ouviu a campainha. Escutou Cláudia andando até a porta. Deixou Carina no bebê conforto em cima da cama e foi ver quem era.

Deparou-se com um senhor magro e baixinho. Era negro e já apresentava alguns fios grisalhos no cabelo curtinho.

— Ela é a esposa de Leandro? — ele perguntou para Cláudia.

— Sim senhor, seu delegado. Ela mesma.

— Delegado? — Bianca se adiantou até ele. — O que houve? Aconteceu alguma coisa com meu marido?

— De certa forma com todos vocês.

— Não entendi.

— Deixe eu me apresentar, sou Antônio dos Santos, delegado da cidade de Rurália. Conhecia muito o Altair, avô do seu esposo. Éramos grandes amigos. Pois bem, o que me traz a sua casa hoje são os envenenamentos.

— Envenenamentos? Como assim?

— Seu marido registrou uma queixa na delegacia. Mais uma nos últimos sete meses. De acordo com um dos peões que cuida das baias, a senhora esteve por lá na véspera de todos os incidentes.

Bianca ficou horrorizada. Só essa que faltava agora.

— O quê?!

— Tomei a liberdade de verificar sua ficha. Conversei com um amigo meu em Belo Horizonte. Digamos que a senhora deu alguns passeios com a polícia.

Bianca não podia acreditar. Mais uma! Agora era suspeita de envenenamento.

— Olha, seu delegado, sinto muito, sei que dei mesmo alguns passeios com a polícia, mas nunca fiz mal a ninguém, não voluntariamente. E eu nem sabia desses crimes. Leandro não me disse nada. Eu não vi nada e não sei de nada.

— De todo jeito será intimada a depor.

— Claro. Espero que até lá achem o culpado.

Quando o homem se foi com aquele olhar de coruja fitando a presa, murmurou um palavrão. Na realidade, soltou fogo pelas ventas. Como ele ousava desconfiar dela? Pensou nos últimos incidentes que ocorreram na fazenda. Mal podia acreditar.

Por isso o marido perguntou se ela esteve no haras. Claro, o idiota também desconfiava dela. Por isso não a procurou para fazer as pazes e mudou tanto com ela. Ah, mas agora era uma questão de honra descobrir o que se passava.

Aproveitando-se do fato que Juninho estava na escola, Bianca deixou Carina com Cláudia e Dalva e foi até a fazenda de Mirtes. A encontrou cuidando de suas orquídeas. Narrou tudo sobre os envenenamentos e Mirtes a encarou sensibilizada.

— Não acredito que Leandro pense que seja culpada.

— Mas ele me sondou. E agora me aparece esse delegado que até já investigou minha ficha. O mais estranho é que eu não sabia nada sobre as mortes. Ele não quis me contar.

— Eu já sabia, querida. Leandro contou para a Fabiana. Sabe que ela também ama cavalos e participa até de competições. Eu só não te disse nada porque você estava grávida, depois entrou no resguardo, daí já viu... o tempo foi passando.

— Entendo. Mas é estranho. Quem teria interesse em prejudicar o Leandro?

— Não sei, filha.

— Eu gostaria de falar com seu marido. Ele está?

— Não, por favor. — Mirtes chegou a empalidecer. — Ele não é de muita conversa e pode se sentir ofendido se perguntar.

— Ofendido com o quê? Nem sabe o que eu ia perguntar. Do jeito que fala parece que tem medo dele.

— É quase isso. Na realidade, eu o respeito.

Bianca voltou para a fazenda frustrada. Mirtes quase a expulsou de lá. Agiu de forma estranha. Aquilo tudo estava cheirando muito mal. Geraldo, como fazendeiro e criador de cavalos, poderia dar alguma informação, mas Mirtes reagiu de um jeito...

O delegado encarou o senhor com atenção.

— Pois então, seu delegado, eu achei isso aqui perto do cocho. Só pode ser coisa de mulher fina, *num* é mesmo?

Chico *Veio* era um peão das antigas na fazenda.

— Oi, conhecendo a esposa do patrão, aquela língua de cobra, não me assusto se disser que foi ela que envenenou os *pobre* dos animais não.

Antônio olhou o brinco em forma de gota, com duas voltas, uma em ouro branco e outra em ouro amarelo, com brilhantes. Conhecía joias e aquela era uma. E das caras. Quem mais teria um brinco daquele que não a esposa de Leandro? Mas não tinha provas. Não ainda.

Precisava dar um jeito de descobrir se o brinco era dela e aí o mistério estaria esclarecido.

Gustavo voltou para a casa dos pais frustrado. Depois da última discussão com Geraldo pensou que nunca mais pisaria ali, mas a verdade é que precisava voltar e colocar aquela história a limpo.

Desde que conheceu Juninho não conseguia ficar em paz com a própria consciência. O pai disse que o menino não era filho dele com muita certeza. Depois deu a entender que tinha se envolvido com Cláudia também. Não podia acreditar que uma moça tão bonita e simples como ela pudesse aceitar um homem mais velho e casado por dinheiro. E ela era virgem quando a conheceu.

Mas se fosse verdade sua semelhança com o menino estaria explicada e ele não poderia fazer nada. Pelo menos, nada sem magoar a mãe. Mirtes não podia nem sonhar que ouviu aquilo do pai.

Cláudia voltava da cidade na charrete quando uma caminhonete Mitsubishi L200 Gl 4x4 chumbo passou por ela e cortou seu caminho, impedindo a passagem. Surpresa,

não sabia o que pensar. O coração disparou ao ver Gustavo sair do carro e vir em sua direção. Não podia ser. O que ele queria com ela?

Ele se aproximou e pediu que descesse da charrete. Temerosa ela obedeceu. Passou a mão nos cabelos ondulados cor de mel e os jogou pra trás.

— Como me achou aqui no meio da estrada?

— Fui até a escola e vi quando deixou o menino. Conversei com meu pai. Ele me contou tudo.

— Tudo o quê?

— Que o Juninho pode ser filho dele.

— Como? Está ficando louco? De onde tirou um absurdo desses?

— Vai negar?

— Escuta aqui, moço, no passado me usou, me fez de boba. E até hoje ainda lembro as ameaças que seu pai me fez quando descobriu que eu estava grávida. Nunca pedi nada pra vocês, então, me deixe em paz. E não se atreva a repetir esse absurdo. Eu sou mulher de um homem só, entendeu? Não me julgue uma vagabunda só porque sou pobre. Imagine se ia me dar ao desfrute com um homem casado. Agora, se me dá licença, tenho muito a fazer na fazenda.

Ela o empurrou e voltou para a charrete. Ele a encarou algum tempo, depois entrou no carro e sumiu na estrada, deixando muita poeira e muita indignação.

Antônio achegou-se na cozinha de Dalva, porque eram velhos amigos, para tomar um café. Os dois se conheciam há tempo e ele chegou até a cortejar a viúva, mulher honesta e trabalhadora que sempre admirou, mas ela não quis nada com ele que não fosse amizade.

— Mas o que te traz aqui, Tonho?

— Ah, Dalva, tô precisando da sua ajuda e também do seu silêncio.

— Sabe que pode contar comigo. Afinal, desde *minino* que a gente brincava junto aprontando de um tudo, *num* é mesmo?

— Pois é.

E Antônio mostrou o brinco para ela, contou a relação com os envenenamentos e pediu que ela perguntasse para a esposa de Leandro se ela tinha perdido a joia pela fazenda.

Dalva sequer podia pensar que Bianca tivesse alguma culpa. Ela era estouvada, respondona, mas tinha bom coração, enxergava a lama das pessoas e podia colocar a mão no fogo pela patroinha.

Mesmo assim fez um trato com Antônio. Ainda naquela tarde disse para Bianca que tinha achado um brinco perto do curral e perguntou se ela, por acaso, tinha dado falta de algum par. Bianca olhou a joia com atenção e não a reconheceu. Não era dela.

— Como é uma peça cara, só pode ser de Mirtes ou de Márcia. Não sei mesmo, Dalva.

Bianca cansou de esperar por Leandro para conversarem. Acabou arrumando algumas coisas em uma sacola, colocou a guia em Vilão e o levou para o carro. Depois instalou a filha na cadeirinha e decidiu passar a tarde no sítio dos pais. Sabia o quanto Leandro ficaria nervoso quando desse por sua falta, mas mesmo com as advertências de Cláudia, não pôde conter o impulso. Além do mais, precisava falar o que estava acontecendo para Maria e Paulo.

Bruna e Maria vieram receber Bianca assim que ela chegou ao sítio e se derreteram com a bebê.

— Nossa, acho que não vem aqui desde que a Carina nasceu.

— Eu sei, mãe, mas hoje não resisti.

— E o Leandro?

— Não sei dele.

Maria pressentiu na mesma hora que as coisas não iam bem e, enquanto Bruna levava Carina para dentro da casa, puxou a filha pelas mãos.

— O que aconteceu agora?

Bianca puxou Vilão pela guia e já na sala de casa o soltou.

— Como assim?

— Bianca, não se faça se desentendida, já percebi que alguma coisa aconteceu. Seu marido sabe que está aqui?

— Não, não avisei... fiz de propósito e gostaria muito de estar lá só pra ver a raiva dele quando voltar e der com a nossa ausência...

— Não acredito, pensei que já tinham passado dessa fase. Sabe que quando toma essas atitudes impulsivas sofre mais do que ninguém.

— Eu sei, mas ele também sabe como me magoar.

— O que ele fez?

— Não importa... depois a gente conversa.

Estava quase anoitecendo quando Bianca voltou para a casa. Ignorou a presença de Leandro que, sentado na sala, ao vê-la entrar com a menina enrolada na manta e o cachorro, lançou-lhe um olhar de indignação.

Soltando Vilão, ela pouco se importou. Foi para o quarto, deu banho na filha e após amamentá-la, pediu a Cláudia que a fizesse dormir. Seguiu para o quarto de hóspedes onde tomou um banho e assim que se trocou, Leandro entrou e trancou a porta com a chave.

— Está pensando que sou algum idiota?

Sentou-se diante do espelho, na cômoda em frente à cama, e escovou os cabelos

indiferente ao que ele lhe dizia.

— Por favor, Bianca, não me irrita ainda mais...

Ela então se voltou e o encarou.

— O que quer?

— Que direito pensa que tem de sair com a minha filha e o meu carro sem me avisar?

— A filha é nossa e quanto ao carro era o único meio de transporte de que dispunha...

— Por que age assim?

— Você merece!

— Tudo bem, Bianca, sei muito bem aonde quer chegar, quer me tirar do sério, mas desta vez não vai conseguir.

— Fale logo o que quer. Sei muito bem de suas desconfianças. Como tem coragem de pensar que sou capaz de matar um animal inocente?

— O que está dizendo?

— Que o delegado veio aqui e disse na minha cara que porque tive umas passagens na polícia sou suspeita dos envenenamentos.

— Passagens na polícia?

— Pichação de muro, arruaça, coisas assim. Coisas do meu passado em Belo Horizonte.

— Eu devia ter imaginado.

— Sim, devia. Isso não te dá o direito de me julgar sem direito à defesa. Estão procurando a pessoa errada. Eu jamais faria isso. Eu sei que ama seus cavalos. Eu sei do seu sonho de ter um haras. Eu jamais te prejudicaria. — Os olhos dela se inundaram de lágrimas, quando finalmente falou: — Estou muito machucada com sua desconfiança, Leandro. Dessa vez pegou pesado. Tanto que eu já não sei se quero continuar casada com você.

Ela saiu batendo a porta e Leandro afundou a cabeça nas mãos.

Teria sido injusto? Por Deus! O que estavam fazendo com ele? Não bastassem os prejuízos no alambique e a raiva por terem matado seus filhotes, ele ainda corria o risco de perder Bianca. Como pôde desconfiar dela?

No dia seguinte...

Bianca caminhou a manhã toda. Pensativa, girou o anel no dedo, finalmente ele coube de volta, pois desde a gravidez, quando inchou muito, não o usava, mas agora já tinha voltado ao peso de antes e pôde colocar a serpente de volta, ao anelar da mão direita. Com ela ficava mais forte. Ou assim sentia... e riu.

Pegou a velha picape vermelha e foi até a cidade para uma consulta de rotina na

ginecologista. Saía do consultório quando esbarrou em Gustavo. Não sabia que ele estava de volta. Queria muito falar com ele e talvez aquela fosse sua chance.

— Como vai, Bianca?

— Muito bem, melhor agora que te encontrei. Faz tempos que quero falar com você.

— Alguma indisposição?

— Não, doutor. Estou ótima. Ou quase isso. Meu motivo para falar com você é a Cláudia. Vou direto ao ponto que não sou de rodear nada e nem de enfeitar palavras. Meses atrás deixei óbvio que era o pai de Juninho. Por que não fez nada?

— Me desculpe, Bianca, mas não tem nada a ver com isso.

— Tenho sim, gosto do menino e gosto da mãe dele. Depois, odeio canalhices.

— Por mais direta que seja, não pode julgar o que desconhece. Cláudia me enganou.

— Cláudia não é capaz de enganar ninguém.

— Acontece que meu pai me contou que ela teve um caso com ele. E fez isso por dinheiro. Ela e meu pai. Acha que depois disso não tenho meus motivos para me afastar desta história?

— E você acreditou nele? Honestamente, sabe o que eu acho? Que seu pai é um crápula e você um covarde.

— Ei, está me ofendendo.

— Pelo que ouvi por aí, seu pai fala o que quer para chegar aonde pretende. Cláudia nunca teve nada com ele, eu posso assegurar. O menino é seu filho. Uma pena que você não tenha o mesmo caráter de sua mãe. E mais pena ainda pela família linda que perdeu.

Ela notou que ele estava sem a aliança. Olhou com desprezo o homem covarde que ele demonstrou ser. Lamentável. Ia dizer mais umas verdades quando Leandro a abordou.

— O que os dois fazem aqui?

— Ah, por favor, não vem entender tudo errado você também. Que saco isso!

Ela os deixou sozinhos e seguiu para a picafe revoltada com a atitude de Gustavo. Como assim, ele aceitou aquela mentira descarada do pai?

Na manhã seguinte, Bianca acordou cedo. E que grata surpresa, Márcia estava ali. Entregou a filha aos cuidados da tia e foi procurar por Dalva. A encontrou aos prantos.

— O que houve?

— Aquele homem horrível ameaçou minha filha e meu neto. Disse que se a gente não sumir daqui vai se arrepender.

— Não se preocupe com essas ameaças, Dalva. Não vou deixar que nada de mal aconteça a vocês.

— Não tem como evitar, filha. Esse homem é uma peste. Mandou matar o filho de uma amiga minha só porque o rapaz descobriu que ele tinha poluído uma nascente de água mineral aqui da cidade e exigiu que ele fizesse alguma coisa, porque as pessoas que compravam a água estavam adoecendo. Ninguém conseguiu provar, mas o pobre do moço apareceu boiando no ribeirão.

Bianca se enfureceu. Aquilo já estava indo longe demais. Sentiu a raiva esquentar o rosto. Montou Lua e foi procurar Leandro no alambique. Ele não estava lá. Conversou com um dos peões, mas eles não sabiam sobre o marido. Procurou ainda no cafezal, nada dele. Depois voltou para a sede frustrada. Estava acabando de dar banho em Carina quando Mirtes chegou.

Foi até a sala encontrá-la. Ela estava triste e abatida.

— Geraldo está uma fera com você, Bianca.

— Comigo?

— Sim, Gustavo e Leandro brigaram na cidade por sua causa.

Era só essa que faltava! Leandro, teimoso, interpretou o que viu de forma errada.

— Meu marido entendeu tudo errado. Eu e seu filho só estávamos conversando. Olha, vou ser honesta com você, Mirtes, porque sempre foi muito carinhosa comigo. Depois, não posso mais ficar calada. Me diga uma coisa, não notou que o Juninho é seu neto? Ele é a cara do pai.

A outra se debulhou em lágrimas.

— Eu desconfiei, filha, mas achei que fosse uma pulada de cerca do Geraldo. Tive medo de expressar minha dúvida. Cada vez que eu olhava o menino sentia uma punhalada no peito.

— Mirtes, a Cláudia e o Gustavo se envolveram no passado. Pelo que eu entendi, seu marido descobriu e os separou. Depois ameaçou a Cláudia para que ela não dissesse nada a ninguém.

— O Geraldo sempre me traiu. Ele é horrível comigo. O que queria que eu pensasse?

— Eu te entendo, mas te dou minha palavra de que a Cláudia nunca teve nada com o seu marido. — E Bianca contou a versão da história que conhecia. A da moça pobre que se encantou pelo filho do fazendeiro rico e se entregou a ele sem reservas. Um dia o moço foi estudar na cidade grande e ela se viu grávida e sozinha.

— Ouvi quando o Geraldo falou com o Gustavo que o filho é dele. Por que devo acreditar em você?

— Porque Cláudia é uma moça simples e boa, mas seu marido, me perdoe, Mirtes, por tudo que sei ele é um homem cruel e manipulador.

Indecisa, Mirtes se despediu e saiu. Enquanto dirigia, suas mãos estavam trêmulas. Parou o carro já na divisa das fazendas. Desceu e do alto de uma pedreira sentiu o vento contra o rosto.

Estava triste por Gustavo.

E triste por Juninho, aquele menino tão doce.

Precisava ajudá-los.

Nunca, em todos aqueles anos de casamento, conseguiu ser feliz com o marido. Sua autoestima foi massacrada, ele falava coisas horríveis pra ela, a traía, precisou desistir de seus sonhos para ficar com ele e pagava muito caro pelo conforto material que tinha. Mas não permitiria que ele tornasse seu filho infeliz também. Infelizmente, o caráter de Fabiana era duvidoso. Ela falava mal de todo mundo, criticava tudo, só sabia apontar defeitos e, às vezes, fazia ameaças que a deixavam assustada. Gustavo, no entanto, era doce. Um filho bom e carinhoso. Devia isso a ele.

Leandro chegou tarde aquela noite. Teve um dia complicado. Muitas entregas pra fazer, o caminhão estragado, produtos faltando no alambique, enfim, precisou viajar até Belo Horizonte e voltar no mesmo dia. Para piorar, o pai passou mal e recebeu um telefonema ainda na estrada. Estava exausto. E desanimado.

Quando ouviu os passos dele no corredor, Bianca deixou o quarto pé ante pé para não acordar a filha. Ligou a babá eletrônica e seguiu para o quarto de hóspedes. Era lá que Leandro estava dormindo. Era lá que ela, às vezes, descansava. Então, o monitor de áudio já ficava lá, caso Carina precisasse dela.

Ele se recostou na cabeceira da cama. Estava só com o short do pijama. Abatido, colocou a cabeça entre as mãos e falou:

— Vamos viajar amanhã bem cedo...

— Como assim? — perguntou Bianca sentando-se na cama.

— Tenho certeza de que me ouviu.

— Sim, ouvi. Mas por quê?

— Meu pai não está bem.

Ela então tocou o rosto dele fazendo com que olhasse para ela.

— O que houve com ele?

— Não sei, mas se eu não tivesse chegado tão tarde e estivesse tão cansado iríamos ainda hoje.

— Sinto muito...

— Não, você não sente. Como pôde se encontrar com Gustavo na frente de toda a cidade?

— Você entendeu tudo errado. Eu não me encontrei com ele. Não no sentido que você está pensando.

— O que sei é que você é uma egoísta. Faz o que quer sem pensar em ninguém. Não sei por que insisto nesse casamento absurdo.

Ela se magoou e desistiu de se explicar.

— Quer saber, pense o que quiser de mim. Vim te contar o que houve, mas como sempre já me julgou e condenou. Dane-se!

Capítulo Quinze

Bianca sentiu um grande vazio... não fazia parte daquele mundo. Estavam na casa do sogro há quinze dias e parecia um século. A indiferença de Leandro e a forma como a tratava diante dos outros, fazia com que se sentisse a última das pessoas. Ele estava amargo, frio e sequer lhe dirigia a palavra.

Otávio teve uma infecção urinária que se complicou por puro descuido, chegou a ser internado, mas já estava bem melhor. Parecia ter rejuvenescido com a presença da neta e fazia de tudo para que se sentisse em casa, mas a vontade de Bianca era correr daquele lugar e tentar reconstruir sua vida de alguma forma.

Márcia e Leandro passavam o dia todo fora cuidando dos negócios do pai e resolvendo todas as questões que ficaram pendentes com o afastamento de Otávio.

Ele tinha uma empresa de publicidade. Havia muitos contratos pendentes e isso só angustiava mais o marido. Ao mesmo tempo, ele ainda estava zangado com ela e isso fazia com que se sentisse muito só em Belo Horizonte. Foi até a janela do quarto que ocupava e observou o movimento na rua além do portão e da guarita.

Todo aquele fluxo de carros e de pessoas fazia com que sentisse saudades da fazenda, incrível, mas precisou estar em Belo Horizonte para perceber que já não se sentia tão atraída pelo movimento e agitação da cidade, não era nem de longe a mesma pessoa.

Sua única interrogação era aquele vazio entre ela e Leandro. Longe dele sentia frio. Longe dele seu mundo ficava sem cores.

Suspirou desanimada e pegou o telefone. Conversou por alguns minutos com a prima, Camila, e após muita insistência, decidiu se encontrar com amigos que não via já há um bom tempo.

A conselho de Otávio, ela deixou Carina sob os cuidados de Clara, uma senhora que era um doce de pessoa e uma espécie de faz-tudo naquela casa e resolveu se divertir um pouco. Eram quase umas cinco horas da tarde, quando Camila e o namorado a buscaram. Foi aos lugares que costumava ir antes de se mudar, matou a saudade dos tios, foi até o restaurante do pai e, quando voltou para casa, já passava das dez da noite.

Da escada, escutou o choro da filha e subiu os degraus apressadamente. Leandro tentava em vão acalmar o bebê e parecia bem nervoso, mas Carina só se acalmou após algum tempo no colo da mãe. Assim que mamou, adormeceu. Bianca então a colocou delicadamente no berço e, ignorando a presença do marido, foi até a cozinha beber um copo d'água. Quando voltou, ele bloqueou seu caminho.

— Posso saber onde estava?

— Não, não te interessa! — Ela tentou passar por ele, mas Leandro a segurou bruscamente. — Ei, está me machucando.

— Não me irrita, Bianca, onde estive até agora?

— Com meus amigos... mas acho que isso não é da sua conta.

— Ah, é sim, porque nossa filha estava feito louca e eu já não sabia o que fazer.

— Engraçado, em quinze dias foi a primeira vez que saí. Durante todo esse tempo nem falou comigo direito e tudo que fez foi ignorar minha presença. Por que tanto interesse agora? Ah, já sei, primeiro desconfiou que o trai com o Gustavo. Agora deve estar pensando que já arranjei outro. Sou rápida, né?

— Se eu fosse você, mediria as palavras. — Ele a soltou e foi para o quarto ao lado, mas não demorou muito para que ela o seguisse.

— Até quando vamos ficar aqui?

— Não sei...

— Como não sabe?

— Por que quer saber? Está com medo de ter de voltar pra fazenda?

— É... estou começando a acreditar que nós dois nunca vamos dar certo.

— Só percebeu agora? Olha, desde o começo eu tive certeza absoluta. Agora, se me der licença, quero dormir.

— Claro, *Shrek*, dou toda licença.

Como a situação entre os dois não melhorava, Bianca passou a evitar o marido. Quando ele chegava, saía. Às tardes saía e levava a filha com ela.

Passou um tempo com as primas e os tios.

Ignorando o que se passava entre os dois, Otávio a incentivava e dizia que era preciso fazer com que Leandro apreciasse o conforto da cidade.

No entanto, ela não se sentia nada feliz ali, sabia que Leandro estava preocupado com a fazenda, com os crimes que aconteceram por lá e também que se irritava com seus passeios. Mas como não a tratava como devia, continuava fazendo tudo para provocá-lo. O fim de semana se aproximava e a prima a convidou para ir a um casamento no sábado. Conversou com Otávio e ele lhe ofereceu o carro, pois teria que voltar mais cedo para amamentar a filha.

Fez um penteado e a maquiagem no salão. Colocou um vestido longo, preto, que contrastava com sua pele clara e que já não usava há muito tempo. Como adornos, optou por uma coleira preta de veludo como gargantilha, com um pequeno cristal no centro, e brincos também de cristal. Borrifou o *Beautiful*. Ao se olhar no espelho sorriu satisfeita com o resultado, pois nem parecia que teve um bebê.

Escolheu uma sandália dourada e soprando um beijo para o berço, onde Clara vigiava o sono de Carina, desceu as escadas confiante. Lamentou que Leandro não estivesse em casa para vê-la.

— Nossa, você está deslumbrante! — disse Otávio;

— Também não é assim...

— Meu filho é um homem de sorte. É difícil uma mulher com cabelos e olhos

como os seus.

E o gênio também, ela pensou e sorriu. Agradeceu a Otávio por tudo. Não podia negar que ele se esforçava muito para agradá-la e não fosse por sua gentileza, já não estaria mais naquela casa.

Leandro voltou para casa às nove e meia da noite. Encontrou o pai lendo um romance na sala. A casa estava muito silenciosa. Otávio o encarou preocupado. O filho estava muito triste.

— Oi, pai! Todos já foram dormir?

— Márcia sim. Clara está tomando conta de Carina. Márcia já se recolheu. E Bianca, bem, ela foi a um casamento.

Leandro não gostou nada e Otávio pôde notar. Sabia que estavam brigados e resolveu provocar, pois queria muito que os dois se acertassem. Bianca era autêntica e isso o conquistou de cara. Coisa rara naqueles dias. Tinha resposta pronta pra tudo, é verdade, mas Leandro bem que precisava de uma mulher assim.

— Sua esposa estava deslumbrante.

— Imagino.

— Ela é uma linda jovem, filho.

— Eu sei. Mas é tão complicada quanto linda.

— Qualquer casamento precisa de muita tolerância. Ainda mais quando se é tão jovem como vocês.

Leandro então se sentou no sofá ao lado do pai.

— Se pensa assim, pai, e você e a mamãe? Por que não deu certo?

— Não sei. Acho que por dois motivos: o primeiro é que ela nunca me amou. E o segundo é que nunca quis viver na cidade. Ela era como você. Mas eu a conheci aqui na cidade, ela passava férias na casa da madrinha, nos esbarramos num sarau poético e eu me encantei. Passei a visitá-la na fazenda. Seu avô gostou de mim e a incentivou. Eu realmente achei que seríamos felizes juntos, mas éramos diferentes demais. Só percebi isso quando vi a insatisfação dela com a vida em Belo Horizonte. Aí era tarde. Naquela época não era tão fácil entrar e sair de um casamento.

“Fomos discutindo muito. Arrastando uma história sem afinidade. Mas ainda tínhamos bons momentos, então ela engravidou e fomos nos aturando. Eu gostava dela, Leandro. Tanto que quis ficar com ela mesmo sabendo que pertencíamos a culturas diferentes.”

“Mas errei muito insistindo na nossa infelicidade conjugal. Juntos, nos desgastamos tanto que o amor acabou. E depois o respeito.”

“Eu ainda me sinto culpado da imensa depressão que ela experimentou nos últimos anos. Mas você sabe, eu tentei me separar. Ela não aceitou. Preferiu viver essa vida de solidão a dois. Uma vida incompleta. Não aceite isso para você, filho. Por favor. A gente

tem que estar feliz com o parceiro. Podemos ser diferentes, mas os planos para a vida a dois têm que ser em comum. Tem que ter sintonia, companheirismo, paciência, sexo e carinho. Senão não dá certo.”

Leandro notou que Otávio estava emocionado. Não podia acreditar que o pai fosse capaz de prejudicá-lo na fazenda.

— Valeu, pai. Vou comer alguma coisa agora.

— Vai sim, filho.

Bianca saiu da festa por volta de meia-noite, ainda cedo, mas estava contente em voltar para casa. Nada substituía os momentos na companhia da filha. Nunca se sentiu tão importante para alguém e sabia que seria capaz de tudo por Carina.

Riu ao se lembrar do assédio dos amigos da prima. Nenhum deles mereceu dois minutos de sua atenção. Porque por mais que Leandro a irritasse e magoasse, ainda o queria como nunca.

Entregou a chave do carro para o vigia da guarita. Era sempre ele quem guardava os carros na garagem. Carlos era um quarentão simpático, alto e forte, ex-policial, treinado para situações de risco e braço direito de Otávio.

Ficou aliviada quando entrou em casa e não ouviu a filha chorar. Sinal de que estava tudo bem. Mas assim que entrou no quarto, viu que Leandro a esperava, sentado na cama, com o bebê no colo. Fixava Carina com grande carinho, brincando com os cabelos dela. Ele pareceu analisá-la da cabeça aos pés antes de falar alguma coisa. “Th, lá vinha bomba!”, concluiu ela.

Uau!, pensou ele, ela estava de tirar o fôlego, o pai tinha razão. Aquilo foi como levar um balde de água fria na cabeça. E logo veio aquele ciúme incontrollável.

— Finalmente! Isso são horas?!

Ela não respondeu, foi ao banheiro, lavou as mãos, então voltou e pegou a filha e só se dirigiu a ele algum tempo depois, quando Carina já dormia no berço.

— Podemos conversar no quarto ao lado? — ele pediu.

Ela concordou e após ligar a babá eletrônica o seguiu.

— Não demorei quase nada na festa, cheguei até antes do que pretendia. Clara não ficou com Carina?

— Ficou até a hora que cheguei. Depois cuidei dela eu mesmo. Pedi que fosse se deitar.

— Entendi.

— Imagino o que esteve fazendo vestida dessa maneira!

— É mesmo? Quem sabe não fui procurar o que não tenho com você há muito tempo?

Ele então se ergueu num impulso e bloqueou sua passagem.

— Não me provoque, Bianca, não é me ofendendo que ganha razão. Está indo

longe demais com essa sua língua afiada e já não sei o que fazer com você.

— É?! E que direito pensa que tem pra falar assim comigo?

— Não vou admitir que me faça de palhaço na frente do meu pai!

— Engraçado, você me ignora, desconfiou que sou uma criminosa sem sequer me informar do que estava acontecendo na fazenda, faz questão de me ignorar quando estamos juntos, mas fica irritado com minhas saídas... Está morrendo de ciúmes, não é?

— Eu não tenho ciúme de ninguém!

— Não? — Ela então ergueu uma das sobrancelhas e falou bem pertinho da boca dele, sussurrando de propósito para provocá-lo. Queria agora que ele pegasse fogo. — Tem sim. Tem muito. Sabe o que não aceita, Leandro? Que você é louco por mim e não suporta a ideia de me ver com outro homem.

— Não suporto a ideia de ser traído, mas já que as coisas estão chegando a esse ponto, quero o divórcio.

— Quer mesmo? — ela perguntou sem vacilar.

Ele olhou nos olhos dela. Fixou aquela boca atrevida. O decote que mostrava o contorno dos lindos seios. Estava pegando fogo por ela.

— Não precisa responder. Eu não acredito! — Ela então colocou seus lábios sobre os dele e confessou: — Não percebe que eu nunca trairia você?

— Não?

— Não posso. Eu te amo, Leandro, te amo e não suporto mais essa distância entre nós...

— Ama mesmo? No dia do nosso casamento, você me jogou na cara que só se casou comigo porque sabia que eu tinha dinheiro.

Ela riu, os lábios bem próximos, as mãos dela enlaçando o pescoço dele:

— Falei. Mas não era verdade. Nem aquele barracão decadente foi capaz de me fazer desistir do nosso casamento. Você me irritou, me humilhou, eu precisava te machucar de algum jeito. Eu realmente me casei com você porque estava apaixonada.

— *Estava?* — Agora foi ele quem arqueou as sobrancelhas. Ela riu.

— *Estou.* Preciso de você, não vê? E mesmo depois de tudo que me fez, eu te quero tanto, mas tanto que chega a doer.

Ouvir aquela confissão, sentir o corpo dela tão próximo ao seu, o cheiro dela e o gosto da boca dela fez com que deixasse de lado suas resistências e se entregasse completamente. A puxou para o próprio corpo e a suspendeu, enquanto ela enlaçou a cintura dele com as pernas. E então a beijou e a abraçou cheio de saudade. O desejo crescia e se buscavam com urgência.

Naquele instante, estava vazio de palavras, mas cheio de atitude. Sem conseguir se segurar mais, levou-a até a cama e jogou longe o pijama que vestia. Admirou-a por alguns instantes. Ela era linda. Ao ver sua excitação, os olhos dela brilharam, Bianca não

controlava mais a vontade de recebê-lo dentro dela.

— Por favor, não me torture mais.

Ele riu quando ela o puxou e pediu que tivesse paciência. Não queria explicar, queria demonstrar o que sentia em cada gesto.

Fez questão de tirar o vestido dela lentamente. Depois brincou com a lingerie delicada. Passeou com os olhos pelo corpo feminino, antes de se ajoelhar na cama e tomar seu sexo entre os lábios. Bianca se retorceu de prazer. Mas queria mais e mais... e recebeu, até que explodiu num clímax violento. Então, ele finalmente a possuiu.

Os dois desabaram após alguns instantes, exaustos e felizes. Porque, mais do que atração e paixão, eles se amavam. E não adiantava brigar, correr, se esconder. A vida dava um jeito de jogá-los um nos braços do outro novamente. Aquilo não podia ser de mentira.

Os próximos dias foram quase uma lua de mel para os dois. Aproveitaram a boa vontade de Clara para saírem juntos, passaram um romântico fim de semana em Ouro Preto^[7], onde ficaram num chalezinho apaixonante, com vista incrível para a cidade histórica.

Durante a manhã caminharam pelas ruelas e ladeiras de mãos dadas.

Leandro e Bianca exploraram juntos as lojinhas de artesanato, construções antigas e compraram alguns bibelôs para recordar daquele passeio gostoso.

Pela primeira vez estavam namorando sem contratempos, sem exaltações.

Faziam planos juntos. Brincavam. Se amavam sem pressa, com uma deliciosa preguiça e cumplicidade.

Depois do fim de semana em Ouro Preto, Bianca levou o marido para jantar com ela no restaurante do pai algumas noites.

Leandro surpreendeu-se com o bom gosto do restaurante, com jeito de cantina italiana. As massas eram maravilhosas e os molhos um melhor do que o outro.

Pela primeira vez, eles conviviam como um casal. E aquela harmonia surpreendeu a ambos. Então, numa segunda-feira o delegado de Rurália ligou para Belo Horizonte. E a alegria de Leandro se foi com as informações, pois a notícia era bombástica. Precisava voltar urgentemente para a fazenda, mas até que tudo se resolvesse não levaria a mulher e a filha com ele. Sabia que Bianca ficaria furiosa com ele, mas não podia fazer nada.

Fabiana protestava na sala do delegado, ameaçando tudo e todos de um processo.

— Não adianta nos ameaçar, Fabiana. Você foi presa em flagrante.

— Eu só estava passeando na fazenda do meu amigo.

— Não, você estava injetando uma substância letal em um potro. Como ainda tem a cara de pau de me dizer que estava passeando?

— Este peão imundo mentiu! — disse ela encarando Chico Veio.

— Ei, moça, *num* ofende não!

— Não, ele não mentiu — assegurou o delegado. — E sabe por que, Fabiana?

Porque Leandro instalou microcâmeras nas baias. Fez isso antes de ir para Belo Horizonte. Nós chegamos a suspeitar da esposa dele.

— Foi ela! — acusou a jovem ensandecida.

— Não foi não. Sua mãe reconheceu o brinco que você perdeu. Ela, sem querer, te entregou. Foi só Dalva mostrar a joia para ela.

— Mentira! Meu pai é o prefeito deste fim de mundo. Eu exijo um advogado.

— Vai dar seu telefonema e depois espairer na cela, porque o que você fez é crime e tem que pagar por isso.

E enquanto eles a conduziam ao telefone, os olhos dela brilharam de raiva. Microcâmeras? Como ele teve coragem de fazer aquilo com ela? Se já odiava Leandro pela rejeição que sofreu um dia, agora odiava ainda mais.

Na manhã do dia seguinte, o advogado de Geraldo conseguiu o *habeas corpus* para Fabiana, já que ela era ré primária e tinha residência fixa, iria responder ao processo em liberdade.

Juninho estava saindo da escola e viu aquele rapaz diante do portão novamente. Fazia uma semana que ele ia lá, comia uma pipoca e puxava conversa com ele do lado de fora da grade da escola.

Quando Cláudia chegava para buscá-lo, fechava a cara na hora. Trocava uma ou duas palavras com ele, que rapidamente se afastava. Juninho não conseguia ouvir o que a mãe falava, mas ficava curioso.

Aquela tarde Cláudia demorou um pouco mais, porque ajudou Dalva a entregar uma encomenda de compotas. Quando chegou, Gustavo estava lá de novo. Era a quinta vez naquela semana.

— O que quer comigo e com meu menino? Não entendeu que queremos ficar longe da sua família?

— Juninho é mesmo meu filho, não é?

Os olhos dela umedeceram. Era tão difícil assim pra ele acreditar na verdade?

— Não vou mais repetir, isso me ofende, moço, me ofende muito.

— Por favor... — E aí ela viu a imensa aflição que ele tinha nos olhos. — É sim, Gustavo. É sim. Se quer saber, nunca tive outro homem. Vivi para meu menino todo esse tempo. Passei muito aperto. Precisei enfrentar falação dessa gente, nariz torcido, mas meu irmão e minha mãe, com a graça de Deus, me aceitaram mesmo de barriga e me ajudaram a criar o Juninho. Agora, se depois disso, ainda está em dúvida, por favor, se afaste de nós.

— Me perdoa, Cláudia. Eu te abandonei por covardia. Eu tive medo de te assumir, medo do meu pai, ele sempre foi prepotente, autoritário, me ameaçou de ficar sem nada.

— Eu sei. Eu vivi isso na pele.

— Pois então?

— Olha, Gustavo, nunca guardei raiva de você não, era só tristeza.

— Eu entendo. — A resposta dela doeu ainda mais.

— Se importa se eu me aproximar do Juninho?

— Mas... e seu pai? Ele *num* há de *gostá*, e aí vai acabar comigo.

— Não vou deixar que faça nada com você e com o meu filho. Te dou minha palavra.

Geraldo estava sendo investigado por crime de responsabilidade. Por mais que ele e o assessor tivessem escapado das mãos da justiça muitas vezes, silenciando e comprando testemunhas e apagando todos os rastros possíveis, acabaram deixando o rabo de fora em uma das negociatas ilícitas. E num único deslize, o Ministério Público, que já estava de olho, conseguiu denunciá-lo. É o que acontece cedo ou tarde. O pai, sempre tão mandão e autoritário, e infelizmente desonesto, talvez aprendesse algo com tudo que estava passando.

— Vou pensar, Gustavo.

— Tá, amanhã eu te encontro aqui no mesmo horário.

Ela queria dizer que não. Mas ele atravessou a rua e entrou no carro sem olhar para trás. Então ela viu o filho com as mãos na grade da escola. Ele os observava com interesse. Precisava conversar com ele.

— Mãe, o moço *tava* aqui de novo.

— Eu sei, filho, eu vi.

— *Cê* falou com ele. Acha que ele é gente boa?

— É sim, Juninho. É sim.

— Será que ele *qué* *namorá c'ocê*?

Cláudia riu, o rosto ficando vermelho, por causa da observação do filho. Como ele era esperto.

— *Qué nada, fio*. O que ele falou comigo é que queria ter um filho que nem *ocê*.

— Ah, se ele *fô* boa pessoa, aí eu também ia *gostá* de *tê* um pai. Porque a verdade, né, mãe, é que toda criança merece um pai. Minha professora disse isso outro dia e eu concordei muito com ela.

Daquela vez Cláudia se emocionou.

— Tá certo. Você sente falta de um pai, Juninho?

— Sinto sim. Porque meus *colega* tudo sai com o pai pra *montá*, *pescá*, *jogá* bola. Eu não. Olha, mãe, se o moço aí quiser *casá c'ocê* ele vira meu pai?

— Ih, *minino*. Pensa isso não.

— A Bia gosta da mãe dele. *Tô* com saudade da Bia e da nenê. Quando elas voltam?

— Seu Leandro ligou e disse que chega amanhã. Quem sabe elas vêm também?

— Tomara. — Cláudia pegou a mochila do filho e ajeitou na charrete. — O Vilão também tá com muita *sardade*.

— Eu sei, meu amor, eu sei.

Na manhã seguinte, para surpresa dos cidadãos de Rurália e alívio daqueles que sofreram mandos e desmandos por parte do poder executivo local, o jornal do estado de Minas Gerais trazia a seguinte manchete:

17/05/2005

JUSTIÇA ACUSA PREFEITO DE RURÁLIA POR CRIME DE RESPONSABILIDADE

O Tribunal pode entender que o prefeito contratou serviço de forma irregular, mas a defesa alega que não existem provas que comprovem a fraude.

As Câmaras Criminais Reunidas do Tribunal de Justiça de Minas Gerais podem condenar o prefeito de Rurália, Geraldo Vieira Velasquez, a dois anos e quatro meses de prisão pelo crime de responsabilidade. O prefeito foi denunciado pelo Ministério Público por despesas não autorizadas, desobedecendo as leis que determinam a concorrência e a coletas de preços para a compra de bens, serviços e obras, razão pela qual a instituição pediu seu afastamento. Uma das testemunhas é a secretária e amante do político.

Geraldo acordou cedo e após se trocar desceu para tomar café da manhã. Quase não dormiu. A conversa com o assessor na véspera indicava que precisavam se preparar para o pior a qualquer momento. E assim que pegou o jornal do dia, viu que era tarde demais. Puxou a toalha da mesa e jogou tudo que estava na mesa no chão, sob o olhar assustado da empregada e da esposa.

— Inferno! — blasfemou.

Ligou então para seu assessor e cúmplice, Adrião Magela, e pediu que providenciasse o jatinho particular para o final daquela manhã. O assessor, conforme acordado na véspera, fugiria com ele.

Magela então ligou para o piloto e pediu que estivesse no campo da fazenda em duas horas, no máximo.

— Mas, Sr. Adrião, ainda estão revisando o motor. Essa revisão já estava agendada há dias.

— E por que não fez antes? Ora essa! Se vira para agilizar isso aí. Eu estou te ligando cedo. Dá para fazer muita coisa em duas horas. Se vira. Se não chegar lá em duas horas considere-se demitido.

Sem outra saída e precisando muito do emprego, o rapaz mandou suspender a revisão.

Geraldo se apavorou. Precisava sair de Rurália antes que a cidade inteira se inteirasse dos fatos e viesse atrás dele, porque conhecendo aquele bando de ignorantes imundos, sabia muito bem o que o esperava, agora que o escândalo dos desvios estava público.

Olhou para Mirtes enjoado e disse:

— Leia o jornal. Talvez se sinta melhor ao saber que graças a essa notícia o seu luxo acabou.

Mirtes pegou o jornal no chão e o encarou horrorizada após ler a manchete.

— Geraldo! Você teve coragem de fazer isso?!

— O que você acha, Mirtes? Quer saber, ache o que quiser. Não suporto mais olhar pra essa sua cara feia. Continue calada e sendo o nada que você sempre foi.

Os olhos dela se inundaram de lágrimas enquanto ele subia para se trocar. Estava cansada de tantas ofensas. Mesmo assim, nunca foi capaz de retribuir nenhuma. Foram anos de solidão e humilhações ao lado dele. Casou-se com ele por imposição do pai. De moço, Geraldo era charmoso e esperto. Trabalhava no escritório de advocacia do tio. Logo percebeu que o pai dela, um médico renomado, era um homem rico, mas muito simples e de boa fé, que confiava em todos à primeira vista. Em pouco tempo passou a frequentar sua casa na companhia dos primos e acabou firmando compromisso com ela, a única filha. Ele fingiu ser educado, gentil e apaixonado. Mas depois do casamento, só decepção. Já na lua de mel foi bruto com ela e a tratou como um objeto sem valor. Sempre dizia que era feia, desinteressante, que na cama era como uma tábua. Mas nunca lhe deu um pingo de carinho. Ela não teve coragem de contar para os pais a tristeza que era seu relacionamento. Foi levando. Logo ela que quando moça era uma campeã de equitação e sonhava com uma vida tão diferente... Depois do segundo filho Geraldo nunca mais a tocou, alegando que seu corpo estava estragado. Mas ela não se importou. Foi um alívio. Viveu como uma sombra dele durante todos aqueles anos, pois foi ele quem administrou toda a herança dela. A única alegria que teve com ele foi o Haras da Fazenda Pedra Bonita.

Fabiana que a tudo ouviu e leu a manchete na internet, correu para falar com o pai. Geraldo jogava algumas coisas às pressas na mala. Esvaziou o cofre e colocou tudo na bolsa de mão. Depois a encarou.

— O que quer, filha?

— Pai, por favor, me leve com você.

— Não posso, querida.

— Pode sim — ela implorou que a levasse com ele. A polícia estava na cola dela com o caso dos envenenamentos e agora, com aquele escândalo na família, ela corria o risco de ser presa.

O pai pensou. Dos filhos, só gostava mesmo de Fabiana. Voluntariosa, determinada e inescrupulosa, ela era seu orgulho.

— Está bem, filha, se arrume depressa. Você é muito jovem e linda para se perder nesta cidadezinha ridícula. Quero chegar ao Peru ainda hoje e de lá vamos para Mônaco.

Ele já tinha muito dinheiro, mais do que precisava para aquela vida. Além de desviar verbas dos cofres públicos, era rico de herança de família e ganhou muito com os cavalos do haras.

Podia começar de novo em qualquer outro lugar. E o bom era se livrar do fardo de

ter uma mulher insossa como Mirtes, cheia de regras de conduta e moral.

Mirtes viu a filha seguir o pai naquela fuga estúpida e sem nada poder fazer. Não tinha coragem de ligar para a polícia, isso não tinha. Fosse como fosse, eram sua família. Gustavo não estava em casa. Tentou impedir Fabiana, porque queria que ela assumisse o que fez com o amigo e pagasse pelo que fez, mas a filha era osso duro de roer.

Já no campo de pouso da fazenda, ao lado do assessor e da filha, Geraldo ligou para o piloto e discutiu:

— Ande logo, seu incompetente, cadê você? Está me atrasando!

— Sinto muito, mas já estou a caminho, seu Geraldo. Vou entrar no jatinho agora.

— Acho bom mesmo.

Geraldo riscava o chão de um lado para o outro, enquanto a filha se queixava por ter esquecido suas joias e as bolsas de grife em casa.

— Não fique assim, minha filha. Assim que estivermos em Mônaco te dou bolsas e joias novas.

— Promete, pai?

— Claro, querida.

Ela sorriu. Mimada, ia aos céus quando suas vontades eram atendidas. Mas a viagem durava poucos instantes e ela logo encontrava um motivo de insatisfação.

E quinze minutos depois o piloto cumpriu o prometido, mas naquela mesma tarde a fuga de Geraldo, Adrião e Fabiana teria um destino bem diferente do que esperavam, porque o jatinho apresentou um defeito e o piloto não conseguiu fazer nada para evitar o acidente. Morreram todos. E foi com muita dor e tristeza que Mirtes recebeu a notícia.

Uma vez na delegacia de Rurália, encarando Antônio, Leandro não podia acreditar no que ouviu. A viagem atrasou porque ficou preso num trânsito daqueles na capital e acabou chegando por volta das duas da tarde.

— Como Fabiana teve coragem? Custa a crer. Tem certeza, Antônio?

— Pode ver você mesmo. — E pediu a um policial que lhe mostrasse as imagens.

Ele ficou boquiaberto. E olha que pensava que Bianca era uma peste, mas perto da filha de Mirtes ela era quase uma santa. Bem, nem tanto. E riu aliviado, porque a verdade é que chegou a pensar mal da esposa e até do pai.

Bianca acordou mais tarde do que de costume e lamentou a ausência de Leandro ao seu lado. Correu então para ver a filha, mas ela estava com Clara e já tinha tomado uma mamadeira de leite.

Desceu então para o café da manhã. Contudo, sentiu um misto de raiva e indignação, quando Otávio lhe contou que o filho partiu ainda bem cedo para a fazenda.

— Ele teve coragem de ir para a fazenda sem nos levar?

— Precisou ir às pressas. Não entendi direito.

Mais tarde ela leu o jornal e não pôde esconder um sorriso. Ora, ora, saber que Geraldo fora desmascarado era uma alegria. Lamentava por Mirtes, mas vibrava por Rurália. Nenhuma cidade merece um político inescrupuloso e corrupto, um representante mal-intencionado egoísta. Agora entendia que votar não é apenas ir até a urna cumprir um dever cívico, mas, acima de tudo, uma responsabilidade. Como cidadãos, precisamos nos informar muito bem sobre quem está se elegendo. Só de olhar a forma como Geraldo lidava com a família, era fácil entender que ele nunca se preocuparia com ninguém além dele mesmo.

Bianca esperou que o marido voltasse em dois dias, mas como ele não veio e nem atendeu aos seus telefonemas, arrumou suas coisas e as da filha e, após comunicar sua decisão para Márcia e Otávio, decidiu voltar pra casa. Márcia decidiu acompanhá-la.

Quando Bianca se despediu do sogro, a decepção dele era evidente:

— Pensei que você faria meu filho voltar pra mim...

— Não posso, Otávio, a felicidade dele está naquele lugar e a minha está com ele. Sinceramente, eu já não me vejo morando aqui para sempre. Sinto falta do cheiro de mato, da tranquilidade em caminhar sem ninguém querendo passar por cima de mim. Não sei se me entende, mas um dia eu pensei que só seria feliz voltando pra cá e, de repente, cheguei à conclusão de que não sou a mesma pessoa. Não quero minha filha crescendo aqui. Acho que ela pode levar uma vida melhor comendo alimentos orgânicos, se relacionando com pessoas amigas, mais simples e solidárias. Tente ficar mais tempo lá conosco. Será muito bem-vindo. — Ela piscou e o beijou no rosto. Otávio sorriu. Gostava da nora, gostava muito. Bianca era jovem ainda, mas tinha energia e muita força de caráter. Tentaria visitá-los com mais frequência, porque estava completamente encantado pela netinha.

Assim que estacionaram diante da casa do sítio, Márcia e Bianca respiraram aliviadas. A menina tinha chorado grande parte do caminho, passou mal e as fez entender que um bebê mudava tudo na vida de uma pessoa. Sem dúvida, aquela tinha sido a viagem mais cansativa de sua vida e foi grande sua alegria quando a porta se abriu e Paulo e Maria correram até a varanda.

Osório se achegou e se ofereceu para descarregar suas bagagens. Bianca agradeceu.

— Filha, que bom te ver! — disse Maria, se aproximando do carro.

— Vim conversar com vocês, mãe...

Enquanto eles matavam a saudade da neta, ela contou tudo o que se passou e comunicou que finalmente estava certa quanto ao que faria da vida. Paulo e Maria pareciam aliviados com a serenidade da filha e agradeciam a Deus a mudança que se processou em Bianca.

— Não posso dizer que não sou a mesma pessoa e minha língua continua afiada, mas me arrependo de muitas coisas que fiz, principalmente com vocês.

Eles almoçaram juntos e já era quase duas horas da tarde quando ela e Márcia se aprontaram para ir embora.

A mãe então a chamou para uma conversa em particular.

— Bianca, antes que se vá quero falar com você.

— O que foi, mãe?

— Primeiro quero e preciso dizer que estou orgulhosa de você. Provou ter mais coragem e mais determinação do que eu pensava. Nada alegra mais uma mãe do que se surpreender positivamente com um filho. Depois, quero pedir desculpas por todo o carinho que sempre te neguei. Eu reconheço a mãe distante e omissa que fui. Levei dezenove anos para falar isso. Então, entenda que não é fácil.

Os olhos de ambas se encheram de água. Bianca sentiu os lábios trêmulos. Então, Maria continuou:

— Eu sempre me senti culpada por todo afeto que te neguei. Sei que ninguém dá o que não pode dar e o que não tem, aprendi isso nos estudos da espiritualidade, sabe que gosto de ler a respeito, porque acredito na vida após a morte, mas mesmo assim eu sabia o quanto estava errando como mãe. Eu me senti tão ferida pelo seu pai biológico que transferi toda mágoa para você mesmo sem me dar conta do que fazia. Era tão parecida com ele, sempre tão atrevida, esse sentimento, essa associação foi se solidificando em mim. Por isso, muitas vezes fui omissa e seca. E acabei barganhando minha tranquilidade com uma criança que não tinha culpa de nada.

— Sim, mãe. Se eu chorava, você tentava comprar meu silêncio me oferecendo uma boneca, um doce, um passeio. As babás faziam a mesma coisa.

Maria encarou o chão. Era duro reconhecer seus erros.

— Quero que saiba que me envergonho do que fiz e que se pudesse voltar atrás faria tudo diferente, mas não posso.

Bianca então segurou em suas mãos. A mãe chorava, sensibilizou-se porque sabia que lhe custava muito se abrir. Então disse:

— Pode, sim, fazer algo por mim.

— O que, filha?

— Eu quero um abraço de mãe.

Ambas estavam chorosas e emocionadas. Eram anos de uma espécie de rejeição da qual Maria custou a se libertar. E, pela primeira vez, ela abraçou a filha sem aquela dor. Abraçou de verdade e apertado. Estava toneladas mais leve... Não podia apagar o passado, mas como se diz por aí, não importa as páginas rasgadas da nossa vida, rasuradas, rabiscadas ou os erros cometidos, o que importa são aquelas páginas que ainda podemos escrever. E ela podia ser uma ótima avó para Carina e uma mãe melhor para esta nova Bianca. Ajudá-la a se realizar como a profissional que podia ser, porque é certo que ela voltaria a estudar.

Então elas se despediram.

Depois Bianca beijou a irmã no rosto e segurou o pai pelos ombros.

— Senhor Paulo, preciso te contar que sou uma pessoa de sorte, não haveria um

avô melhor para minha filha! Eu te amo, pai, e não se esqueça disso, mesmo quando eu estiver de ovo virado e disser alguma tolice. — Paulo se emocionou e a beijou carinhosamente. E sorriu. Sim, Bianca tinha gênio forte e isso não ia mudar. Ainda bem. Porque aquela energia intensa e aquele olhar desafiador eram seus maiores trunfos na vida.

Bianca entrou no carro da cunhada com a filha. Márcia pediu que colocasse o cinto. Ligou o rádio e tocava a canção “Preciso de um tempo”, de Zezé Di Camargo & Luciano. Bianca ia mudar, mas Márcia não deixou. Com aquela canção, ela se lembrava de Marcos. Da mesma forma, Bianca pensou em Leandro. Estava ansiosa para vê-lo e falar tudo que precisava ser dito, como também emocionada com tudo que ouviu da mãe.

O entardecer cobria o céu da Fazenda do Laço quando o Audi A3 de Márcia cortou a estrada de terra que levava até a sede.

Cláudia veio recebê-las animada, com Juninho ao seu lado e Vilão. Mas foi grande a decepção das jovens quando ela contou que Leandro voltou para a cidade naquela manhã.

— Não acredito — decepcionou-se Bianca. —, você só pode estar brincando comigo!

— Parece que os dois se desconstruíram...

Bianca entregou a filha aos cuidados de Cláudia e Dalva que estavam na casa e seguiu para o chuveiro. Márcia fez a mesma coisa.

Quando chegou até a sala, Dalva dava a janta para Carina enquanto Juninho brincava com a bebê.

Agradeceu a Deus por tê-los lá e foi se alimentar também. Cláudia informou que Márcia tinha jantado e saído para passear. Mas ela sabia muito bem aonde a cunhada queria chegar.

Otávio que aguardasse. Mal sabia ele que os dois filhos estavam prestes a ser arrebatados pela vida do campo.

Sorriu com malícia.

Era inevitável.

Mas uma malícia sem maldade. É que sem sal e pimenta a vida fica sem graça demais.

Ouviu então Cláudia cantarolar enquanto lhe servia o jantar.

— Hum... tem coisa aí.

— O que disse?

— Você está cantando. Pode me contar. O que foi que aconteceu?

E Cláudia a encarou.

— Nossa Senhora, gente, mas *ocê* parece *inté* uma bruxa.

— Talvez eu seja mesmo uma bruxa. — E riu gostosamente. — Fala sério, Cláudia, me conta a novidade.

— Muitas coisas aconteceram por aqui. Mas seu Leandro quer te contar, então prefiro me calar.

— Se for sobre sua vida, ele não vai se importar.

— Tá bom.

— Pois se sente aqui comigo!

— Eu?

— É claro, mulher. E fale logo.

— Gustavo me procurou. Pediu perdão e tudo. No começo, eu não queria conversa. Mas todo dia ele ficava esperando o Juninho lá na escola. E então...

— E então? — interrompeu Bianca impaciente. — Conte, conte!

— Eu decidi dar uma chance pra ele se aproximar do Juninho. Mas ele acabou me roubando um beijo e me pediu em namoro. Daí ficou de vir em casa por esses dias e falar com a mãe e o Marcos. E mais, ele quer contar para o Juninho que é pai dele e registrar o filho.

Cláudia estava tão feliz que se emocionou. E Bianca a abraçou. Ia perder seu braço direito, mas era por um motivo que a deixava imensamente feliz. E o melhor é que tinha uma pitada de participação naquele reencontro, ah se tinha.

A noite pareceu se arrastar lentamente, definitivamente, aquele tinha sido um dia extremamente cansativo e frustrante. Custou a dormir e teve um sono agitado. O sol já ia alto no céu quando acordou e foi grande sua surpresa ao se deparar com Leandro observando a filha no berço.

— Uai, não pensei que fosse voltar hoje.

Ele permaneceu em silêncio e se afastou do berço. Então pediu a ela que o acompanhasse até o quarto ao lado para conversarem.

Bianca ligou a babá eletrônica e já no outro quarto, ele a encarou em pé ao lado da cama. Ela estava de frente para ele e os dois falaram ao mesmo tempo:

— Por que veio pra cá sozinha?

— Por que me deixou daquele jeito?

Ele respondeu primeiro:

— Não achei certo obrigar você a voltar comigo.

— Até parece que alguém me obriga a alguma coisa...

— Você me entendeu, Bianca! O delegado me ligou e tive que voltar correndo. Descobrimos quem estava por trás dos envenenamentos e os outros incidentes

— E quem era? Já sei, o Geraldo!

— Não. A filha dele.

— A Fabiana?

— Sim.

— Por que ela fez isso?

— Não quis te contar, mas eu tive um envolvimento com ela antes de te conhecer. Nada sério. Só uns encontros e uns beijos, mas ela queria compromisso e na época eu fugia disso como quê! Ela nunca aceitou minha rejeição. Mas eu não imaginava que tinha tanta raiva de mim. Acho que quando ela voltou da viagem que fez com a mãe e me encontrou casado, decidiu se vingar. Mirtes me falou ontem que ela nunca aceitou um fora sem dar o troco.

— Meu Deus! E ela foi presa?

— Foi, mas foi solta em seguida. O advogado do pai a colocou em liberdade. Com o escândalo que se abateu sobre Geraldo, meu pai disse que você leu o jornal. — Ela assentiu. — Pois é, ele tentou fugir e levou Fabiana com ele. Tragicamente o jatinho deles caiu. Isso faz dois dias. Estão mortos, Bia. Mirtes está em luto e muito triste.

Bianca se sentou na cama pálida. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Pobre Mirtes, além de o marido ser um corrupto, além de ter sofrido na mão dele a vida inteira, a filha ainda morria daquele jeito e após cometer vários delitos.

— Estou pasma. É uma boa hora para pensar que “aqui se faz e aqui se paga”.

— Sim.

— Preciso ir ao banheiro e depois tomar café. Fiquei até fraca com tanta informação.

— Eu também estou com fome.

Bianca tomou uma chuveirada rápida e escovou os dentes. Depois penteou os cabelos e os prendeu num rabo de cavalo. Escolheu um short jeans e uma *baby look* lilás. Calçou os chinelos e correu para a cozinha. Quando chegou lá, Cláudia já tinha posto a mesa e Leandro comia uma fruta. Havia bolo, broa, frutas diversas, suco de laranja, de melancia e pão de queijo quentinho saído do forno.

Bianca comeu um pouquinho de tudo. Perguntou da cunhada, mas Cláudia disse que ela ainda estava dormindo.

Leandro também se alimentou bem, o tempo todo seu olhar acompanhava os gestos da esposa. Estava com fome ainda, mas era uma fome diferente...

Quando Bianca se levantou, ele pediu para Cláudia que cuidasse de Carina, pois ele ainda precisava conversar com a esposa. Cláudia assentiu.

— Vem comigo? — ele pediu e estendeu a mão para Bianca, que o acompanhou sem resistência.

Eles voltaram para o quarto e ele a puxou para ele e a beijou de forma ousada, as mãos já desabotoando seu sutiã.

Ela então o empurrou. Ele a encarou, surpreso.

— Ei! Não é assim que acontece.

— Ah não?

— Hum-hum... — E ela riu enquanto segurava a gola da camisa dele com as duas mãos. — É o seguinte: primeiro você me pede desculpas porque me deixou em Belo Horizonte sem me contar o que estava acontecendo, afinal, eu que já fui até suspeita, tinha o direito de saber.

— Esquece aquilo. O delegado só fez o trabalho dele, mas como é meu amigo confessou que está até constrangido de vir aqui.

— Problema dele.

— Bia!

— E não tente mudar de assunto chamando minha atenção. Estou esperando um pedido de desculpas.

— Desculpa então... — ele respondeu humildemente, mas com uma das sobrancelhas arqueadas, esperando para ver onde Bianca queria chegar.

— Se eu fosse escrever um manual de comportamento amoroso para os homens, uma das regras seria:

✓ Proibido deixar sua mulher acordar sozinha após uma linda noite de amor;

✓ Proibido sair sem dar explicações.

— Porque, marido, essas atitudes são frustrantes. Concorda?

— Tenho outra opção?

— Não mesmo.

Leandro riu, não tinha como não rir. Bianca escrevendo um manual de comportamento para os homens? Deus me livre! Ela ia deixar todos os habitantes de Rurália de cabelo em pé.

— E por que tudo isso?

— Quem foi que te disse que eu queria ficar na cidade?

— Ninguém, mas sempre deixou claro que este aqui não é o seu lugar, então pensei que...

— Pois pensou errado!

— Pensei? — Agora ele ficou surpreso de verdade.

Ela balançou a cabeça afirmando. Então ele a puxou para ele, que se jogou em seus braços cheia de alegria.

— Quase enlouqueci de saudades, seu bobo. Não pense que vai se ver livre de mim assim tão fácil, entendeu? Eu nem sei como isso aconteceu comigo, mas aprendi a amar este lugar.

— Pode me explicar?

— Não, mas já não sou a mesma pessoa. Senti falta da fazenda, dos meus passeios, da tranquilidade que temos aqui.

— Não acredito... você saía todos os dias e parecia estar muito feliz.

— Quis te provocar, quebrar a barreira que ergueu entre nós. Leandro, você precisa entender que eu sou como sou e apesar de ter repensado algumas de minhas atitudes, não posso fugir da minha natureza.

— Ah, isso já aprendi e sei que algum dia você me enlouquece... — Ela fingiu falsa indignação e ambos sorriram, mas a expressão dele novamente se fechou: — E os seus estudos?

— Posso estudar aqui mesmo, como a Bruna. Estou decidida a fazer isso, assim que nossa filha estiver um pouco maior. Aliás, já sei o que vou cursar...

— Nem imagino, mas você deveria pensar em entrar para o exército, daria um ótimo general.

— Muito engraçado, tão engraçado que vou fingir que nem escutei. Vou fazer Agronomia, assim posso ajudar você com suas plantações.

— Você, uma agrônoma?

— E por que não?

— Não posso acreditar...

— Sabe muito bem o quanto sou persistente.

— Sei, sei sim e este é o meu maior medo. E os desenhos?

— Vou continuar os desenhos. Você instala um computador só para os meus rabiscos e eu faço meus cursos pela internet. Já sei que a banda larga chegou à região.

— Tudo bem, esposa. Sabe, num ponto está completamente certa...

— Qual?

— Eu não sei viver sem você. E preciso dizer algo que nunca te disse.

O coração dela se agitou. Será? E então ele falou:

— Eu te amo.

— Repete.

— Eu te amooooo!

Bianca o derrubou na cama e o cobriu de beijos. Esperou tanto para ouvir aquilo e, de repente, seus sonhos se realizavam. Porque, por mais que tivesse tido desencontros, ela era completamente apaixonada por aquele homem. E isso aconteceu desde o dia em que ele a derrubou no estábulo e a olhou com aqueles olhos pretos lindos.

Márcia entreabriu a porta e ao ver que os dois estavam na cama e se beijavam apaixonadamente, sorriu satisfeita e se afastou antes que visse o que não devia.

Bianca ainda não sabia, mas Otávio ligou e informou que decidiu passar uns dias

na fazenda. Chegaria ao final de semana. Estava mais do que na hora do pai aceitar a vida que o filho escolheu e a que ela, também, pretendia abraçar. Com a doença ele descobriu que a empresa podia sobreviver sem que se matasse em sua dedicação a ela.

Márcia deixou a casa com uma expressão sonhadora e após caminhar por algum tempo, deparou-se com Marcos que treinava um dos cavalos de Leandro. O sorriso dele foi se abrindo à medida que ela se aproximava, mas fechou a cara para ele. Na noite anterior, ele a beijou e confessou que a queria, mas logo se arrependeu e recuou, deixando-a sozinha no caramanchão.

Não pôde acreditar. Estava farta de ser boa demais para ele. Estava cheia de ele não ser o homem certo para ela. Quem disse?!

Então chorou de frustração enquanto ele se afastava. Depois, mais calma, resolveu que não ia desistir. E ao olhar para ele naquele momento, não teve nenhuma dúvida do que sentia e do que queria. Mas agora era ela quem se tornaria impossível. Assim, talvez, ele se decidisse de uma vez. Mas ali já começava uma outra história. ;)

Epílogo

Bianca olhou a mesa de jantar orgulhosa. A impecável toalha de linho branco fora composta com a porcelana floral que pertenceu à avó de Leandro e os copos de cristal que ganhou de Otávio naquela manhã.

Comprou o faqueiro em Belo Horizonte. A mesa estava repleta de quitutes.

As duas novas funcionárias da casa, Ana e Mariana, filhas de Chico *Veio*, trouxeram o bolo de casamento de amora mais do que cheiroso para compor o centro.

No topo estavam ela, Leandro, Vilão, Carina, Stallone e Lua. Todos em uma miniatura quase perfeita que ela mandou fazer em Belo Horizonte. Mais adiante, uma plaquinha cor de marfim em miniatura onde estava escrito *Fazenda do Laço* em alto relevo. Sob o nome havia uma garrafa de cachaça e alguns grãos de café.

A casa estava toda enfeitada aquela noite, com lindos arranjos de flores. Era um dia especial. Fazia três anos que estava casada com Leandro.

Havia cantoria no terreiro, Chico *Veio* tocava acordeão e se revelou um verdadeiro artista. Alguns peões que tocavam na cidade cantavam modas sertanejas.

Bianca sorriu feliz. Os pais brincavam com Carina e Juninho.

Bruna conversava com Cláudia, Gustavo, Márcia e Marcos. Aos poucos, os casais venciam as dificuldades e se acertavam. Tanto a cunhada e o administrador, como os pais do menino que ela adorava.

Vilão corria pela sala como se estivesse em comemoração também.

Acomodados no sofá, Mirtes e Otávio empreendiam uma longa e entusiasmada conversa. Havia se passado seis meses do triste acidente com o jatinho e Mirtes se sentia mais conformada. Notou que os dois estavam cada vez mais entrosados. Era uma mulher loira, de cabelos lisos e curtos acima do ombro. Baixinha, Mirtes não era gorda nem magra, tinha um corpo bonito para a idade e pelo rosto aparentava ser bem mais jovem do que seus quarenta e cinco anos. Otávio era um cinquentão grisalho, de olhos pretos como Leandro, com os cabelos lisos franjados e corpo em forma. Um pouco mais baixo do que o filho tinha um lindo sorriso. Os dois sofreram em seus casamentos, mas ainda estavam em tempo de viver um grande amor, apesar das dores e do passado. E ela fazia questão de ajudá-los.

Cláudia e Gustavo estavam namorando e Juninho não cabia em si de felicidade, pois tudo que sempre sonhou se realizou: encontrar o pai. Falante, desenhava cada vez melhor e ao lado de Vilão tornava suas tardes e as de Carina uma alegria. Faziam piquenique, guloseimas, teatro de fantoches, enfim, aprontavam todas.

Paulo e Maria também estavam mais presentes para a neta. E ela já estudava todas as manhãs para o vestibular.

Então, naquela noite, enquanto todos se sentavam ao redor da mesa para comemorar seus três anos de casamento, Leandro a chamou diante de todos:

— Tenho uma surpresa para você, amor.

— Tem?

— Claro, né, Bianca? Se estou falando...

— Mas até para me surpreender precisa me alfinetar?

— Deixa de coisa, mulher! Vai gostar de uma resposta, gente! — E todos riram.

— Vem comigo logo. — E a puxou pela mão, falando para os presentes: — Podem vir, se quiserem. — E, curiosos, todos os seguiram.

Ela esperou por aquilo o dia todo, mas agora estava com um frio na barriga. Algo que mesclava ansiedade, excitação e curiosidade. Sentiu-se novamente uma criança.

Pararam diante de um quarto cuja vista dava para o caramanchão. Ela conhecia aquele quarto. Era usado como um depósito, porque ficava perto da cozinha. Uma enorme interrogação surgiu dentro dela. Então, Leandro falou para todos que os seguiam no corredor:

— Pessoal, para quem ainda não sabe, Bianca é uma ótima desenhista.

— Eu sei, eu sei! — gritou Juninho. — É verdade! A Bia já me ensinou a fazer desenhos muitoooo legais! — O menino despertou várias gargalhadas.

— Pois é, Juninho. Para surpreender minha esposa eu transformei este quartinho que era usado como depósito de produtos de limpeza em um estúdio, que foi um pedido que ela me fez uma certa noite. — E ele piscou para ela, lembrando-se de tudo que falaram e viveram naquele momento.

Bianca sorriu, compartilhando de suas lembranças. Ele colocou a mão no bolso e puxou um saquinho de veludo vermelho. De dentro retirou uma linda chave de ouro, em formato de coração, com três rubis no contorno, e entregou para ela pedindo que abrisse a porta.

Bianca chorou de alegria ao segurar aquela chave. Aquilo era mais que uma joia, mais que um símbolo. Não esperava por aquilo.

Ao entrar, que sonho! Viu não só lápis de cores, kits para aquarela, blocos de papel cartão, e uma infinidade de outros materiais para artes e desenho caprichosamente organizados, como um computador novinho com um monitor de 21' polegadas, impressora com vários recursos e o telefone. Havia ao lado uma estante só para livros, com alguns mangás que ela adorava. E na parede, de frente para a qual havia um confortável e colorido sofá, estava o mangá que ela desenhou em 2004, digitalizado, emoldurado e ampliado, onde todos podiam admirar o primeiro beijo que ela e Leandro trocaram no sítio.

— Que lindo, amor! Obrigada! Obrigada! — O abraçou soltando gritinhos de felicidade. Aquilo sim era mais do que uma declaração de amor, mais que um presente, era o amor ilustrado. Concretizado.

E reviveu o dia que chegou a Rurália. Emburrada e torcendo o nariz feito uma criança mimada. Reclamou demais quando os pais se mudaram para o sítio. Reclamou por dias e dias. Chorou noites e noites. Até que esbarrou em Leandro e ele a derrubou

literalmente no chão. Foi aí que o destino entrou em cena e tudo mudou.

Bianca abraçou o marido e o beijou carinhosamente. Embora tivesse vontade de derrubá-lo no chão e cobri-lo todo de beijos procurou se conter.

Lembrou que foi isso que fez naquela manhã. O presente dela para ele tinha sido um potrinho de um puro-sangue premiado que comprou de Mirtes. Fez um lacinho em volta do bichinho e com a ajuda de Marcos, o entregou para ele no caramanchão. Foi a forma que encontrou para dizer que o apoiava no sonho de ter um haras, que apostava nos planos e no talento dele para lidar com aqueles lindos animais. Leandro amou.

Bianca acreditava que paixão e vontade juntas são imbatíveis. Então, quando os olhos deles ficaram cheios de água ao vê-la puxando o animalzinho pelo cabresto, disse para ele, diante do potrinho, que o coração dela era dele.

E era verdade. Sem mentiras, sem fingimento, sem as explosões do gênio indomável.

Bianca voltou ao presente. Encarou o marido diante de todos e disse:

— Ainda não sei como fez isso, Leandro, três anos atrás eu nem tinha ideia do quanto minha vida ia mudar. Do quanto o nível dos meus pensamentos se transformaria. Depois de você eu me tornei outra pessoa. E tudo o que eu queria antes já não fazia nenhum sentido.

— Isso aconteceu comigo também — disse ele, mergulhando no brilho dos olhos azuis. Então, Bianca pegou a mão dele.

— Obrigada por me ensinar a amar, mas, acima de tudo, obrigada por ser meu amor.

Leandro a puxou, abraçou erguendo-a do chão. E disse bem sério:

— Não tem que agradecer, amor, só tem que ser você. Minha linda fera!

— Hum... fera, é? Ainda não viu nada.

Todos riram. Bianca então perguntou:

— Mas sendo eu uma fera, não te dou muito trabalho?

Leandro a encarou. Se antes tinha dúvidas, agora não tinha nenhuma. Nada é perfeito, sabia. E certas vezes ainda eram como cães e gatos. Mas isso temperava a vida deles. Gostava de ver aqueles olhos azuis faiscando. E nas rugas deles a reconciliação era sempre deliciosa.

E respondeu:

— Que dá, dá. Mas minha vida só tem sentido com essa língua afiada do meu lado. Mas tenho um bom uso pra ela. — Então, a beijou. E todos aplaudiram e logo se retiraram um a um, deixando o casal a sós. Porque, de repente, o espaço ali estava pequeno demais.

Bianca sentiu-se muito especial e privilegiada.

Conhecer o amor na intensidade que conhecia, a fazia melhor, mais forte. Com Leandro e Carina a seu lado tinha um lugar no mundo e seguia cheia de planos e

expectativas.

Entendeu naquele pequeno e raro instante, como são os melhores instantes da existência, que a felicidade era tanta que sentiu como se seus desenhos saíssem do papel. Claro, era muito jovem ainda, ansiosa, impulsiva, às vezes insegura e até voluntariosa, mas por tudo que passou para chegar até ali, entendeu que a vida sempre vale a pena. E que se a mudança nos chacoalha, se experimentamos decepções, contrariedades e até dores, é porque Deus tem algo maior a nos ensinar, a nos revelar, antes e depois de cada tempo que usufruímos do prazer e de alegria.

Nenhuma decisão é fácil, nenhuma escolha traz um certificado de garantia de sucesso e por mais que tudo pareça difícil e sem saída num certo momento, há sempre *um motivo pra sorrir*.



Não perca também:



Mais que uma escolha

Uma história de desencontros, suspense e paixão.

Um envolvimento entre Sara, a filha do fazendeiro, e Caio, o jovem administrador da Fazenda Fivela de Ouro, era impossível. Mas quando o destino intervém, não há força capaz de impedir o que deve ser!

[1] Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-[1852](#)) foi um [escritor](#) e poeta, contista, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro da segunda geração romântica (também conhecida como Ultrarromântica, Byroniana ou Mal-do-século).

[2] Mangás são histórias em quadrinhos e possuem origem japonesa. *Man* (quer dizer involuntário) e *Gá* (imagem); O que os diferencia são os desenhos e *personagens* em si, que têm características e desenhos próprios.

[3] Em 2007, a Cachaça de Alambique de Minas recebeu o título de Patrimônio Histórico e Cultural de Minas Gerais.

[4] Site: <http://www.ampaq.com.br/>

[5] Para quem deseja se informar mais sobre o assunto recomendo: *Manual de boas práticas de fabricação da cachaça de alambique*, dos autores Cleber Miranda Gonçalves; Carlos Augusto Rosa e Ana Paula Trovatti Uetanabaro. Editora: EDITUS.

[6] Associação Mineira de Produtores de Cachaça.

[7] Cidade histórica em Minas Gerais.